



Tiragem Certificada pela **KPMG**

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

siga-nos no twitter.com/verdademz

www.verdade.co.mz

Sexta-Feira 09 de Dezembro de 2011 • Venda **Proibida** • Edição Nº 165 • Ano 4 • Director: Erik Charas

Jornal Gratuito



éVerdade

Em Quelimane o Povo Vota Pela Mudança



Lourenço Aboobacar
37,31 %



Manuel de Araujo
62,69 %

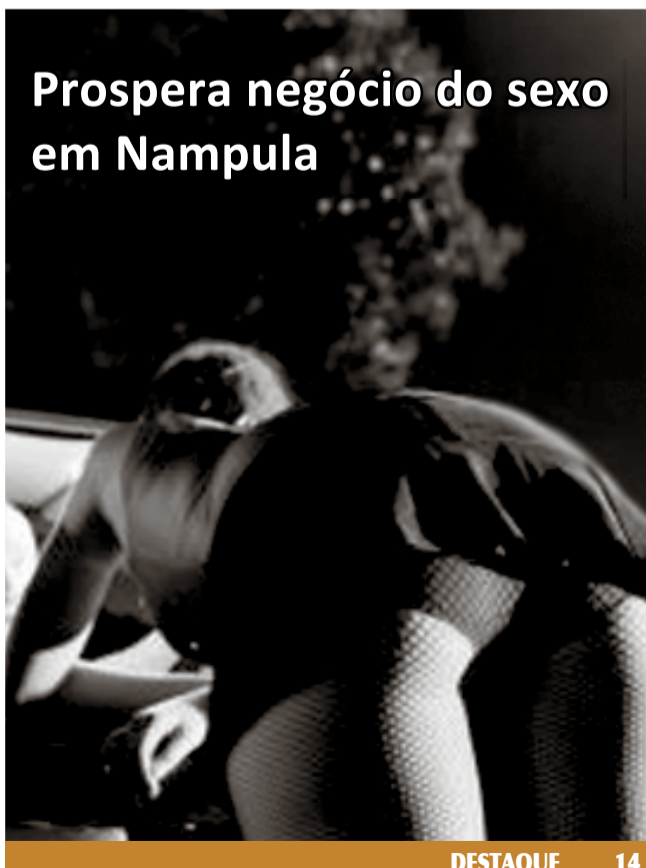
Nulos	Branco
2,14 %	1,13 %

FONTE: Editais afixados nos postos de votação após contagem preliminar em 8/12/2011 às 3h33



“Não temos água em casa,
o rio fica muito longe”

NACIONAL 02



Prospera negócio do sexo
em Nampula

DESTAQUE 14



facebook.com/JornalVerdade

Verdade Manica
é distribuído Patrocínio Grupo Mafuá
nas Províncias de Apoio Conselho Empresarial de Manica (CEP)

Maputo	Sexta 09	Sábado 10	Domingo 11	Segunda 12	Terça 13
					
	Máxima 30°C Mínima 25°C	Máxima 29°C Mínima 23°C	Máxima 31°C Mínima 23°C	Máxima 33°C Mínima 24°C	Máxima 31°C Mínima 25°C

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

A eterna crise de água em Cuamba

Centenas de milhares de munícipes vivem à mercê dos fontenários que não jorram o preciso líquido – um problema que já perdura há vários anos e não se vislumbra uma solução a curto prazo. Sem amparo das autoridades locais e tão-pouco esperança de dias melhores, todos os dias os moradores dos bairros periféricos da cidade de Cuamba lutam para sair do drama de não terem água para beber.

Texto e fotos: **Hélder Xavier**



O nome é Abubacar. Mas prefere que seja tratado por Abu. Ele tem oito anos de idade e vive com os pais numa pequena casa no bairro de Matia, um povoado que dista pouco mais de 10 quilómetros do centro do município de Cuamba. A interminável crise de água que assola a sua comunidade e grande parte dos bairros da cidade deixa Abu e a sua família sem op-

ção. O rio, que era a principal fonte de água, secou, restando apenas viver à mercê da chuva que não cai ou ter de percorrer pelo menos quatro quilómetros a pé até ao poço mais próximo. O único furo que existe nas redondezas há muito que deixou de fornecer o preciso líquido a população.

Agachado diante de uma poça

de água turva, criada pela chuva que caiu no domingo passado (4 de Dezembro), e com uma pequena garrafa de plástico, Abu vai enchendo uma panela. A finalidade é o consumo, apesar de ser imprópria. Mas isso parece não inquietar o rapaz de oito anos, até porque, na lógica do ditado popular segundo a qual “na falta do melhor, o pior serve”, há-de servir

para alguma coisa. “Não temos água em casa, o rio fica muito longe”, comentou.

O problema da falta de água potável é recorrente em Cuamba. O sistema de abastecimento ainda é deficitário e, com efeito, milhares de famílias vivem sob ameaça de não ter o que beber dia após dia. Entretanto, todos os dias, pelas manhãs, dezenas de mulheres e crianças desdobram-se pela urbe e aglomeram-se nos poucos furos de água que existem em alguns bairros da cidade na esperança de garantir pelo menos um balde do precioso líquido. Muitas vezes, tem sido um verdadeiro martírio.

Alguns munícipes de Cuamba ainda consomem água regularmente, muito menos do que gostariam, que o diga Florinda Vicente, de 26 anos de idade, a quem pedimos um copo de água e ofereceu-nos apenas metade. “Há vários dias que não sai água, temos de ir à FIPAG, mas, muitas vezes, é quase impossível voltar para casa com o balde cheio”, justificou.

Resolver o crónico problema de água que afecta quase todos os munícipes continua a ser a principal promessa dos polí-

ticos em Cuamba, mas pouco ou quase nada é feito para se reverter a situação. As pessoas ainda têm de percorrer longas distâncias à procura do preciso líquido, além de consumir água imprópria.

água, pois é a alegria que nos falta”, garantiu.

O tormento de não ter água para o consumo deixa Josefa Gune revoltada. Residente no bairro de Adine 3, afirmou que



“Alegria que nos falta”

Não são ainda 6h30, mas no furo de água no bairro de Mutxora, arredores de Cuamba, já se encontram dezenas de residentes ajuntados. Ornélia, 21 anos de idade, acordou cedo para ser um das primeiras pessoas da fila, mas nem sempre a ordem de chegada é respeitada, pois, há vezes que, quando os ânimos se exaltam, se instala uma confusão e a lei do mais forte vinga.

“falta sensibilidade” aos dirigentes do distrito de Cuamba. “A crise de água não é de hoje, já faz muito tempo que temos vindo a viver assim. Não há vontade por parte das autoridades em resolver este problema”, desabafa.

Aos habitantes de Cuamba continua sendo negado o direito à água. Os dados existentes dão conta que, num total de 43,290 agregados familiares que o distrito dis-



Até às 4h00, Ornélia já está de pé e caminha pelo menos 500 metros até ao furo de água. “Quando cá chego sempre encontro uma enorme fila”, disse, mas o que mais a preocupa é o facto de passar o dia inteiro à espera para obter apenas 20 litros de água. “Todos queremos

põe, somente 0.6 por cento têm água canalizada dentro de casa, aproximadamente nove têm fora, quase 34 por cento recorrem aos poços (a céu aberto) e 31 socorrem-se dos rios. Em cada bairro, um furo de água serve mais de mil moradores.



Publicidade

A PRENDA IDEAL

300mt

1650mt

A PRENDA A QUE TODOS SE PRENDEM

É MUITO MAIS ENTRETENIMENTO

DStv

A situação do transporte público urbano em Nampula continua a ser um problema para a satisfação das necessidades dos utentes em geral. Os vulgos "chapa-100" quase que só funcionam com o mesmo horário da função pública. A nível da chamada "capital do norte" os "chapa-100" quase que deixam de circular por volta das quinze horas. Por vezes, isoladamente, chegam a circular quanto muito até às dezoito horas.

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

ANONIMATO

O ambiente que se vive na Universidade Eduardo Mondlane já é tão difícil de acreditar, quando se verifica o disparo em flecha da taxa de matrícula. A UEM vinha com uma taxa anual de matrícula de 80,00mt (oitenta meticais) anualmente e recentemente publicou-se a mais famosa e doida taxa no valor de 660, 00 mt (seiscentos e sessenta meticais). Que aumento é esse para aquela nossa universidade estatal que conhecíamos ou passa a ser um centro de comércio? É Assim que querem minimizar o défice orçamental na instituição lesando os estudantes? Por favor pedimos que @ VERDADE se inteirasse melhor do facto pois é demais. Nós os de classe baixa perdemos tudo até o ensino?

RESPOSTA

Entrámos em contacto com o Departamento da Administração e Finanças da Universidade Eduardo Mondlane, para aferir o que estava por detrás do galopante aumento da taxa de matrícula. De acordo com a pessoa que nos foi colocada à disposição para responder às nossas inquietações, por sinal funcionário da instituição, o aumento das taxas surge da necessi-

dade de cobrir algumas despesas que a universidade tem.

A fonte disse ainda que o aumento das taxas não começou recentemente, como muita gente pensa. Esta foi decretada no ano passado e vinculava os novos ingressos do ano 2011.

Aquando da sua introdução, a taxa não vinculava os estudantes dos anos anteriores a 2011, sendo que aque-

les continuariam a pagar o valor de 80.00 Mt (oitenta meticais). No presente ano lectivo, os novos ingressos pagaram a taxa de 600 Mt (seiscentos meticais) da matrícula.

A mesma fonte acrescentou que o aumento foi extensivo ao valor das propinas, que anteriormente era de 105. 00Mt (cento e cinco meticais) e que passou, no presente ano lectivo, para 420. 00 Mt (quatrocentos e vin-

te meticais).

Tudo isto, surge da necessidade de tornar autónoma, a maior e mais antiga universidade pública do país.

NOTA: Estas e mais medidas que a maior e mais antiga universidade pública do país adopta, constituem um refúgio ao défice financeiro que se tem propalado nos dias que correm. Entretanto, não se pode, com

isso, prejudicar o acesso ao ensino superior aos que não têm condição para pagar taxas explosivas. Tendo em mente o nível de vida das pessoas que procuram pela UEM, esta ao menos devia avisar com a maior antecedência possível, de modo a permitir que as pessoas que almejam ganhar conhecimentos naquela instituição, se preparem psico-financeiramente.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Publicidade

AJUDE
O SÁBADO SHOW
A ILUMINAR O NATAL
DOS MAIS DESFAVORECIDOS
DE 3 A 22
DE DEZEMBRO
COLOQUE AQUI O SEU PRESENTE
PARA OS NOSSOS AVOZINHOS
DO LAR DE IDOSOS DA MASSACA 2
NÃO CUSTA NADA
VALE UMA TONELADA
DE SORRISOS
JUNTA-TE
A TIM
SOLIDARIA

Para ajudar não precisa pensar em milhões, basta apenas um quilo!

Deposite a sua contribuição nos seguintes locais:
Parque dos Poetas
Pick n Pay
Polana Shopping
Premier
TIM
Triana
Vosso Supermercado
Zap

INFORMAÇÃO
84 500 6636 | solidario@tim.co.mz

UMA INICIATIVA

APOIO

Beira	Sexta 09	Sábado 10	Domingo 11	Segunda 11	Terça 12
					
	Máxima 23°C Mínima 20°C	Máxima 26°C Mínima 20°C	Máxima 30°C Mínima 22°C	Máxima 35°C Mínima 23°C	Máxima 28°C Mínima 23°C

Viver cercado de água

O Distrito Municipal Ka Nyaka ou simplesmente Ilha de Inhaca, dista a pouco mais de 50 quilómetros da cidade de Maputo. É uma zona cercada de água em todos os lados, com uma extensão territorial de 42 quilómetros quadrados.

Texto e fotos: **Hermínio José**



A Ilha de Inhaca no extremo sul da província de Maputo, é caracterizada pelo seu isolamento do país, a vida não só é feita no interior do continente, pois o litoral também se afigura um lugar preferencial para algumas pessoas, quer sejam nacionais, quer sejam estrangeiras, estas últimas que movidas pela força do turismo, saem dos seus países para usufruírem das maravilhas que as belezas paradisíaca e paisagística a pérola do Índico proporciona.

O distrito Ka Nyaka é relativamente pequeno em densidade populacional e extensão geográfica. A sua composição física, caracterizada por planaltos, montanhas e declives, confere-lhe uma invulgaridade tal, que chega a parecer um lugar inabitável, uma vez que as matas que existem no Ka Nyaka dão uma sensação de ser um habitat de animais selvagens que se calhar podem ali não existir. Se para os moçambicanos as matas constituem um lugar menos confortável e repulsivo, para alguns estrangeiros não se pode dizer o mesmo. Eles fazem destas, lugares preferenciais e propícios para inalar um ar puro e esquecer alguns problemas que a vida se lhes impõe ou simplesmente para um deleite.

Na ilha de Inhaca os turistas ou visitantes têm interesses bem definidos, como passar um fim-de-semana, férias, uma parte do dia e voltar às suas procedências. No entanto, existem os nativos que noite e dia sentem na pele as dificuldades e dores que uma vida isolada impõe. São moradores que não só olham para Ka Nyaka como uma referência turística no país, mas preocupa-lhes o facto de não se poder comunicar facilmente com o centro da capital do país e todo o resto, daí as consequências decorrentes que vão desde o elevado custo de vida, caracterizado pela alta de preços de produtos alimentares, passando pela falta de

transportes de Maputo para Inhaca e vice-versa, até à falta de instituições de ensino e o fraco abastecimento da água potável e da corrente eléctrica da rede nacional que ainda não abrangeram na totalidade os três bairros.

O dia-a-dia dos ilhéus

Quando Teresa Pinto nasceu na Ilha de Inhaca, contava o ano de 1975, dia em que o país todo celebrava a sua independência, libertando-se do jugo colonial português que não só oprimia aos moçambicanos, como também os reprimia, diga-se de passagem, recorrendo a métodos desumanos e imbuídos de crueldade.

Os pais da Teresa são nativos de Inhaca, e por ser uma zona situada no litoral, desenvolviam a actividade pesqueira e venda de mariscos. “O meu pai sempre foi pescador, trabalhava por conta própria, diariamente assim que o tempo o permitisse pegava nas suas redes de pesca e a bordo de um barco movido a vela fazia-se ao meio do mar. Dos mariscos que ele conseguia, tirava uma parte para subsistência familiar e outra dava a minha mãe para vender”, conta para depois acrescentar que foi graças ao rendimento proveniente dos mariscos (peixe, camarão e caranguejo) que os seus pais mais do que arcar com as despesas familiares, conseguiam sustentar os seus estudos, desde o pagamento da matrícula até à compra de material escolar diverso.

Esta senhora que agora é mãe de dois filhos, disse que ‘Inhaca de hoje’ é muito diferente da que era dantes, já deixou de ser uma ilha quase que “esquecida”, são muitos os turistas nacionais e estrangeiros que se fazem àquele local para desfrutarem das maravilhas e da beleza natural que a ilha oferece. Dado o facto de ter um poten-

cial turístico, nota-se nos últimos tempos a construção de pequenas e grandes estâncias turísticas, de infra-estruturas sociais como escolas, hospitais, entre outras.

Zefanias Mathe vive no Distrito Municipal Ka Nyaka há sensivelmente 15 anos. Para ele este pedaço de terra no meio das águas oceânicas, está em franco desenvolvimento, aliado ao crescente número de turistas que visitam a ilha para lazer e diversão. “A falta de transporte internamente é um grande problema. Não existem chapas para nos deslocarmos de um lado para o outro, sendo que no caso de viagem por entre o interior do distrito temos que recorrer ao aluguer de viaturas ou táxis, cujos preços praticados revelam-se altos. Porque não temos outra alternativa, somos obrigados a pagar muito dinheiro”, conta para depois acrescentar que algumas pessoas para saírem de um bairro para o outro fazem o percurso a pé.

A despeito dos problemas que Ka Nyaka atravessa, existem boas coisas que vale a pena fazer referência. Se nalgumas partes do país a criminalidade é um delfim para as pessoas, na Ilha de Inhaca, o cenário é avesso, ou seja, quase que não existe a criminalidade uma vez que são poucas as pessoas que dedicam as suas forças e musculatura à expropriação de bens alheios. “Nós andamos noite dentro sem nenhum problema, e raramente se pode ouvir que a casa de fulano ou sicrano foi assaltada. No entanto, como em qualquer lugar, existem daquelas pessoas que na via pública extorquem telemóveis às pessoas, sobretudo durante a noite, mas são casos muito raros”, comenta para depois acrescentar que o Distrito Municipal Ka Nyaka por enquanto está livre da criminalidade, prevalecem a tranquilidade e ordem públicas.

Falta de escolas secundárias

Nélia Adelaide conta com 18 anos, frequenta a 9ª classe, e a falta de estabelecimentos de ensino secundário da 8ª a 12ª classe nos três bairros constitui um grande problema. “Quando os alunos transitam para a oitava passam por um penoso exercício. Há pessoas que vivem no bairro Inguane e para apanharem uma escola secundária têm que se deslocar até ao bairro Ribsene. A situação agrava-se por não haver transportes semi-colectivos de passageiros (chapas) de um lugar para outro, a não ser que se recorra ao aluguer de viaturas, cujos preços são proibitivos e atentam contra os bolsos da pacata população”, afirma.

Neste distrito com cerca de 5.200 habitantes existem 4 escolas do nível primário e apenas uma do ensino secundário que lecciona da 8ª a 12ª classes, sendo que todos os graduados da décima classe que desejam continuar com os estudos concentram-se nesse estabelecimento de ensino que se torna cada vez mais pequeno, atendendo ao volumoso número de alunos que transitam para o segundo ciclo secundário.

Estudantes proibidos de fazer ensino superior

Se pelo menos existe uma escola secundária que acolhe todos os graduados do II ciclo provenientes dos três bairros do Ka Nyaka, o mesmo não se pode dizer em relação ao ensino superior. Não existe se quer alguma instituição que leccione para além do ensino médio, facto que impede os graduados da 12ª classe de prosseguirem com os seus estudos.

Sebastião Macuácu concluiu o nível médio o ano passado, e tinha como objectivo dar continuidade aos seus estudos. No



entanto, não pode fazê-lo por falta de uma instituição de ensino superior quer seja privada, quer seja pública. “Agora estou em casa sem fazer quase nada. Tinha muita vontade de continuar a estudar, mas as condições não o permitem. A única possibilidade que eu tenho é estudar fora da Ilha, por exemplo do outro lado da cidade e província de Maputo. Porque há uma escassez de transportes marítimos de e para o nosso distrito, só posso estudar vivendo lá mesmo”, conta visivelmente agastado com a realidade por que passa naquele ponto do país.

São muitos os estudantes que vivem no distrito do Ka Nyaka e que se encontram na mesma situação que a do Sebastião, pois tendo concluído o ensino médio, não podem dar continuidade, por falta de uma instituição de ensino superior dentro da ilha.

Ka Nyaka livre da criminalidade

Segundo o administrador do Distrito Municipal Ka Nyaka, Sarmento Saul, naquele distrito existem actualmente cerca de 5.200 habitantes, distribuídos em três bairros, nomeadamente Ribsene, onde se encontra a sede do distrito, Inguane (maior em extensão territorial e mais habitado) e Nyakene



(menor em extensão territorial e menos habitado). Sendo que cada bairro tem a sua divisão administrativa que são os quarteirões. Periodicamente o governo distrital reúne-se com a secretária dos bairros para poder medir o pulsar da vida das comunidades. Os encontros, nalgumas vezes, têm sido abertos, onde os moradores manifestam as suas preocupações ou dificuldades que enfrentam dentro dos seus bairros e juntamente com eles procura-se traçar mecanismos para resolvê-los.

Segundo afirma, as reuniões de prestação de contas a nível do distrito são de seis em seis meses, ou seja, duas vezes ao

ano. Em caso de necessidade realizam outros encontros para resolverem questões pontuais relacionadas com as comunidades e com a vida do distrito no geral.

A nível do distrito Ka Nyaka existe um centro de saúde e uma esquadra distrital da PRM na vila-sede e em cada bairro existem postos de saúde. “Nós podemos dizer com toda a certeza que não obstante alguns problemas que o distrito possa atravessar, é preciso realçar de pés afincos que Ka Nyaka é um distrito calmo, com prevalência da ordem e tranquilidade públicas. No entanto, existem raros e escassos roubos de pequena monta, como por exemplo extorsão de telemóveis e carteiras às pessoas que passam pela via pública, sobretudo à noite”, conta.

O administrador disse que o potencial do Ka Nyaka é o turismo, seguido da pesca, existindo também uma variedade de actividades secundárias ou terciárias. Com o Fundo de Desenvolvimento Distrital (FDD), vulgo “sete milhões”, nota-se um surgimento de indústrias de pequeno e médio calibre, nomeadamente serralharia, panificadoras, carpintarias, entre outras.

Em termos de infra-estruturas turísticas, o Hotel Pestana

Inhaca é o cartão de visitas para os turistas, sendo no momento a maior unidade hoteleira naquele distrito. Existem também outras estâncias turísticas pequenas ao longo da vila-sede, pertencentes aos ilhéus.

Há sensivelmente dois quilómetros do Ka Nyaka existe a ilha dos Portugueses ou dos Elefantes. A zona foi declarada pelo governo como uma reserva, sendo que ninguém lá vive, apenas pode ser visitada por turistas que vão e voltam no mesmo dia. Recentemente foi erguida no interior da ilha uma infra-estrutura, onde os turistas podem divertir-se, apanhando a brisa marítima e vendo a beleza natural e pa-

O assassinato, na calada da noite, de um docente do Instituto Superior de Ciências e Tecnologias Alberto Chipande (ISCTAC), Hélder Camilo Cadeado, em Setembro, e de uma jovem, Matilde da Conceição, em Novembro, próximo do restaurante Sunlight, na zona da ponte sobre o Chiveve, cidade da Beira, levou à detenção pela Polícia, de quatro cidadãos, nomeadamente Carlos Alberto Gandir, Jaime Victor Livo Almeida (Paíto), Evinis Agostinho e Coutinho António Coutinho, por suspeitas de envolvimento destes em ambos homicídios.

radisíaca que aquele cerco de água oferece.

Relativamente aos problemas que o distrito litoral do Ka Nyaka atravessa, o da falta de transportes públicos ou semi-colectivos é o mais preocupante e o que mais tira sono aos ilhéus, estes que não raras vezes vêem-se na obrigação de percorrer quilómetros a fio de um bairro para o outro por falta de transporte. Sarmento Saul ajuntou que a escassez de escolas do ensino secundário e a inexistência de uma instituição do ensino superior impede que muitos estudantes prossigam com os seus estudos, recorrendo para o efeito, a escolas da cidade e província de Maputo, cuja trajectória também é condicionada, dada a falta de transportes marítimos de Maputo para Ka Nyaka e vice-versa.

Alta de preços

O elevado preço de produtos alimentares e não só, deve-se ao facto de, para comprar os mesmos ter de se recorrer à cidade de Maputo, para onde tem que se fazer a travessia de barco seja privado ou público. Devido ao pagamento pelo

carregamento dos produtos do armazém para o porto e seu transporte nos barcos de Maputo/Ka Nyaka, os agentes comerciais desembolsam muito dinheiro e em virtude disso, vêem-se na obrigação de aumentar os preços desses produtos, o que dificulta ou complica mais a vida de algumas famílias de baixo rendimento.

Por exemplo um saco de cimento nacional ronda entre os 380 e 400 meticaís, quando cá do outro lado da margem o preço, nos últimos dias, tem estado a reduzir substancialmente, chegando até a custar o saco de arroz de 50 quilogramas, 235 e 254 meticaís, e um saco de 25, 750 meticaís, entre tantos outros produtos que, se comparados com os praticados na cidade de Maputo, os preços saem quase a dobrar. Esta alta de preços deve-se ao custo de transporte no carregamento dos produtos, dos armazéns, para o Porto e do Porto ou ponte-cais para o distrito de Ka Nyaka, uma viagem que dura cerca de três horas.

Entretanto, os dois barcos que circulam de Maputo para Ka Nyaka e vice-versa, viajam ape-

nas duas vezes ao dia, sendo uma de manhã por volta das 8 horas, com a partida para Inhaca e outra no regresso às 15



para Maputo. Portanto, é quase impossível trabalhar na cidade ou província de Maputo, vivendo no distrito Ka Nyaka, isso devido à restrita e condicionada circulação dos transportes marítimos que operam para os dois lados. O barco da Transmarítima de Maputo (empresa pública) cobra uma tarifa que ronda os 250 meticaís por passageiro em cada

viagem e o barco pertencente aos Serviços Marítimos de Ka Nyaka (empresa privada) cobra 1750 meticaís por cada pas-

sageiro, ida e volta, no verão, e, no Inverno, 1500, sendo que os ilhéus pagam pouco menos de 300 meticaís.

Taxas obrigatórias pela conservação da ilha

Segundo o administrador de Ka Nyaka, os viajantes ou turistas nacionais ou estrangeiros que queiram visitar a

Ilha de Inhaca devem pagar no momento do desembarque uma taxa de 100 meticaís no caso de nacionais e 200 para estrangeiros. Estas taxas são relativas à conservação e preservação da ilha. No entanto, os nativos e moradores de Inhaca estão isentos destas taxas. Saul acrescenta que a Ilha de Inhaca para servir de um potencial turístico e manter o seu legado na área, deve ser conservada e investida nos mais variados âmbitos, como por exemplo na construção de infra-estruturas turísticas, de escolas, estradas, criação de uma rede de transportes internos, limpeza e mais. Tudo isto com o fito de acolher, da melhor maneira, os visitantes, turistas nacionais e estrangeiros que escalam aquela ilha que carrega consigo um simbolismo histórico.

Refira-se que tanto a Ilha de Inhaca como a dos Elefantes ou dos Portugueses que distam uma da outra pouco menos de dois quilómetros da água, são geridas e controladas pela Universidade Eduardo Mondlane, e a ideia de pagamento das taxas foi desta instituição de ensino superior.

A sombra onde Samora relaxava

Ao lado da Administração do Distrito Municipal Ka Nyaka, a nossa reportagem pôde ver a sombra da árvore de canhueiro onde o primeiro Presidente de Moçambique Independente, Samora Moisés Machel, tinha como seu lugar preferencial para refrescar ou relaxar. Fazia-o por volta da década 60 quando trabalhava como enfermeiro no centro de saúde de Inhaca, na altura sob o controlo do distrito de Matutuine.

Segundo fontes ouvidas no local, na Ilha de Inhaca, Samora trabalhou quase dois anos, tendo depois partido para a Tanzânia onde iria juntar-se à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). No Ka Nyaka Samora teve a sua primeira esposa, sobeja e carinhosamente tratada por "vovó sorte chai", (salvo erro), com a qual presume-se tenha tido dois filhos.

Actualmente a unidade sanitária onde Samora trabalhava, serve de residências dos funcionários que trabalham no centro de saúde ora em funcionamento na sede do distrito.

Governo aumenta taxas para exploração madeireira e faunística no País

O Conselho de Ministros, reunido esta terça-feira, na sua 44ª Sessão Ordinária, aprovou um decreto de revisão do Regulamento da Lei de Floresta e Fauna Bravia. A exploração dos recursos florestais e faunísticos em Moçambique é regulada pela Lei de Floresta e Fauna Bravia bem como pelo regulamento acima referido.

Texto: **Herminio José**

Segundo o porta-voz do Conselho de Ministros, Alberto Nkutumula, 12 anos após a entrada em vigor desta legislação constatam-se algumas fragilidades que dão espaço de manobras para a prática de algumas infracções, sem que as sanções aplicadas sejam suficientemente dissuasoras destas mesmas infracções.

No rol das dificuldades da aplicação destas leis destaca-se a insustentabilidade da exploração florestal em regime de licença simples, esta que é aplicável apenas aos cidadãos nacionais e consiste na exploração madeireira por um ano renovável e os exploradores suportados por este tipo de licença não são obrigados a apresentar qualquer que seja o plano de manejo no que concerne à reposição das árvores abatidas. Este tipo de prática em que a pessoa explora uma área e depois a outra, afigura-se insustentável e inimiga do ambiente.

Nkutumula disse que em virtude disso, este decreto vem estabelecer algumas soluções, a primeira das quais pressupõe que a exploração florestal em regime de licença simples passe a ser feita com base na apresentação obrigatória de um plano de manejo, com a duração de 5 anos e numa área de 10 mil hectares, de maneira a que no momento em que é feita a exploração madeireira num lugar, noutro se faça a reposição das árvores abatidas.

Outra fragilidade apresentada pelo porta-voz do Governo e igualmente vice-ministro da Justiça, é a crescente prática de infracções faunísticas, o que se deve ao facto de as sanções aplicadas actualmente não serem suficientemente dissuasoras para que os prevaricadores parem com os seus actos. Por exemplo, a pessoa abate um elefante e paga uma multa que não corresponde ao preço do animal abatido.

Para reverter a situação, o valor das

sanções aplicadas passam a ter um mínimo de 10 mil meticaís e máximo de 1 milhão de meticaís consoante a espécie florestal ou faunística abatida.

A outra situação tem a ver com as taxas de exploração, sendo que as actuais taxas de exploração madeireira e faunística são muito baixas, o que de certa forma resvala na baixa arrecadação de receitas para o Estado.

Alberto Nkutumula disse que foi sobre este diapasão que o Governo decidiu estabelecer taxas de exploração madeireira com o mínimo de 300 meticaís e máximo de 3 mil meticaís por metro cúbico, consoante a espécie madeireira explorada e, no que concerne à exploração das espécies faunísticas foi estabelecida uma taxa mínima de 30 e o máximo de 270 mil meticaís dependendo da espécie faunística abatida.

Estes são alguns dos dispositivos legais que serão incorporados no actual Regulamento da Lei de Floresta e Fauna Bravia.

Ainda na 44ª Sessão Ordinária do Conselho de Ministros, foi aprovada uma resolução que aprova o Projecto Florestas de Niassa, localizado na província com o mesmo nome, concretamente nos distritos de Majume, Lichinga e Muemba.

Para a execução deste projecto foi concedida uma área de 39.827 hectares. O objectivo principal deste projecto é o reforestamento e a exploração florestal, bem como o processamento e a comercialização da madeira. O porta-voz do Conselho de Ministros acrescentou que o valor total deste investimento é de 80 milhões de dólares, sendo que em termos de capital social 20% é nacional e 80% capital estrangeiro.

Nesta área serão plantadas árvores de pinho, eucalipto e outras espécies faunísticas que poderão servir para a

comercialização. Quanto a implementação do projecto, Alberto Nkutumula disse que nos primeiros dez anos este projecto irá dedicar-se às plantações das árvores de pinho e eucaliptos assim como outras espécies nativas.

Na segunda, ou seja, depois dos dez anos será feita a montagem da indústria de processamento e na terceira que vai entre o 20º e 25º ano, será feita a implementação efectiva do projecto.

Nos próximos 20 a 25 anos esperam-se receitas médias anuais no valor 500 milhões de dólares e na próxima década prevê-se a criação de 500 mil postos de trabalho.

Criação do Serviço Nacional de Transplantes

A 44ª Sessão Ordinária do Conselho de Ministros foi também marcada pela aprovação de uma Proposta de Lei relativa ao transplante de órgãos, células e tecidos humanos e a criação do Serviço Nacional de Transplantes.

A vice-ministra da Saúde, também presente no briefing desta terça-feira, trouxe mais detalhes sobre este dispositivo legal.

Nazira Abdula disse que esta proposta afigura-se necessária aqui em Moçambique, pois o perfil epidemiológico do nosso país já não se circunscreve apenas nas doenças infecto-contagiosas, pois existem actualmente muitos cidadãos padecendo de doenças crónicas degenerativas, como é o caso de hipertensão crónica, diabetes, estas que levam na maioria das vezes a lesão de alguns, tecidos ou células.

A única possibilidade que os pacientes têm é socorrem-se do transplante destes órgãos, para além disso, as pessoas necessitando de algum transplante são obrigadas a deslocarem-se ao exterior, uma vez que em Moçambique ainda



não existem alternativas deste meio terapêutico.

A vice-ministra da Saúde disse que o transplante de órgãos, tecidos ou células garante a sobrevivência do paciente bem como a melhoria da sua qualidade de vida.

As deslocações ao estrangeiro para efeitos de transplante acarretam elevados custos e só beneficiam a um punhado de doentes. Se forem criadas as condições a nível do país, serão abrangidos muitos cidadãos que necessitam destes serviços.

“No nosso país já temos as capacidades técnicas e humanas para fazermos alguns tipos de transplantes, tal é o caso do transplante da córnea, este órgão que provoca a cegueira no paciente”, acrescentou.

Entretanto, a número dois da Saúde disse que é necessário uma legislação para regular esta actividade, afinal de contas o transplante não é apenas um acto médico, sendo que envolve várias áreas, nomeadamente a sociedade ci-

vil, integridade física das pessoas e não só.

Mais ainda, este processo tem um impacto muito importante. A presente Proposta de Lei é aplicável a todos os cidadãos moçambicanos e estrangeiros a residirem em Moçambique, assegurando este processo desde a doação, extracção, transplante e a própria implantação do órgão seja protegido por lei, oferecendo também maior segurança aos cidadãos.

Depois de submetida e aprovada a Proposta de Lei pela Assembleia da República, a mesma será divulgada pelas comunidades para melhor se inteirarem destes serviços de extrema importância para a vida. O princípio que guia a actividade de transplante deve ser voluntário, altruísta e terapêutico.

Criado o Serviço Nacional de Transplante vai poder reger todo este processo em Moçambique, como é que ele vai decorrer, as condições necessárias, normas que devem ser respeitadas, entre outras questões relacionadas com esta actividade.

RADAR

COMENTE POR SMS 821115

Editorial

averdadez@gmail.com

Quelimane: zona libertada da Frelimo

1. Não foi Lourenço Abubacar que perdeu. Foi todo o partido Frelimo, a sua poderosíssima máquina logística e os rostos mais salientes da sua estrutura dirigente que quase fixaram residência em Quelimane.

2. Não foi apenas uma vitória de Manuel de Araújo ou do povo de Quelimane. Toda a juventude nacional esclarecida e que não se revê na Frelimo, a classe intelectual apartidária e as massas das zonas urbanas pobres de todo o país apoiavam moralmente a sua candidatura e ansiavam com fé a sua vitória. Com efeito, a eleição de Manuel de Araújo constituía um imperativo nacional para contrabalançar a prepotência, a insensibilidade e indiferença de um sistema que tende, nos últimos tempos, a olhar mais para o seu umbigo e a distanciar-se cada vez mais do povo.

3. A vitória de Manuel de Araújo nestas Eleições Intercalares estimula a emergência de mais jovens "aventureiros" que possam contrapor a imponência plástica de uma juventude subserviente ao sistema, alheias às aspirações do grosso da camada juvenil geral e repugnantemente virada para a prossecução de interesses egocentristas e clubistas.

4. Nunca se viu o povo de verdade, maioritariamente composto por jovens entre os 18 e os 30 anos, a celebrar efusivamente a vitória de um candidato da Oposição que, até há um par de meses atrás, era um indivíduo praticamente "desconhecido" na cidade de Quelimane.

5. O povo de Quelimane votou contra a mentira que já perdurava há mais de 12 anos. Aquele povo mostrou unidade e não se deixou impressionar pela "brigada de elite" vinda especialmente de Maputo para ajudar a perpetuar a marginalização eternizada dos bairros periféricos e a deterioração infraestrutural crescente da cidade de cimento. Manteve-se vigilante e esteve nas ruas até ao último momento para assegurar que o sistema não lhes roubasse as únicas armas que lhes restavam: o voto e a dignidade.

6. Mensagem para os governantes: o povo mudou. É hoje composto maioritariamente por uma juventude que está cada vez mais esclarecida da sua condição marginalizada (muitos não têm como prosseguir os seus estudos ou a possibilidade de arranjar um emprego formal, vivem em bairros degradados e mal se alimentam), não têm nenhuma relação umbilical ou ideológica à Frelimo e têm estado a aprender pela televisão, nestes últimos tempos, como é que se faz uma revolução. Dito de outra forma, Quelimane foi um golpe certo nos testículos da arrogância de um sistema excludente, distanciado do povo e que gravita em torno de si mesmo. Abriu-se uma luz no fundo do túnel da esperança, e a libertação presente dos libertadores do passado pode ser um facto à médio prazo, se a lição de Quelimane for devidamente aprendida e apreendida por outras regiões geográficas deste país.

"A vitória de Manuel Araújo em Quelimane representa, em minha opinião, um severo castigo à insensibilidade política, ao "lambotismo" e à fidelidade sem princípios. Vão longe os tempos em que o discurso político dominante correspondia a uma prática efectiva, com amplo respaldo popular... Haja agora inteligência e humildade para se retirarem as devidas lições, a bem da democracia e da cidadania..." João Carlos Trindade in facebook



Boqueirão da Verdade

"Ao aproximar a quadra festiva, a nossa aposta é proporcionar um momento de festa tranquilo aos cidadãos, quer sejam moçambicanos, quer sejam estrangeiros. Durante a quadra festiva refutamos e não queremos suborno aos nossos agentes policiais, extorsões pedidos de refresco e dinheiro aos cidadãos o dito 'fala como homem'. Mas sim queremos uma boa conduta durante as nossas operações", Comandante-Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM), Jorge Khalau, in Magazine Independente.

"Porque a quadra festiva é um período cheio de episódios maus e oportunismo, alertamos as instituições bancárias, empresas públicas e privadas para que a movimentação de avultadas somas de dinheiro seja feita com a participação directa dos agentes policiais, isto para evitar situações de assaltos simulados ou combinados, que acontecem em quase todo território nacional", idem.

"A família do empresário Yacub Satar, co-proprietário da Sociedade Moçambicana de Ferragens (SO-MOFER), desembolsou um milhão de dólares americanos para o resgate do empresário que fora sequestrado semana passada no Circuito de Manutenção Física António Repinga, na baixa da cidade de Maputo. O Porta-voz da PRM da Cidade de Maputo, Orlando Modumane, confirmou que a família do empresário pagou o resgate do empresário", in Canal de Moçambique.

"Para efeitos de pesquisa, ando a monitorar a imprensa moçambicana, praticamente 24/7... Devo confessar, que estou admirada com a quantidade de "anglicismo" - se assim os posso chamar - que a versão Moçambicana do português já adoptou - em menos de 1 minuto, na rádio estatal (pública) ouvi "MC Roger Initiative" e "Mozambique Fashion Week"... Acho que chegou a minha vez de concordar com os

defensores da teoria segundo a qual, o português (na sua forma original) está em perigo de desaparecer...", Zeinada Machado, in facebook

"A cidade de Nampula registou, semana passada, um caso insólito e menos comum. Um facto contrário aos princípios morais e éticos desta região do país. Trata-se de um casamento incomum, unindo, matrimonialmente, um jovem vivo e uma malograda, ou seja, uma cidadã já falecida. Familiares do jovem, contactaram a reportagem do O Nacalense para dar a conhecer o caso insólito, tendo dito que tudo começou quando um jovem de nome Recardine Mavemba, residente nos arredores da cidade de Nampula, teria se envolvido numa relação amorosa com uma jovem que em vida respondia pelo nome de Márcia Lampião, 18 anos de idade, tendo resultado em gravidez", in jornal o Nacalense.

OBITUÁRIO: Sócrates Oliveira - 1954 - 2011 57 anos



O ex-capitão da selecção brasileira de futebol Sócrates morreu na madrugada do passado domingo (4), vítima de uma infecção intestinal.

O antigo jogador, que disputou os mundiais de 1982 e 1986, tinha quinta-feira sido hospitalizado pela terceira vez num ano no Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Segundo fontes hospitalares, Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira, 57 anos, morreu em consequência de um "choque séptico", depois de ter sido submetido a um tratamento com potentes antibióticos.

Médico de profissão e, por isso, apelidado de "Doutor", Sócrates, casado e tinha seis filhos, já tinha sido hospitalizado outras duas vezes este ano por problemas derivados dos seus excessos com o álcool, que lhe causaram uma cirrose hepática, tendo mesmo admitido a sua dependência na segunda vez e manifestado o desejo de acabar com a mesma.

Conhecido pela elegância do seu jogo, principalmente o seu jogo de calcanhar, Sócrates militou quase toda a sua carreira no Corinthians, clube que pode se sagrar hoje campeão brasileiro pela quinta vez, na última jornada do "Brasileirão".

Em termos de títulos, este médio ofensivo conquistou três campeonatos estaduais pelo Corinthians (1979, 1982 e 1983), tendo ainda conquistado o estadual do Rio de Janeiro e a Taça do Rio de Janeiro em 1986, ao serviço do Flamengo.

Além do "Timão", o jogador representou ainda o Flamengo, o Santos e o Botafogo de Ribeirão Preto, bem como os italianos da Fiorentina.

Na memória colectiva perdura ainda a sua figura no Mundial de Espanha de 1982, torneio em que o Brasil foi afastado após uma derrota por 3-2 diante da Itália, numa selecção que ainda hoje é considerada uma das melhores de sempre.

Para lá do futebol, Sócrates também se dedicou à política, tendo sido um activo militante de esquerda nas décadas de 1970 e 1980 e participado em múltiplos protestos contra a ditadura que governou o Brasil entre os anos de 1964 e 1985.

SEMÁFORO



VERMELHO – PRM e quadra festiva

Quando se aproxima a quadra festiva é sempre a mesma ladainha de sempre. O Comandante-Geral da Polícia da República de Moçambique, Jorge Khalau, disse há dias, na província de Maputo, que, durante a quadra festiva que se avizinha, a sua corporação vai endurecer as medidas e as suas operações, reiterando que os seus agentes não devem aceitar suborno, muito menos fazer cobranças ilícitas aos cidadãos. Isto mostra que há conhecimento da prática de corrupção, mas nada é feito para reverter a situação. Todos os dias assistimos aos agentes da PRM a socorrerem-se de cobranças infundadas, alegando o salário mísero que recebem.



AMARELO – Relegadas à história as eleições intercalares 2011

Esta quarta-feira, 7 de Dezembro, foi realizado o processo de votação nas autarquias de Cuamba, Pemba e Quelimane. Como sempre, os brigadistas deixaram a descoberto as suas deficiências no uso do equipamento electrónico alocado para proceder e "facilitar" o processo. Muitos eleitores viram-se na obrigação de voltarem às suas casas sem ter exercido o seu direito cívico porque os seus nomes não constavam das listas. Alguns polícias como nunca quiseram ver a caravana passar, desrespeitavam e ignoravam distância pré-estabelecida que devem manter das mesas de voto. Até parece que esses agentes da lei e (des)ordem foram instruídos para trabalharem atrelados na ilegalidade.



VERDE – Governo aperta o cerco aos exploradores da madeira e fauna bravia em Moçambique

O Conselho de Ministros fez a revisão do Regulamento da Lei de Floresta e Fauna Bravia. Na mó de cima estão os agravamentos que o Governo decidiu doravante aplicar em relação às taxas de exploração madeireira e faunística. Anteriormente, as taxas eram baixas e os exploradores abatiam as árvores e animais para depois pagarem uma taxa que não compensa o abatimento dessas espécies. Com estes agravamentos, o Estado poderá arrecadar mais receitas aos seus cofres, mais do que isso esta é uma forma de disciplinar os exploradores que destroem as espécies e pouco ou em nada se importam em repô-las.

Escreva-nos para o endereço **Av. Mártires da Machava 905, Maputo;** para o email **averdademz@gmail.com** ou para os números de **SMS 821115**. Partilhe as suas opiniões com @Verdade, no **facebook.com/jornal.averdade** ou através do **twitter.com/verdademz**

Aceitamos que nos contactem usando pseudónimos ou sob anonimato - mediante solicitação expressa - porém, indicando o nome completo do remetente e o seu endereço físico.
A redacção reserva-se o direito de publicar ou editar as cartas, sms ou email ou mensagens recebidas.

VOZES

COMENTE POR SMS 821115

@Verdade da Manhiça

David Gabriel Nhassengo
I averdademz@gmail.com

O caranguejo

Mera coincidência é qualquer semelhança. Tudo começou no rio Inkomati, algures na Vila Manhiça. Vicente era caranguejo. Paulo era seu irmão gémeo.

Certo dia, certo pescador terá lançado a sua rede no rio. A actividade como era de hábito, duraria cerca de meia hora. Meia hora com a rede no rio e o sublime marítimo a dissipar em fumaça, certos quilogramas de qualquer erva na cilada do pescado. Ele, na verdade, sabia unicamente de que saíria dali com algum e não fazia ideia do que verdadeiramente se passava lá dentro. E lá dentro...

Vicente, juntamente com os filhos terá caído nas malhas do pescador. Nada mais restava além de conformar-se pelo facto de mais tarde poder ferver numa panela qualquer. E caranguejo que moureje, para sempre caranguejo, eis que aproxima-se à borda da rede e num ápice puxa o seu irmão Paulo rede adentro.

Paulo em nada percebeu. Na sua mente pequena lhe cabia a ideia de ter sido apanhado pela correnteza e impelido a juntar-se aos ilustres companheiros enclausurados.

Vicente por sua vez, para ludibriar tudo e a todos fugindo da sua responsabilização pelo acto de ter puxado o seu irmão ao infortúnio, dissimulou um ataque cardiovascular e amorteceu-se. Porém ali não houve alvoroço algum. Era aquele o destino de todos: a morte.

Já fora. E mais afora...

Não é de morte que a gente teme. Outra até justifica-se que é do "como morrer" que teme. Mas na verdade, nem uma nem outra. A verdade é que o Ser teme sim sentir a sensação de estar morto.

De abandonar esta vida para a outra pois ninguém sabe de que lhe espera a posterior. Por sorte e sem se saber como [se calhar pela irmandade que os une] Vicente e Paulo, caem na mesma panela. Por ali havia mais 2 companheiros, caranguejos. Vicente mantinha-se amortecido. Paulo, esteve por alguns minutos desfalecido como consequência da falta de água aquando da sua transacção até àquela panela onde, por sorte, ambos foram introduzidos em bruto: assim como eles saíram do mar.

Paulo aparentemente inconformado, dentro da panela formula uma fuga. Usa os seus acúleos para galgar as orlas da panela e assim ver-se fora dela enquanto a cozinheira aproveitava-se do momento da fervedura para dar umas voltas. Vicente mantinha-se invernado. Afadigado e num passo lento de quem enfrentara e saíra vencedor de uma tremenda luta, Paulo cavalga a panela e já no seu pegadouro, a escassos milímetros de dar um salto triunfante para bem longe, decide dar uma pausa relaxante com fôlego de um herói. Porém, o que não esperava enquanto descansava no pegadouro Paulo, era o esquivo acto do seu irmão: Vicente apercebendo-se da subida gloriosa por mero esforço do Paulo, monta por cima dos dois companheiros e ganha altura que o facilita a dar um salto super alto ao alcance do seu irmão puxando-o de volta a panela. Na queda e já fatigado pela tentativa de fuga de sucesso, Paulo cai, bate-se com a cabeça no abro e perde consciência. A água por sua vez já bem quente abalroa-lhe e acelera a sua morte para a felicidade do Vicente Caranguejo, este que foi o último a morrer.



Leslie V. Rowe*
I averdademz@gmail.com

"Devemos SER a mudança que queremos ver no mundo"; esta talvez seja a maior afirmação feita por Mahatma Gandhi. Embora na altura provavelmente Gandhi não estivesse a pensar numa praga como o HIV/SIDA, esta ideia faz sentido ao pensarmos na forma de lidar com os muitos desafios que esta doença representa para o mundo. Se Gandhi tinha razão, então qualquer progresso que fizermos não será resultado apenas das políticas a alto nível, mas também do compromisso pessoal que cada um de nós fizer no sentido de lutar contra a disseminação da doença. Cabe a si, a mim, e a nós lutarmos para impedir a disseminação do HIV e eliminar o estigma.

A cada dia 1 de Dezembro, comemoramos o Dia Mundial do SIDA, reflectimos sobre as vidas perdidas, e as vidas que mudaram para sempre, em resultado do SIDA. Também é uma oportunidade para lembrarmos que as pessoas não só morrem do SIDA, mas também vivem com o HIV. Hoje celebramos o facto de que, trabalhando em conjunto, os Estados Unidos, Moçambique e outros parceiros salvaram e melhoraram milhões de vidas por causa do nosso compromisso de vencer esta luta. E, nas palavras da Secretária de Estado Hillary Clinton, agora estamos perante "uma oportunidade histórica, que todo o mundo tem hoje: de mudar o curso desta pandemia e abrir o caminho para uma geração livre do HIV/SIDA". Cada sociedade tem os seus pró-

@verdade convidada**Moçambique e América: Unidos Agindo por uma Geração Livre do HIV/SIDA**

prios costumes para relembrar e honrar aqueles que perdeu. Todos os anos, por exemplo, existe um ritual na América rural onde se cravam tres mil marcos no chão para comemorar os homens, mulheres e crianças que faleceram nessa região por causa do SIDA desde 1985. Aqui em Moçambique, muitas comunidades possuem as suas próprias formas de prestar tributo aos que perderam as suas vidas para esta doença. Todos nós conhecemos alguém que está a viver com esta pandemia ou que faleceu por causa da mesma. Mas talvez a maior tragédia desta doença aconteça quando afecta aqueles que são mais vulneráveis. Hoje em dia, uma em sete novas infecções ocorre quando a mãe transmite o vírus para a sua criança. Acreditamos que se as nações e os parceiros dedicarem os seus recursos e o compromisso que é necessário, poderemos eventualmente diminuir esse número para zero. Sara Sacco, uma activista seropositiva nos Estados Unidos reflectia recentemente: "Pergunto-me se conseguimos realmente compreender o significado de... nenhuns bebés nascerem seropositivos. Se não cavássemos covas, se nenhuma criança ficasse órfã. Nem uma só. Espero que cada criança tenha as mesmas hipóteses que a minha filha de nascer livre do HIV... Agora sabemos como diminuir a possibilidade de uma mãe transmitir HIV à sua criança até quase zero".

Ao utilizarmos as nossas capacidades colectivas científicas, aca-

démicas e de pesquisa, descobriremos formas adicionais criativas e eficazes de prevenir e tratar a doença. Por exemplo, um estudo recente mostrou que o tratamento anti-retroviral reduz a probabilidade de transmissão do HIV a um parceiro não infectado em cerca de 96%. Usando a pesquisa e os dados obtidos para guiar a utilização dos recursos limitados num ambiente económico difícil, podemos seleccionar os programas e intervenções que serão mais eficientes. E o nosso compromisso conjunto será essencial – no ano 2000 em Abuja, Moçambique comprometeu-se a dedicar 15% do seu orçamento global para a saúde, incluindo a luta contra o HIV. Estou convencida que este nível de investimento por parte do Governo de Moçambique será necessário para alcançar o progresso que o país necessita. Os avanços que têm sido feitos em Moçambique e por todo o mundo são notáveis. Apenas no ano passado, através do Plano de Emergência do Presidente dos Estados Unidos para o Alívio do SIDA (PEPFAR), os Estados Unidos apoiaram directamente cerca de 159 mil homens, mulheres e crianças em Moçambique com o tratamento anti-retroviral que salva vidas. O PEPFAR também providenciou cuidados e apoio a mais de 600 mil pessoas, incluindo perto de 73 mil órfãos e crianças vulneráveis. O PEPFAR providenciou medicamentos preventivos a aproximadamente 43 mil mulheres grávidas infectadas pelo HIV para impedir que os seus

bebés nasçam com o HIV.

Ao trabalharmos em conjunto com Moçambique, abraçamos investimentos mais inteligentes para salvar mais vidas. Para além do tratamento e prevenção da transmissão vertical, em conjunto aumentámos a circuncisão masculina médica voluntária, os testes do HIV e outras intervenções baseadas em evidências. Estamos focados na utilização dos nossos recursos da forma mais eficiente e eficaz possível para maximizar o impacto humano dos nossos investimentos e salvar mais vidas.

Apesar dos tempos económicos desafiadores que enfrentamos, os Estados Unidos continuam comprometidos com o seu papel de liderança na resposta global ao SIDA. Para estarmos à altura do desafio que esta doença constitui, precisamos do compromisso de todas as partes – do Governo dos E.U.A. e outros parceiros, do Governo de Moçambique, da sociedade civil, de organizações de base religiosa, do sector privado e de cada um de nós individualmente.

Hoje, reconhecemos o caminho percorrido na luta para reverter a corrente do HIV, mas também reconhecemos a distância que ainda temos que percorrer. Neste Dia Mundial do SIDA, estamos juntos e renovamos os nossos esforços para alcançar a meta de uma geração livre do SIDA.

***Embaixadora dos EUA em Moçambique**

SELO D'@Verdade

averdademz@gmail.com

AFINAL, DE QUE MINEIROS SE FALA?

Sr Director:

Muito obrigado por ceder-me este espaço, mais uma vez.

Os mineiros a trabalharem na África do Sul, vulgo RSA, estiveram na ribalta, semana passada, com a imprensa, como sempre, a constituir cavalo de batalha para fazer circular a mensagem.

De tudo quanto se disse, viu-se que houve alta dose de má fé e um grande oportunismo por parte de quem se intitulou representante de mineiros pois, o que temos vindo a assistir, nos últimos dias, são pessoas que reivindicam tudo e a todos, fazendo-se passar por legítimos representantes deste ou daquele grupo social, cobertos de interesses esquisitos e nunca revelados. Notamos que, para alguns, a sobrevivência virou um produto de muitas jogadas, incluindo as mais sujas.

Ao Governo, o meu apelo é no sentido de que não se deixe levar por indivíduos invisíveis, mesmo à luz do dia. Os verdadeiros mineiros de que se querem apoderar como seus objectos estão na África do Sul, a suar para ter o

pão para si e para as suas famílias. E não estão em Moçambique a contactar jornais para mentir e difamar o Governo, porque este é a única esperança que temos neste momento para resolver-nos os pendentes de séculos e séculos. Enquanto nós estamos a vender a vida lá no subsolo, no "john", outros estão em Moçambique sentadinhos, a fazerem-se de nossos representantes, cobrando dinheiro às nossas esposas e viúvas sob o pretexto de que vão resolver os nossos problemas. Nós fomos implorando ao Governo de Moçambique durante todos estes anos, e de forma insistente, para abrir-nos contas pessoais, para acabar com a brincadeira de perpetuar-nos nas bichas para reavermos o que é nosso por direito e, acima de tudo, depois de tanto sacrifício nas minas. Agora, como estamos no fim do ano, os oportunistas já começaram a actuar, recorrendo a cobranças a mineiros sob o pretexto de garantirem o regresso das férias e outras falsidades. Coitadinhos de nós, ainda temos a polícia também para cobrar-nos nas férias, a caminha da terra!

Apelamos à senhora ministra Trabalho, Helena Taipo, para não se intimi-

dar com pessoas de má fé. Ela sabe que nós incomodámo-la, noite e dia, mesmo quando veio visitar-nos na África do Sul e dissémo-la, de caras, para poupar-nos do sofrimento que passamos para termos os nossos salários. Porque é que querem continuar a dar-nos dinheiro em mão e depois de muita ginástica, se um simples cartão bancário pode resolver o sofrimento das nossas esposas e filhos num instante? Mas querem é ver-nos a sair da África do Sul só para receber o salário, deixá-lo com a família e regressar novamente. Quem nos paga essas despesas? Nós queremos também ver o dinheiro nas nossas contas individuais e saberemos gerir sozinhos e não nas contas do Ministério do Trabalho ou da TEBA. Nós também somos pessoas quanto as outras que usufruem das facilidades que a modernização bancária trouxe ao nosso país e ao mundo em geral.

Por que é que certas pessoas teimam em ver-nos a sofrer eternamente em filas e em empurrões nos balcões da TEBA e do Ministério do Trabalho para recebermos o nosso próprio dinheiro? Porquê? Porquê não confessam de uma vez por todas, então? Estão instrumen-

talizados?

É impensável que hoje haja gente que ainda pensa como na idade média, com a ciência a avançar a passos galopantes. O mineiro, como eu disse na outra ocasião, também quer gerir o seu dinheiro na conta pessoal. Resistem com a modernização porque ganham com os sistemas caducos? Ou não será? Ao que tudo indica é isso mesmo. Assim também o fazem ou o fizeram em relação ao INSS. Não querem a informatização do sistema de pensões porque tudo estará à vista, transparente, e os fantasmas desaparecerão. Agora, insatisfeitos com os avanços, tanto na informatização do INSS como no esforço de colocar o dinheiro do mineiro na conta individual, já estão em ataques cerrados a quem trabalha para o bem da maioria e dos honestos, sobretudo a impulsionadora dessa modernização, a ministra do Trabalho. Para onde vamos com esta triste mentalidade? Para a frente ou para trás? De certeza que é para trás. Tenho dito. Até breve.

Santos Cumbe Chiluvane
West North Province-RAS



esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em **twitter.com/verdademz**

Pelo menos 62 pessoas foram mortas e 150 ficaram feridas durante um atentado suicida em Cabul contra uma procissão xiita da Ashura. Os ataques ainda não foram reivindicados, mas os talibãs, sunitas radicais, acusaram os xiitas, minoritários no Afeganistão, de heresia e proibiram-nos de celebrar o rito quando estiveram no poder entre 1996 e 2001.

Vitória com sabor amargo para Putin

O Partido Rússia Unida, de Vladimir Putin, venceu as eleições legislativas russas de domingo passado. Porém, com 49,6 por cento dos votos (ainda sem a contagem completa), estava em aberto se manteria a maioria absoluta.

Texto: **jornal Público de Lisboa** • Foto: **REUTERS**

Esta percentagem atribui-lhe 220 lugares na Duma, a câmara baixa do Parlamento composta por 450 deputados. Nas eleições de 2007, a Rússia Unida obtivera 64,3% dos votos.

Pelo que esta foi uma vitória com um lastro de perda — de popularidade, de influência e de autoridade por parte do homem que domina a Rússia há mais de uma década. Ele foi Presidente, depois primeiro-ministro e é candidato nas presidenciais de Março de 2012. Para ser candidato, abdicou de ser de novo chefe do Governo.

O Partido Comunista quase que duplicou o resultado de 2007, conseguindo 19,7% dos votos. Seguem-se o Rússia Justa (social-democrata, próximo de Putin, 12,9%) e o Partido Liberal Democrata de Vladimir Jirinovski (nacionalista, 12,2%).

Na sede da Rússia Unida, um dos dirigentes do partido, Boris Gryzlov, falou aos jornalistas: “Esperamos ainda conseguir a maioria. Podemos dizer que continuamos a ser partido no poder.”

Ainda é, mas o ciclo Putin aproxima-se do fim. “É o princípio do fim”, frisou à Reuters o analista político russo Andrei Piontkovski. “Este resultado mostra que os líderes do país e o seu partido perderam prestígio.”



O resultado destas eleições tem múltiplas consequências. A primeira delas foi expor que existe uma fractura na Rússia de hoje, entre os eleitores com memória e os eleitores pouco interessados em fazer leituras do passado. Entre os eleitores que acreditam, ou simplesmente aceitam, um género de governação, e os eleitores com vontade de mudança.

A agência Reuters ouviu eleitores em vários pontos dos nove fusos horários da extensa Federação Russa que dão conta dessa fractura. “Nunca tinha votado mas hoje votei na Rússia Unida para agradar a Ramzan Kadyrov [o dirigente tchetcheno pró-Kremlin]”, disse em Grozni (capital tchetchena) Rasul Usamanov, de 56 anos. “É altura de mudar alguma coisa e o Partido Libe-

ral Democrata foi o único que mostrou ser capaz de fazer frente à Rússia Unida”, disse Iekaterina Makarova, 24 anos, organizadora de festas em Iekaterinburgo. “Voto Putin. Tudo o que ele faz sai bem. E é muito cedo para uma nova geração, precisamos que passem mais 20 anos”, respondeu em Moscovo Vasily, um monge de 61 anos.

Outra consequência foi lançar dúvidas sobre as presidenciais. Putin, dizem as sondagens, irá ganhar. Mas poderá manter o seu estilo de governação? “A tendência para o autoritarismo legitimizado, e em primeiro lugar o de Putin, está a desaparecer. E não me parece possível que se possa governar um país quando toda a gente nos odeia”, disse Piontkovski.

“Os resultados permitem uma evolução estável da Rússia”, disse Putin, citado pela AFP, após estarem escrutinados 40 por cento dos votos. No site do partido surgiu um extenso comunicado seu, mas na sede do partido proferiu duas frases e quase iguais.

Terá razão, dizem os analistas. O sistema eleitoral é misto — nominal e proporcional — e poderá ainda garantir mais deputados ao partido de Putin, talvez até a esperada maioria absoluta. E dentro dos partidos que conseguiram mais de sete por cento dos votos, e por isso garantiram representação par-

lamentar, há forças com quem o acordo será fácil quando for necessário.

Mas estes resultados deram novo alento a uma oposição, que, durante mais de uma década, foi relegada para um papel secundaríssimo, quase figurativo. E há promessa de batalhas. Gennadi Ziuganov deixou isso bem claro antes mesmo das eleições, quando falou da manipulação eleitoral e deixou antever, numa entrevista ao Moscow Times online, que não iria ficar de braços cruzados.

A acusação de irregularidades foi generalizada, por parte da oposição. E as queixas foram diversas, veja-se o apanhado da cobertura minuto a minuto do Moscow Times: Ziuganov denunciou que numa mesa de voto, quando a urna chegou, já tinha votos dentro; noutra mesa (Moscovo) apareceram canetas cuja tinta, depois de usada, fica invisível; numa província do interior houve denúncias de compra de votos com carne e noutros lados falou-se de duplicação de votos.

Estado acusado de pirataria informática

O episódio mais grave entre as irregularidades eleitorais terá sido o denunciado por Maxim Kashulinski, director do site russo de informação Slon: o dia ficou marcado pelo terrorismo informático de Estado contra os meios de comunicação in-

dependentes, disse à agência Reuters. “Existe um sentimento de que a Comissão Eleitoral Central e os hackers estão a agir juntos”.

Quando as urnas abriram, piratas informáticos bloquearam as edições online do jornal Kommersant, da revista New Times, do Slon e de órgãos de informação da emissora Ecos de Moscovo. O método usado foi o ataque de negação de serviço, que consiste em sobrecarregar um site com um número tão grande de pedidos de acesso que, primeiro, esse acesso fica muito lento e, depois, é bloqueado.

Todos estes *media* estavam a dar conta de irregularidades eleitorais, envolvendo sobretudo o partido Rússia Unida.

Ficou também inacessível o site da Golos, uma organização de observadores eleitorais patrocinada pela UE e EUA. A directora, Liliya Shibanova, sustentou a tese de Kashulinski dizendo suspeitar que se tratou de uma acção dos serviços secretos internos. Até ter ficado sem acesso, a Golos tinha registado 5300 casos de irregularidades. Ao final do dia, o acesso aos sites foi desbloqueado. A Comissão Central de Eleições fez um comunicado a dizer que as eleições tinham decorrido com “normalidade” e o Presidente Dmitri Medvedev negou que tivesse ocorrido qualquer caso de fraude.

As sanções que abalaram Teerão

Da última vez que estudantes iranianos tinham dirigido a sua fúria contra uma embaixada ocidental, 52 pessoas haviam ficado reféns durante 444 dias. Acontecera a 4 de Novembro de 1979, contra a embaixada dos Estados Unidos em Teerão, em apoio à revolução islâmica liderada pelo ayatollah Ruhollah Khomeini. Por isso, após a aparátosa invasão da embaixada do Reino Unido, na capital iraniana, terça-feira 29 de Novembro, a decisão de Londres evacuar o seu pessoal e encerrar o posto diplomático foi imediata.

Texto: **Jornal Expresso** • Foto: **REUTERS**



O último relatório da Agência Internacional da Energia Atómica, com data de 8 de Novembro, legitimou grandes desconfianças em relação ao regime dos ayatollahs referindo que algumas actividades desenvolvidas visavam fins militares e Londres subiu a fasquia das sanções. No passado dia 21, o ministro britânico das Finanças, George Osborne, decretou o fim das transacções bancárias entre os dois países.

O Irão retaliou, o Parlamento

iraniano aprovou a expulsão do embaixador britânico. Dois dias depois, a missão diplomática do Reino Unido era invadida e vandalizada por jovens, a maioria pertencentes aos basij, a milícia dos ‘guardiães’ da revolução islâmica.

Entretanto a União Europeia adicionou 180 novos nomes de indivíduos, empresas e instituições à lista de iranianos alvos de sanções. Mas, para Londres, a medida ficou aquém do desejado um embargo ao petró-

leo iraniano. “Sempre tivemos dificuldades em lidar com Teerão e tolerámo-las. O nosso pessoal tem sido intimidado e assediado pelas autoridades iranianas”, disse o chefe da diplomacia britânica, William Hague. “Quando o nosso novo embaixador chegou, em Outubro, foi saudado com um cocktail-molotov lançado por cima do muro. Mas o que aconteceu agora foi numa escala totalmente diferente.”

A animosidade entre Irão e

Reino Unido tem sido uma constante desde a II Guerra Mundial. Em 1941, temendo o alinhamento do Irão com o Eixo oficialmente, era neutro, britânicos e soviéticos ocuparam o país e depuseram o imperador Reza Shah. A ocupação terminaria em 1946 após os EUA invocarem a Carta Atlântica e lembrarem que qualquer expansão colonial no âmbito de conflitos armados era proibida.

Novo atrito aconteceu em 1953, quando o primeiro-ministro iraniano, Mohammed Mossadegh, foi deposto por um golpe orquestrado pelos serviços secretos britânicos e norte-americanos. O governante fora o arquitecto da nacionalização da indústria petrolífera, até então sob controlo da britânica Anglo-Iranian Oil Company (antecessora da BP).

O pior dos diabos

As relações agravaram-se após a revolução islâmica de 1979 (ver cronologia), tendo o ódio aos britânicos contaminado todos os patamares da pirâmide do poder no Irão. Em 2009, quando milhares de

iranianos saíram às ruas para contestar a reeleição do Presidente Mahmud Ahmadinejad, o Líder Supremo, ayatollah Ali Khamenei culpou os “poderes arrogantes” nos EUA e na Europa, acrescentando que “o mais diabólico desses poderes era a Grã-Bretanha”. No léxico iraniano, o Reino Unido já rivalizava com Israel pelo estatuto de “pequeno Satã” o “grande Satã” é os Estados Unidos.

As sanções contra o Irão têm atrasado o programa nuclear do Irão, mas não o abortaram. Israel está nervoso com a perspectiva de o inimigo persa se dotar da bomba atómica. Na semana passada, paralelamente à retórica antibritânica, o ministro iraniano da Defesa afirmou que Israel não tem a mínima hipótese de sobrevivência se se aventurar num ataque militar. “O inimigo tem de responder a esta pergunta: se atacar o Irão, está preparado para uma batalha de quanto tempo? E está preparado para perder quantos navios de guerra?”, questionou Ahmad Vahidi.

“A guerra não é um piquenique”, reagiu o ministro israelita da Defesa, Ehud Barak. “Mas se

Israel for forçado a agir, não teremos 100.000, 50.000, 5000 nem mesmo 500 mortos.”

Com a Europa mergulhada numa profunda crise política e económica e com Barack Obama, a menos de um ano de tentar a reeleição, sem margem de manobra para contrariar o influente lóbi judaico, a conjuntura afigura-se cada vez mais propícia a um ataque aéreo israelita ao Irão.

Acresce que no contexto da primavera árabe, o cerco ao Irão começa a apertar-se. Se é verdade que as manifestações no Bahrain de maioria xiita fazem o jogo do Irão, já na Síria os iranianos têm muito a perder. Se o Presidente Bashar al-Assad cair, o Irão perde o seu grande aliado árabe e o principal canal de fornecimento de armas e influência ao Hezbollah (no Líbano) e ao Hamas (na Palestina). Por isso, na quinta-feira, a caminho da reunião em Bruxelas que aprovaria novas sanções contra o Irão e contra a Síria, William Hague deixou escapar: “Há uma relação entre o que se passa no Irão e o que está a acontecer na Síria”.

Militantes da sociedade civil queniana ameaçaram proceder à detenção do presidente sudanês, Omar al-Bashir, “se ele vier ao Quênia”, após o mandado de captura lançado contra ele na semana passada por um tribunal deste país. “Podemos ser os únicos capazes de aplicar este mandado de captura”, disse o director executivo da Comissão Queniana dos Direitos Humanos (KHRC), Atsango Chesoni.

Bashar al-Assad encurralado

Cada vez mais isolado, o regime sírio é objecto de sanções económicas que, desta vez, podem bloquear o funcionamento do país.

Texto: **Jornal Expresso** • Foto: **REUTERS**



O silêncio e o medo pairam sobre a cidade de Hama, de maioria sunita, destruída pelo Exército de Bashar al-Assad. Tal como noutras zonas do país, as manifestações pacíficas em Hama foram reprimidas e são numerosas as denúncias de assassinios e tortura contra civis detidos.

Homs ainda não se rendeu e a prova disso são as trincheiras que rodeiam a cidade e os blindados instalados às suas portas. Entretanto, prosseguem os confrontos armados entre o Exército Livre da Síria (ELS), constituído por desertores do Exército de Al-Assad, e as forças da ditadura. E as pessoas continuam a exigir a mudança de governo.

Bashar recusou o plano de paz proposto pela Liga Árabe como saída para o conflito, colocando desse modo o país à beira da guerra. Mostrou-se provocador e intensificou os ataques contra os manifestantes, incentivando o ódio e a violência contra os sunitas. O Presidente sente-se protegido pela Rússia (que se opõe ao embargo de armas contra o regime), pelo Irão, pelo Hezbollah (Líbano) e por uma China indecisa. Esse sentimento levou-o a desencadear violência sectária apoiado na polícia secreta e nas milícias shabbiha, compostas por fanáticos violentos. O poder alauita confia no exército e na polícia.

Primavera birmanesa?

Myanmar ou, melhor dizendo, a Birmânia vive há quatro décadas sob ditadura militar que, recentemente tem dado sinais tímidos de democratização. Em reconhecimento deste facto e no quadro da disputa EUA-China pela supremacia no Sueste Asiático, a secretária de Estado, Hillary Clinton, visitou à Birmânia na semana passada. Foi a primeira visita de um alto representante dos EUA em meio século.

Texto: **Jornal Expresso** • Foto: **REUTERS**

Clinton aterrou em Naipidau, uma nova cidade construída em 2005 no meio da selva pela junta militar, para substituir a antiga capital, Rangum. Na ocasião saudou o Presidente U Thein Sein, um ex-general, por “um novo capítulo nas relações entre os dois estados”. Acrescentou que tanto ela como o Presidente Obama se sentiam animados pelos passos dados pelo Governo para ajudar o povo birmanês. Em encontro posterior com Sein admitiu voltar a nomear um embaixador, substituído por um encarregado de negócios desde 1997, devido às violações de direitos humanos.

Encontros com Suu Kyi

Goste a ditadura militar ou não, Hillary já tinha anunciado que tencionava encontrar-se com a dissidente e Prémio Nobel da Paz de 1991, Aung San Suu Kyi o que se concretizou por duas vezes: jantaram na quinta-feira à noite, na residência do chefe de missão dos EUA em Rangun; no dia seguinte, a líder da opo-

sição birmanesa recebeu Hillary na sua residência, onde passou duas décadas em prisão domiciliária.

Aung San Suu Kyi tenciona pedir a legalização do partido político que liderava e concorrer a futuras eleições. Sabe-se também que Clinton vai insistir na libertação total dos presos políticos (estimados em 1500) e na resolução dos conflitos com diversas minorias étnicas.

Num ano dominado pelas notícias sobre a Primavera Árabe, a democratização ténue em Myanmar tem passado quase despercebida. Em Novembro de 2010, foi libertada de uma prisão domiciliária de 15 anos a líder oposicionista Aung San Suu Kyi.

Em Março passado, o antigo general U Thein Sein foi nomeado Presidente e o país passou a ter um governo civil, pelo menos no plano formal. Sein, representante da ala moderada dos militares, surpreendeu todos

Al-Assad chantageia a comunidade internacional, argumentando que a sua ditadura contribui para a estabilidade regional. Acredita que ninguém vai querer destruir o seu regime e sabe que a NATO

Publicidade



com um discurso inaugural em que anunciou a necessidade de uma reconciliação política com a oposição democrática, de um maior combate à pobreza e, ainda, de pôr fim aos múltiplos conflitos armados que assolam este país, etnicamente dividido.

Este novo governo, embora não legitimado por eleições internacionalmente reconhecidas, quebrou a tradição repressiva, ao permitir, em Junho, uma marcha de três mil simpatizantes do partido de Aung San Suu Kyi nas ruas da capital do país. Em Agosto, o Presidente teve um encontro com vários grupos democráticos, e falou durante duas horas com Aung San Suu Kyi.

Há dois meses suspendeu a construção de uma controversa barragem no rio Irrawaddy. Financiada pela China, deveria fornecer electricidade às províncias vizinhas da Birmânia. Economicamente, esta depende muito da China. O regime militar foi alvo de sanções dos EUA e europeias, que poderão ser

atenuadas se o processo de democratização prosseguir. A visita de Clinton a este país, pobre, mas rico em matérias-primas, é visto como um primeiro passo nesse sentido.

Isolados como a Coreia

“Myanmar é o segundo país mais isolado no mundo, depois da Coreia do Norte”, disse ao Expresso Robert H. Lieberman. Professor de matemática na Universidade de Cornell (EUA), escritor e realizador de documentários, esteve dois anos neste país asiático para fazer o documentário “They Call It Myanmar” (Chamam-lhe Myanmar). Está actualmente na Europa, onde o filme estreou em várias capitais e falou ao nosso jornal sobre a situação birmanesa.

“O país tem pouco a ver com a vizinha Tailândia, embora compartilhe o budismo. Tem imensos problemas para resolver, como a extrema pobreza, o trabalho infantil, o precário acesso à saúde e a fuga de cérebros”.

não irá actuar no país, porque a Síria é um regime-tampão no Médio Oriente. A verdade é que impõe a violência contra os civis há oito meses. Para a oposição, Al-Assad já não pode garantir a transição nem travar a revolução reprimindo e a sua única saída é abandonar o poder e prestar contas. A Turquia, que está disposta a estabelecer zonas militarizadas seguras dentro da Síria, junto à fronteira turca, receia que a instabilidade afecte a zona curda da Síria. Pelo seu lado, a Liga Árabe teme que, sem uma actuação rápida, os problemas se multipliquem nos países vizinhos, também pouco homogéneos do ponto de vista tribal e religioso.

Sanções isolam o país

Agora, Bashar está a ficar sem margem de manobra. A ONU acusou o regime de crimes contra a humanidade. A Liga Árabe expulsou a Síria e, em seguida, aplicou sanções económicas: as transacções com o Banco Central sírio foram proibidas e os investimentos no país suspensos, os dirigentes sírios estão proibidos de entrar nos países da Liga Árabe e as suas contas bancárias foram congeladas. Al-Assad sabe que isso dificulta o comércio externo e agravará a crise económica interna.

São sanções concebidas, também, para atingir a elite comercial e industrial, aliada do regime e dominante nas áreas de Damasco e Alepo, que, até agora, se têm mantido relativamente tranquilas. A Liga Árabe acredita que, ao dificultar as importações e exportações, levará essa burguesia a pressionar Al-Assad. A estas sanções económicas juntam-se as da Turquia — o maior parceiro comercial da Síria —, da UE e dos EUA, que asfixiam os sectores do petróleo e do turismo (um terço das receitas do regime).

Ancara vai congelar todos os bens do Estado sírio, suspender relações com o Banco Central sírio e interromper todas as vendas de armamento. Contudo, o Presidente ainda acredita que poderá torner o bloqueio comercial graças à porosidade das fronteiras com o Líbano, às hesitações do Iraque e ao apoio incondicional do Irão. No Líbano, onde domina o Hezbollah, aliado da Síria, já há manifestações do partido do antigo primeiro-ministro Saad Hariri contra o regime sírio.

Os EUA, Israel e a Arábia Saudita já têm tudo previsto: se Bashar cair, o Hezbollah ficará paralisado e o Irão isolado. O lançamento de mísseis contra Israel, a partir do Líbano, é a estratégia do Hezbollah para desviar as atenções internacionais, centradas na Síria.

O documentário mostra como a maioria destes problemas tem directamente a ver com a ditadura militar.

“A primeira coisa que as pessoas me contavam, à chegada à capital de Myanmar, era o seu ódio ao regime militar. Mas assim que comecei a filmar, tornavam-se muito mais cuidadosas.” Uma rede invisível de informadores, “fazendo lembrar a Stasi, polícia secreta da antiga República Democrática Alemã”, vigia o povo e, devido a isso, só muito poucos ousam falar.



Terá o levantamento da prisão domiciliária de Aung San Suu Kyi mudado as coisas? Lieberman é prudente na resposta. “É cedo para dizer se as coisas melhoraram. Na minha opinião, as reformas democráticas deste ano são, em primeiro lugar, uma

operação de relações públicas. O regime procura desesperadamente o fim das sanções políticas e económicas. É verdade que este ano foram libertados presos políticos, mas não sabemos quantos ainda estão detidos. Para demonstrar que se trata de um genuíno processo de democratização, é preciso uma amnistia geral”.

Lieberman, que entrevistou Aung San Suu Kyi em Fevereiro, sublinha que a líder democrática se tornou mais moderada em relação aos generais. “Disse-me que nem todos os militares são maus; alguns têm boas intenções.” Um dissidente do círculo íntimo de Aung San Suu Kyi até lhe falou na necessidade de garantir imunidade aos generais para evitar um regresso à ditadura. “É que há militares que receiam ser levados a julgamento por crimes contra a humanidade.”

Qual deve ser a mensagem de Hillary Clinton ao novo regime de Myanmar? Diz Lieberman: “Em primeiro lugar, exigir uma amnistia geral para os presos políticos. E, claro, a continuação do processo de democratização. O povo de Myanmar merece-o.”

COMENTE POR SMS 821115



AMÉRICA DO NORTE

Senadores dos EUA pedem revisão da relação com Paquistão

Dois senadores republicanos dos EUA pediram, na passada segunda-feira, uma minuciosa revisão das relações do país com o Paquistão, declarando que toda ajuda económica e de segurança ao país deve ser reconsiderada.



John McCain e Lindsey Graham influentes membros da comissão de Serviços Armados do Senado disseram que os EUA precisam de ser realistas sobre a deterioração nas relações bilaterais.

Eles acrescentaram que acções dos militares paquistaneses, como seu suposto apoio a grupos militantes islâmicos, estão prejudicando as forças dos EUA e ameaçando a segurança norte-americana.

“Chegou a hora para que os Estados Unidos revejam totalmente as suas relações com o Paquistão”, disseram McCain e Graham em nota. “Em particular, todas as opções relativas à assistência de segurança e económica ao Paquistão devem estar sobre a mesa, incluindo reduções substanciais e padrões mais rígidos para o desempenho.”

Os EUA já destinaram cerca de 20 biliões de dólares em ajuda económica e de segurança ao Paquistão desde 2001, sendo grande parte dessa quantia na forma de reembolsos pela assistência paquistanesa no combate a militantes no vizinho Afeganistão.

As relações bilaterais já vinham em declínio por causa da acção militar clandestina dos EUA que resultou na morte do líder da al Qaeda, Osama bin Laden, em território paquistanês. A situação deteriorou-se de vez no final de Novembro, quando um bombardeiro da Otan matou 24 soldados paquistaneses na região da fronteira. / Por Redacção e Agências



EUROPA

Bélgica supera impasse e forma governo

Após um prolongado impasse, a Bélgica conseguiu, na segunda-feira, formar uma coligação de governo que prometeu uma recuperação financeira do país e a mais abrangente reforma em várias décadas. Elio di Rupo será o primeiro chefe de governo de origem francófona na Bélgica desde 1979, e o primeiro da região da Valónia desde 1974. Será também o primeiro filho de imigrantes e o primeiro homossexual assumido a ocupar o cargo.

O eleitorado flamengo, que tende a ser mais conservador, já havia manifestado restrições a ser governado por um socialista francófono, com domínio limitado do idioma holandês.

O governo, que já perdeu um

ano e meio dos seus quatro anos mandato, terá um gigantesco acordo de 180 páginas para implementar. Isso inclui transferir poderes de Bruxelas para as regiões, como quer a maioria flamenga (de língua holandesa), e possivelmente refazer um orçamento que, segundo economistas, se baseou numa expectativa de crescimento optimista demais.

O novo governo preserva vários ministros do gabinete interino de Yves Leterme, mas em pastas diferentes. O democrata-cristão Steven Vanackere será o ministro das Finanças, e o liberal francófono Didier Reynder será o chanceler uma simples troca de pastas. / Por Redacção e Agências



ÁSIA

Césio é encontrado em leite em pó fabricado no Japão

A japonesa Meiji Holdings disse esta semana que césio radioactivo foi encontrado em leite em pó infantil produzido por uma empresa de alimentos no mais recente susto para o país, quase nove meses depois do desastre nuclear de Fukushima.

Após a notícia, as acções da Meiji tiveram queda de quase 10 por cento, chegando ao índice mais baixo desde Maio de 2009. A Meiji disse estar recolhendo 400 mil latas da fórmula, que foi vendida apenas no Japão.

Preocupações com a segurança dos alimentos têm abalado o público desde que o terramoto e tsunami de 11 de Março destruíram a usina de Fukushima Daiichi, no pior acidente nuclear em 25 anos no mundo, espalhando radiação sobre uma grande área no norte e leste do Japão.

Casos de radiação excessiva em vegetais, chá, leite, frutos do mar e água geraram ansiedade apesar de autoridades públicas assegurarem que os índices detectados não são perigosos.

A Meiji disse não ter certeza da quantidade exacta de césio no leite em pó, mas suspeita que as substâncias radioactivas emitidas pelo acidente de Fukushima pos-

sam ter sido a fonte. O porta-voz da empresa disse à Reuters que o ar quente usado no processo de desidratação do leite pode ter contido césio.



Testes realizados pela Meiji indicaram que até 30,8 becquerels de césio foram encontrados por quilo de leite em pó. Isso está abaixo do limite permitido pelo governo, mas de qualquer forma a empresa realizará um recolhimento voluntário do produto.

O limite estipulado pelo Ministério de Saúde do Japão é de 200 becquerels por quilo de leite em pó, segundo um porta-voz do departamento de segurança alimentar do ministério. / Por Redacção e Agências



AMÉRICA CENTRAL/ SUL

Colombianos saem à rua para exigir a libertação dos reféns das FARC

Dez dias após a morte de três polícias e um militar que tinham sido sequestrados pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), milhares de colombianos saíram, na terça-feira, à rua para pedir a libertação dos reféns que se encontram nas mãos da guerrilha e dizer “basta” à violência.

A convocatória para os protestos partiu de várias organizações e espalhou-se depressa pelas redes sociais. Associações como “Colombia Soy Yo”, “Voces del Secuestro” e “Adopta un Secuestrado” apelaram aos colombianos para sair à rua e marchar contra a violência, com o objectivo de repetir as manifestações de 2008, quando se pedia a libertação de todos os reféns, estava ainda a ex-candidata presidencial Ingrid Betancourt nas mãos das FARC.

Na altura os protestos mobilizaram milhões de pessoas, e agora as expectativas da organização apontavam também para uma multidão. “Esperamos que 10 milhões de colombianos em cerca de 80 cidades de todo o mundo saiam à rua”, disse à edição online do Colombia Reports o fundador da organização “Colombia Soy Yo”, Carlos Andrés Santiago. Os protestos contaram, aliás, com o apoio do Governo, e o próprio Presidente Juan Manuel Santos anunciou que iria participar na marcha em Villeta, a Noroeste da capital, Bogotá.

“O objectivo é exigir a libertação imediata de polícias e militares. Isto não é contra nada, é uma exigência de liberdade”, adiantou Andrés Santiago. Este organizador dos protestos admitiu, no entanto, não ter uma expectativa elevada quando à resposta da guerrilha que combate contra as forças colombianas há mais de meio século. “Vão dizer que isto não vale a pena, mas alguns guerrilheiros vão dar

conta que a luta armada não leva a lado nenhum”.

Nas ruas de Bogotá, Cali ou Medellín, ouviu-se gritar “Liberdade, liberdade!” ou “Não às FARC”. Os funcionários públicos foram autorizados a deixar o trabalho para participar nos protestos e em Villeta o Presidente Juan Manuel Santos apelou a “um país em paz, sem raptos nem violência”.

Entre os reféns sequestrados pelas FARC estão pelo menos 11 polícias e militares, mas há também centenas de civis, sublinhou o jornalista Herbin Hoyos, o autor do programa “Voces del Secuestro” na Rádio Caracol, que faz chegar à selva colombiana mensagens dos familiares dos reféns. Também ele procurou mobilizar os colombianos. “Não é preciso que desfilem, necessariamente, basta que saiam e fiquem em frente à sua casa a manifestar-se”.

Nos últimos meses as FARC têm sofrido pesadas derrotas a guerrilha terá cerca de 8000 membros e o seu antigo líder, Alfonso Cano, foi morto por militares colombianos a 4 de Novembro, tendo sido depois sucedido por Rodrigo Londoño, também conhecido por Timochochenko. A morte de três polícias e um militar que tinham sido sequestrados pela guerrilha há mais de dez anos, durante uma operação militar, impulsionou estes protestos.

Os quatro reféns Edgar Yesid Duarte, Elkin Hernández, Álvaro Moreno e José Líbío Martínez foram mortos a 26 de Novembro durante a operação para os libertar. Luís Alberto Erazo, sargento da polícia que estava também nas mãos das FARC, conseguiu fugir quando os disparos começaram e acabou por ser libertado. / Por Redacção e Agências



OCEANIA

Nova Zelândia: Partido Nacional chegou a acordo para formar governo de coligação

O Partido Nacional da Nova Zelândia, que venceu a 26 de Novembro as eleições legislativas com 48 por cento dos votos, assinou, hoje, um acordo com duas formações minoritárias que lhe permitem manter o executivo por mais três anos.

O actual primeiro-ministro neozelandês John Key anunciou hoje à imprensa o acordo de coligação com o representante dos Contribuintes e Consumidores, John Banks, e

o deputado do Futuro Unido, Peter Dunne, que ocuparão cargos ministeriais no novo executivo.

Com este acordo, o Partido Nacional assegura a aprovação no Parlamento de algumas das suas propostas eleitorais, como a venda parcial de companhias estatais de energia e da companhia aérea “Air New Zealand”. / Por Redacção e Agências



ÁFRICA

Manifestação em Luanda marcada por incidentes com a Polícia

Dezenas de jovens angolanos manifestaram-se, no passado sábado, junto à Praça da Independência, em Luanda, numa acção que provocou uma resposta musculada da Polícia, com recurso a cães e agentes a cavalo. A acção policial foi reforçada por civis que se aproximaram dos manifestantes, auxiliando a Polícia para tentar impedir o avanço da manifestação.

Iuri Mendes, ligado à organização da manifestação disse à Agência Lusa que “foram feitas detenções”, embora desconheça o seu número exacto, acrescentando que haverá pelo menos três feridos. Mendes contesta a actuação da polícia, que “desrespeita o direito de manifestação consagrado na Constituição angolana”: “Em vez de proteger, (a Polícia) desrespeita os direitos humanos.”

A Agência Lusa informou ter tentado obter um comentário dos oficiais da Polícia presentes no local, que se escusaram

protestos anteriores. Um dos feridos é um jovem chamado Adolfo, que tinha sido detido numa manifestação a 3 de Setembro. Antes do início da manifestação, Sampaio Liberdade, do Movimento Revolucionário Estudantil, dissera à Lusa esperar duas a três mil pessoas no protesto deste sábado.

O movimento de jovens já promoveu, desde o início do ano, cinco manifestações de contestação ao regime do presidente angolano, José Eduardo dos Santos, com participações que têm rondado as 500 pessoas. A 3 de Setembro uma manifestação organizada pelo movimento de jovens terminou com a detenção de 21 manifestantes, 18 dos quais foram julgados e condenados a penas de prisão entre um mês e 90 dias, por ofensas corporais à polícia e danos materiais.

Sampaio Liberdade garantiu que as manifestações são pacíficas e que têm vindo a fazer um trabalho de “consciencializa-



a prestar declarações, alegando estar em curso a operação de controlo da manifestação. Antes da carga policial os manifestantes gritavam “a Polícia é do povo, não é do MPLA” (partido no poder).

Entre os manifestantes esteve o “rapper” Brigadeiro Mata Frakuz, que já participou em

ção” dos participantes para que “tudo seja feito” para “evitar a violência”.

Na organização da manifestação, participam além do Movimento Revolucionário Estudantil, mais amplo, dois movimentos de jovens de carácter local. / Por Redacção e Agências

Programação da



CARTAZ
COMENTE POR SMS 821115



Segunda a Sábado 20h35

A VIDA DA GENTE

Laudelino e Iná incentivam Lorena a não voltar a trabalhar na casa de Cris. Lúcio pede para dar uma carona para Ana e diz que está feliz em poder conhecê-la melhor. Alice dá uma câmera fotográfica de presente para Renato. Lourenço vê Celina e Artur juntos. Júlia pede que Ana vá buscá-la no colégio. Lúcio confessa a Celina que está encantado por alguém especial. Eva conta para Ana que falou com seus antigos patrocinadores e ela fica furiosa. Vitória se irrita ao saber que Marcos está namorando Dora. Nanda tenta se aproximar de Francisco. Lourenço pede para voltar a trabalhar na faculdade. Iná resolve mandar nova carta anônima para Aurélia e Wilson. Ana assiste à aula de psicologia. Rodrigo encontra Ana na faculdade e oferece uma carona para ela. Ana e Rodrigo tentam disfarçar o desconforto. Wilson pede para Laudelino contar quem é sua admiradora. Ana deixa Eva falando sozinha durante o jantar. Cícero aceita se encontrar com Renato. Rodrigo conta para Manuela que deu



uma carona para Ana. Júlia pede para falar com Ana. Laudelino teme que o plano de Iná para unir Aurélia e Wilson dê errado. Vitória repreende Miguel e Sofia por descansarem no meio do treino. Ana confessa a Alice que se sente incomodada com a presença de Rodrigo. Nanda tira satisfação com Jonas pela falta de atenção a Tiago. Manuela pede para Ana tomar conta de Júlia enquanto vai ao bufê. Rodrigo chega em casa e encontra Ana brincando com Júlia.

Segunda a Sábado 21h45

AQUELE BEIJO

Claudia sugere uma trégua a Lucena. Temendo que Regina seja presa, Alberto alerta Maruschka para proteger a governanta das falcatuas da empresa. Bob descobre que as prestações da casa estão atrasadas e discute com Íntima. Olga planeja queimar o diário de Leda. Lara acha que perdeu os seus dons e se desespera. Raíssa e Sebastião seguem os conselhos de suas mães e tentam enganar um ao outro. Alberto diz para Felizardo que a Comprare e a Shunel estão sendo investigadas. Cleo volta a passar mal. Olga pede a ajuda de Deusa para afastar Otilia do Lar. Joselito discute com Lara e ela o expulsa de casa. Marieta recebe outra carta anônima, insinuando uma traição de Olavo. Raíssa chega a Comprare para pedir demissão e é destrutada por Grace Kelly. Cleo vai para o hospital e Sarita a acompanha. Damiana mostra para Felizardo as fotos que tirou dele com Juliana e promete acobertar o irmão. Camila visita Flavinho e Ricardo propõe que eles se separem legalmente. Rubinho pede um beijo a Lucena para se vingar de Vicente e Claudia. Lucena afirma a Rubinho que o beijo que trocaram não teve importância. Lara pede para Joselito voltar para casa. Camila aceita a proposta da separação legal de Ricardo. Alber-

to diz a Sarita que se divorciará de Maruschka. Vicente decide ficar com Lucena. Maruschka garante que Rubinho se cansará de Cláudia. Agenor fica com ciúmes de Belezinha. Marisol trabalha no vestido de Odessa. Olavo tenta convencer Marieta de que ele não a traiu. Damiana acusa Marisol de ter roubado um tecido de Felizardo. Sarita pede para ficar com Alberto. Belezinha conversa com Íntima sobre relacionamento. Olga ameaça Grace Kelly para que ela a ajude a enganar Deusa. Damiana confirma que Marisol pegou o tecido ao ver o vestido em Odessa.



Publicidade

Terça a Sexta 22h45

FINA ESTAMPA

Tereza Cristina se apavora com a possibilidade de Griselda contar para René sobre seu caso com Pereirinha. Solange beija Daniel. Gigante vê Tereza Cristina e Griselda entrarem na casa de Pereirinha e avisa a Guaracy. Griselda ameaça contar para René que ele foi traído, se Tereza Cristina não for à sua festa. Íris decide usar a foto que tirou de René com Griselda para chantageá-lo. Baltazar ouve Solange falando de Daniel para Amália. Alberto chega ao Tupinambar e é hostil com Dagmar.



Clint elogia Wallace. Teodora diz a Pereirinha que conseguirá um emprego. Antenor e Beatriz encontram com Patrícia e Alexandre na pizzaria. Baltazar avisa que assinou um contrato para a gravação de um CD, mas Solange desconfia do pai. Alberto fala para Guaracy que não gostou de Dagmar. Tereza Cristina conta para Crô seu plano para atrair a festa de Griselda. René expulsa Íris e Alice do Le Velmont. Guaracy pede para Alberto tentar se entender com Dagmar. Crô acredita que não conseguirá levar o plano de Tereza Cristina até o final. Griselda fala para Quinzé e Amália que Gigante será o seu contador. Íris afirma a Alice que contará para Tereza Cristina sobre René e Griselda. Daniel vê Patrícia chegar com Alexandre na pousada. Antenor e Beatriz se beijam. Celeste desconfia de que Baltazar esteja querendo roubar Solange. Nanda afasta Victor. Paulo propõe comprar a parte de Esther na Fio Carioca. Carolina se surpreende ao saber que Letícia dormiu na casa de Juan Guilherme. Antenor é agressivo com Patrícia. Tereza Cristina é amorosa com René, mas ele desconfia. Gigante chega para conversar com Griselda e repara na troca de olhares entre ela e René. Teodora pede emprego no hotel em que ficou hospedada. Íris mostra a foto de René e Griselda se beijando para Tereza Cristina.

MENTOR CARISMÁTICO EM CONCERTO
LANÇAMENTO DO UPGRADE

SABADO, DIA 10 DE DEZEMBRO
PELAS 18 hrs NO CAPE E BAR OIL VICENTE

CONVIDADOS: HOT SKILLZ, KATHY
THE MAKER'S, MUKHURUYA, SHACKAL
MIGUEL XABINOZA, CARSHONG

APRESENTADO POR PRIME AKHIM
VENDA DE CD'S E CAMISETAS NO LOCAL

ENTRADAS A 1500ms
UMA PRODUÇÃO T.H ENTERTAINMENT
APOIO: MATSINHE XPERIENCE

T.H

Maria José Sacur
APRESENTA

no Cine Teatro Africa

SEXTA - 9 de Dezembro
às 20.30 horas

SÁBADO - 10 de Dezembro
às 17.30 horas

Dança Paratí 2011

Com o patrocínio de:

BCI, Público, RIMPEX, LDA, @Verdade, MÉTIER, mediacoop, mediatAX e SAVANA, nbc, MAGAZINE INDEPENDENTE, POLAR CASINO

ECONOMIA

COMENTE POR SMS 821115

Foi retomada esta terça-feira, a venda de gás doméstico ao público. Sem avançar detalhes sobre as quantidades, a IMOPETRO diz que o mercado já dispõe de um stock suficiente de gás doméstico para abastecer o mercado, incluindo na quadra festiva.

Trabalhar sob os caprichos da natureza

Apesar de não ter uma “oficina” para desenvolver a sua actividade, Fernando socorre-se da sombra de uma mafureira para garantir o seu ganha-pão. Por debaixo daquela árvore saem obras de escultura cujo mercado preferencial é a vizinha África do Sul.

Texto e foto: **Hermínio José**

Fernando Zita, conta com 44 anos de idade, casado e pai de cinco filhos, nasceu na cidade de Xai-xai, província de Gaza. À semelhança de muitos moçambicanos, viveu a sua mocidade na sua terra natal, mas porque as condições de vida tornavam-se cada vez mais azedas, decidiu rumar, nos meados da década 70, para a cidade de Maputo, para prosseguir com os seus estudos primários e finalmente procurar emprego.

Porque Maputo não é uma mera *varinha mágica* para a solução de problemas, como muitos erroneamente podem pensar, Fernando viu os seus sonhos a não surtirem o efeito esperado. Não foi para além da 6ª classe, e a interrupção dos seus estudos deveu-se ao encadernamento das difíceis circunstâncias da vida, o que se resume na falta de condições.

Depois de interrompida a sua escola, e na tentativa de superar as dificuldades que orbitavam sobre a sua vida, Fernando teve a oportunidade de trabalhar numa casa agrária como tractorista, contava o ano de 1980. Esta actividade durou pouco menos de duas décadas, “parei de trabalhar porque a empresa foi à falência”, conta para depois acrescentar que mesmo assim não arredou pé, teve de arranjar uma outra forma de ganhar dinheiro e fazer a vida. Para não ser tão dependente dos outros, a melhor ideia que lhe sobressaiu, foi abraçar-se ao empreendedorismo.

Na sua vizinhança, havia muitos escultores, aliás, ele simpatizava-se muito com os homens que faziam da escultura a sua arte. Enquanto os amigos e vizinhos iam trabalhando, ele repescava as técnicas usadas para produzir uma obra de escultura. Porque não se pode aprender de dia para noite, este processo de aprendizagem informal, custou-lhe pouco menos de dois anos. “Eu vi que nesta arte dava para eu apostar, primeiro porque assimilava as técnicas com alguma facilidade, segundo porque este tipo de arte requer uma viagem psicológica para o artista ver e imaginar que tipo de obra pode produzir para agradar os seus clientes ou apreciadores das obras de escultura”, comenta.

Entretanto, em 2003 Fernando Zita procurou afirmar-se no empreendedorismo, produzindo obras de escultura e vendendo-as dentro do país. Foram três anos que este escultor deambulou pelas artérias das cidades de Maputo e Matola, com as suas obras em punho. Este sinuoso exercício físico de andar de terra em terra, não lhe rendeu quase nada, “andava muito e não compravam os meus produtos. Acabava meses sem que comprassem alguma coisa e, para reverter o triste cenário de falta de mercado, passei a escalar zonas turísticas para vender as minhas obras”, conta para depois juntar que os seus locais preferenciais eram a praia da Costa do Sol, algures na cidade de Maputo e o distrito de Vilanculo, a norte da província de Inhambane, uma zona potencialmente turística.

Zita acrescenta ainda que nestes locais com uma grande afluência de turistas maioritariamente estrangeiros, as suas esculturas

tinham muita saída, aliás, até havia quem fizesse encomenda das obras. Este empreendedor tinha um mercado sazonal, pois o turismo depende intrinsecamente da estação do ano, a exemplo disso, no verão verifica-se um grande fluxo de turistas e consequentemente muitos deles apreciam e compram esculturas sem, no entanto, descurar outro tipo de obras de arte.

Porque a alegria do pobre é de pouca dura, nos dias de chuva ou quando as intempéries decidiam abater-se por esta terra do *salve-se quem poder*, este escultor não vendia nada, pois os supostos compradores começavam a rarear, devido ao mau tempo.

Fazer da sombra das árvores uma oficina

Fernando Zita para desenvolver a sua arte de escultura socorre-se da sombra de uma mafureira algures no quintal da sua casa. No entanto, nos dias de chuva,



ele vê-se na obrigação de não poder trabalhar, pois as obras enquanto estiverem no processo de produção não se podem molhar, sob o risco de se transformarem em quebras, pois mesmo se estiverem prontas não se devem molhar nem apanhar qualquer humidade.

Este empreendedor compartilha o seu parco espaço com os seus três colegas que também são familiares. “Gostaria de construir uma oficina para eu poder trabalhar sem dificuldades, mas a falta de condições para o efeito afigura-se um grande obstáculo. No tempo chuvoso não se faz absolutamente nada, e sem trabalhar dificilmente posso sustentar a minha família”, comenta.

No entanto, Zita tem a esperança de que mais tarde ou mais cedo vai criar condições para trabalhar num lugar seguro. Segundo nos conta, a intenção de materializar este sonho remonta desde o início da sua actividade em 1996. “Se o meu negócio tivesse um bom rendimento já teria feito ou improvisado uma oficina para desenvolver a minha arte”, acrescenta.

O problema de sempre: a falta de mercado

À semelhança de muitos empreendedores no mosaico das artes, este escultor enfrenta o “vírus” da falta de mercado. Mais ainda, os custos de produção geralmente não são compensados, dado que dá-se ao luxo de produzir muitas obras de arte e no entanto, não são compradas.

Durante três anos Fernando percorria quilómetros a fio entalhado de esculturas que só lhe criavam um peso quase que desnecessário e infrutífero, “era normal eu andar durante todo o dia e no fim de tudo não vender nada. As pessoas só se limitavam a perguntar o preço das obras e nada mais que isso”, lamenta para depois acrescentar que foi exactamente por isso que em 2006 preferiu alargar o horizonte do seu mercado: passar a vender as obras na vizinha África do Sul. Neste país a situação era relativamente melhor, o negócio tinha saída e a moeda das transacções era

O preço das esculturas ronda entre os 100 e 300 rand, dependendo do modelo e tamanho das obras, já que as mais pequenas são menos caras que as maiores. Para os que optam pelo pagamento em prestações, primeiro pagam uma tranche de 50 por cento e depois a outra metade no fim do mês. “Infelizmente há pessoas que levam as obras e pagam muito tempo depois do combinado, pior ainda, vezes há em que alguém dá-se ao luxo de mudar de residência sem que antes tenha finalizado os pagamentos, uma vez que muitos vivem em casas arrendadas”, lamenta.

Porque nem sempre o facto de um peixe estar podre numa caixa significa que os restantes estejam na mesma situação, Fernando Zita continua a fazer valer o seu espírito de compreensão e humildade para com os seus clientes, “quem achar que pode pagar as obras em prestações aceite, mas com uma condicionante: a primeira tranche tem que ser em cerca de 70 por

Ntenga, algures no município de Matola, numa zona pouco habitacional e com abundância de variedades de árvores, principalmente mafureiras, o alvo preferencial dos escultores. Nalgumas vezes os vizinhos ou outras pessoas que já sabem que este escultor compra mafureiras, vão ter com ele, combinam os preços e tudo mais.

Pagar 5 randes em cada quilo das obras

Para além de custear em cerca de 200 randes a sua viagem à África do Sul, Fernando deve pagar o imposto das suas obras para permitir que as mesmas transitem àquele país vizinho. O pagamento das taxas aduaneiras varia de acordo com o peso das obras, “em cada quilograma pago 15 randes, e gasto mais de 100 para efectuar esses pagamentos. Numa actividade cujo rendimento não é dos desejados, tirar este valor para poder exportar as minhas obras, é como colocar o dedo na ferida”, ajunta.

Perante este aparente triste cenário para este escultor, a melhor saída é produzir obras com menos peso possível, razão pela qual actualmente as suas obras rondam entre um e dois quilogramas de peso. “Dantes eu produzia obras com mais 5 quilos, mas parei porque tinha que pagar altas taxas alfandegárias para exportá-las. Se reduzirem as taxas posso recomençar a produção de esculturas de grande porte”, diz.

“Mesmo com a falta de mercado vou apostar na escultura”

Fernando Zita com 15 anos de profissão, tem a esperança de que as coisas poderão mudar a qualquer momento. Acredita que as pessoas, sobretudo os moçambicanos, vão encetar o trabalho do escultor de outra maneira, dando mais valor ou consideração. “Actualmente são poucos os meus compatriotas que dão importância às obras de escultura, e por mais que se faça uma significativa redução do preço, não compram”, conta para depois acrescentar que ainda que, em Moçambique, o seu negócio tenha fracassado, durante a quadra festiva que se avizinha vai vender as suas obras nas praias e zonas turísticas como Vilanculo, província de Inhambane, onde tem se registado um elevado fluxo de turistas estrangeiros.

Para este escultor a madeira branca é a “melhor” para a produção de esculturas e é proveniente das árvores de mafura (entenda-se mafureiras). Segundo nos conta, os troncos deste tipo de árvores são relativamente mais resistentes que os do outro. Para garantir que haja matéria-prima para produzir, Fernando tem que abater mafureiras para poder ter os troncos e deles fazer as suas obras de arte. “Pago entre 500 e mil meticais para comprar uma árvore e como não tenho motosserra para cortar as árvores, pago 500 meticais às pessoas que fazem o abate, e depois tenho que pagar o transporte dos troncos até à minha casa”, conta para depois juntar que se tivesse condições comprava uma motosserra e abatia pessoalmente as árvores, pois tal exercício não exige técnica nenhuma.



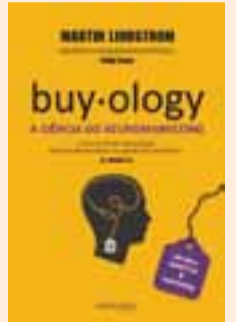
Texto: **Filipe Garcia** *
filipegarcia@gmail.com

PuraMente

Nome: “Buyology - A Ciência do Neuromarketing”

Autor: Martin Lindstrom

Editora e Data: Gestão Plus - 2009 (Original Doubleday 2008)



Publicado em 2008, “Buyology” é um dos livros que tem influenciado o marketing nos últimos anos, colocando em causa muitas das convicções sobre o processo de tomada de decisão dos consumidores. Aliás, o principal objectivo desta obra é precisamente preencher as lacunas existentes na explicação do comportamento dos consumidores, utilizando o Neuromarketing.

O Neuromarketing é definido pelo autor como a conjugação de conhecimentos médicos, tecnológicos e de marketing, aos quais se acrescenta a possibilidade de analisar o cérebro de forma a compreender o que o estimula. Num mundo repleto de mensagens publicitárias de todo o tipo, com largo espectro de design de produtos e inúmeros contextos de decisão de compra, estudar a forma como o cérebro reage - e escolhe - é essencial para os marketeers. Como é fácil de compreender, trata-se de uma evolução na abordagem ao consumidor que tem o potencial de ser utilizado de forma nociva, o que acarreta uma responsabilidade ética. Porém, esta nova tecnologia pode ajudar a compreender como reagimos e decidimos, tornando o consumidor mais consciente e menos vulnerável às “armadilhas” das empresas, dos políticos ou de outras organizações.

Lindstrom realizou vários estudos ao longo de três anos, que envolveram cerca de 2000 pessoas e relata-os neste livro, que é muito divertido e informativo. Abordam-se experiências que medem reacções em relação a logotipos, odores, rituais, religiões e mensagens subliminares. Já se sabia que as marcas geravam emoções, mas ainda não tinha sido possível medir exactamente esse envolvimento. Destaca-se a importância da dopamina, dos neurónios-espelho e dos marcadores somáticos nas decisões de consumo, decisões essas que podem demorar apenas 2,5 segundos. E ficamos também a saber que os “*focus groups*” e os estudos de mercado são praticamente inúteis e até mesmo perigosos.

“Buyology” é uma obra muito influenciada pelo trabalho de António Damásio e é recomendado por Seth Godin e Phillip Kotler. A sua conclusão mais importante é que, como consumidores, não coincide o que dizemos com o que sentimos ou fazemos. Trata-se de um livro obrigatório que só peca por ser algo superficial na descrição que faz de parte dos estudos efectuados, pelo que algumas conclusões acabam por carecer de sustentação.

* Economista da IMF, Informação de Mercados Financeiros
www.puramenteonline.com

ATREVE-TE A MUDAR



VODKA LEMON

DRY



DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115

A explosão da prostituição

O negócio de sexo cresce a uma velocidade estonteante na cidade de Nampula, assumindo o rosto da normalidade. A miséria, o desemprego e a necessidade de ganhar dinheiro para sobreviver arrastam centenas de milhares de mulheres para essa “indústria” que prospera na capital do norte. Do outro lado da barricada, os proprietários dos quartos, conhecidos por “escondidinhos”, facturam milhares de meticais nesse promissor mercado da prostituição.

Texto: **Helder Xavier** • Foto: **Helder Xavier/ Gettyimages**

Durante muitos anos, quase todos os moçambicanos olharam para as “muthianas horeras” como exemplo mais bem acabado de conservação da moral. Afinal, a imagem de uma mulher usando capulana e o rosto pintado com “mussiro” sempre invadiram o imaginário popular. Muita gente ainda se lembra dos hábitos, costumes, sotaque e o “poder” de encantar os homens das mulheres dos norte. Pois bem: se há quem ainda tem essa visão em mente o melhor é arquivá-la. Agora, a situação mudou, ou seja, inverteu-se. Nampula já não é a mesma.

O crescimento sócio-económico da cidade, impulsionado sobretudo por comerciantes de origem estrangeira, transformou as jovens mulheres em “objectos” de prazer. No período da noite, particularmente nos fins-de-semana, as roupas curtas e a maquilhagem substituíram a tradicional capulana e o “mussiro”, e os passeios das principais artérias da urbe tornaram-se postos de trabalhos. Quase todas as esquinas, bares, discotecas, esplanadas e barracas espalhadas um pouco por toda a cidade são agora locais de “venda” de sexo. É, em suma, a tragédia moçambicana em torno das grandes cidades cujo alarme já começa a soar em alto e bom som a norte de Moçambique.

História de quem se prostitui para sobreviver

O nome é Maria*. Tem 18 anos de idade e vive com a família algures no bairro de Napipine, arredores da cidade de Nampula. O súbito falecimento do seu pai, deixou-lhe – com mais três irmãos e a sua filha de dois anos de idade – com dois problemas: comer e pagar a renda de casa. Transcorria o ano 2004. Maria nasceu e cresceu no subúrbio. Teve uma infância tranquila e uma adolescência conturbada: aos 14 anos, perdeu a mãe e aos 16 engravidou.

A personagem descrita acima abraçou o mundo da prostituição aos 20 anos de idade. Presentemente, está prestes a completar 25 anos – o que acontecerá em Dezembro próximo. O pai, um mecânico bate-chapa, era a única pessoa que garantia o sustento da família. Quando ele faleceu, Maria contava com 18 anos de idade já era órfã de mãe e frequentava a 8a classe. Sem dinheiro para obter comida e pagar o arrendamento da casa, ela, os seus três irmãos mais novos e a sua filha mudaram-se para a casa da sua avó na zona da Sub-estação.

Começou por vender bolinhos fritos no mercado da Faina para ajudar nas despesas da casa, e era

frequentemente molestada por outros vendedores, principalmente estrangeiros, e alguns camionistas. Mais tarde, passou a apoiar a sua avó no negócio de bebida caseira, denominada por “Kabanga”, onde também era vítima de assédio sexual. Inúmeros elogios ao seu lindo rosto de menina e as curvas do seu corpo esbelto, e promessas de uma vida tranquila embriagavam-na. Por dia, recebia pelo menos cinco propostas indecentes da clientela da sua avó.

Aos 20 anos, com uma filha e irmãos por assistir e à mercê do negócio não lucrativo da sua avó, Maria não resistiu às propostas, tendo obtido mil meticais no primeiro dia em que foi para cama por dinheiro. Desde então, nunca mais parou. Hoje factura entre mil a 1500 nos passeios da longa Avenida Eduardo Mondlane. Não trabalha todos os dias, apenas as quintas, sextas e sábados e, às vezes, quando é solicitada pelos seus habituais clientes. Cobra no mínimo 300 meticais por uma sessão de uma hora. Bonita, esperta e com apenas 10a classe interrompida, a jovem diz revoltada: “As pessoas criticam por estarmos nesta vida, mas esquecem que elas se recusaram a dar o seu apoio. Ninguém pode-me julgar pelas escolhas que fiz, pois só eu sei as razões que me levaram a fazer isso”.

O negócio ao cair do dia

Como Maria, existem dezenas de mulheres que sobrevivem da mesma actividade no coração económico da capital do norte, onde o negócio pulsa mais forte. Algumas têm o nível médio completo,

mas a maioria tem baixa escolaridade e tem sob a sua responsabilidade pelo menos três pessoas. E a justificação imediata para a escolha é: falta de oportunidade de emprego e a necessidade de garantir o sustento diário da família.

No cruzamento entre a Avenida Eduardo Mondlane e a Rua 3 de Fevereiro, numa zona conhecida por Bagdad – devendo o epíteto a um bar localizado nas proximidades –, num abrandar de uma viatura, meia dúzia de raparigas lança-se, qual enxame, e escruta os potenciais clientes. Naquele ponto, a tabela de preço é definida por elas. Nenhuma aceita por menos de 200 meticais. Uma noite inteira chega a custar 1500Mt. “Este é o valor que definimos como o mínimo neste local. Quem aceitar abaixo disso, nós expulsamos deste ponto”, explica a jovem que se identificou por Jéssica.

Elas indicam os locais onde se pode arrendar temporariamente o quarto, mas não se fazem de rogadas quando o cliente define onde quer passar a noite. Apesar do ambiente de disputa entre elas, neste ponto, à semelhança de outros espalhados pela cidade, reina o espírito de solidariedade entre as colegas. Assim que uma delas entra numa viatura, as demais registam a marca e a placa de inscrição do veículo. Mas a maior inquietação não é cair na mãos de malfeitores, pelo contrário, é a extorsão que sofrem por parte dos agentes da polícia que por ali circulam.

De estatura baixa e dona de um corpo possante, usando um vestido curto e justo, realçando os seus atributos físicos que não deixam ninguém

indiferente e o rosto maquilhado ao pormenor, a prostituta Ana*, de 28 anos de idade, recusa-se a falar da sua vida e do seu trabalho, porém, depois de alguma insistência, comenta que detesta sair com homens bêbedos, a não ser que paguem antes. “Eles têm mania de dizer que não gostaram e por isso não vão pagar. Por isso, é mais seguro sair com alguém lúcido”, afirma.

Até Julho do ano passado, Ana era uma mulher casada. Ela vivia com o seu marido a mais de 150 quilómetros da cidade de Nampula, no distrito de Angoche. Há dois anos, mudou-se para a capital do norte em decorrência da transferência do seu esposo. Mas a infidelidade valeu-lhe a expulsão do lar com os seus dois filhos, um dos quais fruto de um relacionamento passado. Sem lugar para morar e muito menos dinheiro, recebeu abrigo de um grupo de mulheres “especializadas” em prostituição. “Todas elas dedicam-se a esta vida e não tive outra escolha se quisesse continuar a viver ali”, explica.

Há um ano no mundo da prostituição, Ana não pensa em mudar de actividade, até porque se tornou na sua boia de salvação. Não admite que ganhou o gosto pelo dinheiro fácil: “Não faço por prazer, mas por necessidade de sustentar os meus filhos. Está a mentir quem diz que gosta desta vida. Não sei porque dizes ‘dinheiro fácil’. Você acha fácil despir a roupa e meter-se com homens diferentes todos os dias sem nenhum sentimento?”, questiona. Quando se faz à rua, amealha por dia pelo menos mil meticais. O valor mais alto que ganhou numa só noite foi três mil há quatro meses. “Há indivíduos que, quando nos pagam cerveja, não querem pagar pelo sexo como se alguém tivesse pedido a bebida”, conta.

Poucos minutos depois das 4h00 da manhã de sábado, Joana* encontra-se à entrada de uma das mais badaladas discotecas de Nampula. Esbelta, num transparente vestido cinzento que realça o seu corpo de cintura para baixo, a noite do dia 12 de Novembro não foi de sorte para a jovem. Investiu 300 meticais – preço de entrada da boate – e não teve o retorno esperado. Mais nem sempre foi assim. Nos dias bons, amealha em média 1500 meticais num só dia.

Joana mora com uma sobrinha num pequeno cómodo de duas divisões, no bairro de Namutequeliua, onde muitas vezes leva os seus clientes. Arrenda o espaço a 700 meticais mensais. “Estou a juntar dinheiro para adquirir a minha própria casa e levar o meu filho para morar comigo”, diz.

continua Pag.19 ➔



Eleições | 07 Dezembro

@Verdade **ESPECIAL INTERCALARES**

Em Quelimane o povo foi votar

Antes das cinco as pessoas da periferia de Quelimane já estavam nas assembleias de voto. No centro da cidade só depois das sete é que os residentes acordaram para votar. Ainda assim, os suburbanos foram os últimos a sair dos locais de votação...

Texto: Rui Lamarques • Foto: Rui Lamarques



As assembleias de voto abriram cedo: 7horas. Porém, nos bairros periféricos, com destaque para Coalane, Chirangano e Manhua, os eleitores fizeram-se aos locais de votação muito antes da abertura das mesas. Em Coalane, onde Manuel de Araújo votou, as urnas fecharam muito depois das 18h.

Por outro lado, Abubacar Lourenço Bico votou no centro da cidade. Na Escola Primária Completa de Quelimane. Ou seja, um votou no local que simbolizava o poder que os jovens do subúrbio, desempregados e sem expectativas de um futuro, queriam ver destruído; outro depositou o seu voto no local onde morava a pobreza.

"Vamos votar para declarar a independência total e completa de Quelimane", referiu Hélio Vitória que mesmo antes de deixar cair a sua vontade na urna já dava como um dado adquirido

o triunfo de Manuel de Araújo.

Uma fila enorme de jovens, que começava à entrada de uma sala com portas sem tinta e paredes sujas e ia até a berma da Av. Julius Nyerere, já quase sem asfalto, chegou cedo e não arredou o pé antes de exercer o seu direito de voto. Trajavam roupas sujas, rasgadas e pálidas, mas queriam votar.

"Eu deixei a minha bicicleta e estou aqui para votar na mudança", disse Eleutério Jacinto. "Estamos fartos", reforçou um outro cidadão no meio da fila. Em coro as pessoas gritavam o mesmo: "Estamos fartos. Não queremos mais ladrões."

Nos outros bairros periféricos, como Icidua, Sangarivieira e Chirangano a polícia desrespeitou literalmente as leis eleitorais. Intimidou as pessoas e

aproximou-se demasiado das mesas de votação. Na Escola Primária Completa de Janeiro a polícia não saiu do recinto daquela instituição de ensino. Porém, isso foi no período da noite.

Durante a manhã um carro sempre esteve próximo do local. Só saiu quando @Verdade e o Savana começaram a tirar imagens.

Em Coalane, por exemplo, os jovens queriam que a fila andasse mais rápido e, como durante a campanha, a palavra de ordem era vigilância, porque a possibilidade da fraude foi incutida na cabeça de todos, a demora podia significar "uma manobra da Frelimo".

A polícia, diga-se, que devia estar a 300 metros de um posto de votação tentou, de alguma forma, impedir que os jovens votassem, mas ninguém quis deixar de exercer um direito con-

sagrado pela constituição.

Manuel de Araújo e Abubacar Lourenço Bico fizeram campanhas antagónicas. O primeiro foi aos bairros a pé e Bico invadiu os bairros com viaturas que os residentes só viam quando cahava circular na cidade de cimento. "Vamos vencer o cimento", diziam os jovens.

No período da noite, quando a vitória de Araújo já era um acto consumado, a polícia ficou mais violenta e os jovens ripostaram. Em Coalane, onde o candidato do MDM votou, a violência foi mais cruel e chegou a atingir requintes de malvadez. Era como se o povo tivesse vencido uma eleição contra a PRM e os últimos tivessem um mau perder. Mesmo com o poder das armas, os jovens "vândalos" não arredaram pé e continuaram gritando "povo no poder"...





1 só dia

Eleições | 07 Dezembro



@Verdade

ESPECIAL INTERCALARES

QUELIMANE



RESULTADOS PRELIMINARES DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM QUELIMANE

			Lourenço Aboobacar		Manuel de Araujo		Comuns	
Local de Votacao	Mesa	Eleitores	Validos	Protestados	Validos	Protestados	Nulos	Branco
TOTAL EPC Quelimane	11	10,259	1,420	0	1,797	0	37	21
TOTAL EPC 3 de Fevereiro	9	8,724	857	0	1,371	0	28	18
TOTAL EP1 Unidade Popular	8	7,759	744	0	1,591	0	42	18
TOTAL EPC Sinacura	9	8,527	827	0	1,429	0	45	23
TOTAL EPC de Aeroporto	8	7,736	973	0	1,430	0	63	23
TOTAL EP1 de Aerop. Expansao	8	7,909	702	0	944	0	43	20
TOTAL EPC de Janeiro	7	6,812	758	0	1,464	0	42	30
TOTAL Campo de Benfica (ex-EPC 25 de Junho)	8	7,923	696	0	1,612	0	49	18
TOTAL EP1 de Sangariveira	7	6,792	553	0	1,061	0	62	37
TOTAL EPC de Icidua	7	6,936	420	0	619	0	42	19
TOTAL EPC Coalane	10	9,136	917	0	2,271	0	36	38
TOTAL EPC Cololo	7	6,836	617	0	1,069	0	64	31
TOTAL EPC 17 de Setembro	10	9,433	1,120	0	1,838	0	50	28
TOTAL EP1 Manhaua	8	7,881	837	0	1,081	0	45	31
TOTAL Esc. Sec. Ed. Mondlane	7	6,956	586	0	1,307	0	57	21
TOTAL EPC Micajune	7	6,273	502	0	845	0	36	18
TOTAL EPC Namuinho	6	5,364	632	0	487	0	39	12
TOTAL EP1 Gogone	4	3,686	207	0	242	0	14	14
TOTAL GERAL	141	134,942	13,368	0	22,458	0	794	420

FONTE: Editais afixados nos postos de votação após contagem preliminar em 8/12/2011 às 3h33



1 só dia

Eleições | 07 Dezembro



@Verdade ESPECIAL INTERCALARES CUAMBA

Abstenção venceu em Cuamba

No dia marcado para a escolha do novo edil que irá dirigir o destino da cidade de Cuamba, grande parte dos munícipes abdicou de exercer o seu direito de voto.

Texto: Hélder Xavier • Foto: Hélder Xavier



A maioria – senão todos – dos 12 postos de votação registou fraca afluência dos eleitores, sobretudo no período da tarde. As primeiras horas do dia 7 de Dezembro, o número de eleitores que se aglomerava nos locais de votação, com destaque para Administração, Adine-2, Maganga e Mucupa-centro, era animador, até porque a primeira impressão era de que os habitantes desta urbe estavam dispostos a cumprir o seu dever.

Previsto para às 7h00, as assembleias de votos só foram abertas aproximadamente 30 minutos depois. Acompanhado pela sua esposa, o candidato da Frelimo, Vicente da Costa Lourenço, foi o primeiro a exercer o direito de voto na Escola Secundária de Cuamba. E Maria Moreno, candidata do MDM, votou acompanhada do seu esposo na Escola Primária Samora Moisés Machel no bairro de Adine-2.

Na Administração, muitos eleitores perdidos procuravam as mesas onde estavam inscritos. Sem nenhuma orientação, entravam na primeira fila com que se depa-
rasse. Quando tudo parecia correr normalmente, uma confusão instalou-se, tendo sido chamada a Polícia para amainar os ânimos de alguns eleitores que se en-

contravam exaltados, alegando que os membros da assembleia de voto não respeita a ordem de chegada, além de favorecer membros e simpatizantes do partido Frelimo.

No Posto de Votação de Maganga, dezenas de pessoas na fila, umas sentadas no chão e outras de pé, chegaram muito cedo, por volta das 5h00, para escolher o presidente de um município que mingua e não se vislumbra uma solução. Em Mucupa-centro, alguns eleitores tiveram de percorrer pouco mais de três quilómetros a pé para chegar até ao posto de votação mais próximo. É o caso de Orlando Mirione que foi impedido de votar pelo facto de o seu cartão de não dispor de carimbo.

Durante o período da manhã, o cenário era o mesmo nos postos de votação: filas enormes e pessoas sentadas no chão e outras impacientes desistiam de votar. Durante a tarde, a situação reverteu-se. Os locais de voto começaram a andar às moscas. Diversas mesas passaram o dia quase vazios, os votantes chegavam a conta-gotas. Mas nem tudo foi pacífico. Na Escola Completa de Mutxora, o nosso repórter foi impedido de fazer fotos pelo presidente da mesa 580 e tam-

bém Secretário Permanente da Frelimo. Na Escola Primária 3 de Fevereiro, o jornalista do @Verdade foi obrigado a abandonar o espaço onde se fazia a contagem dos votos, mas graças a pronta intervenção de uma responsável do STAE-Niassa, a situação foi esclarecida.

A contagem dos votos e a divulgação dos dados preliminares revelaram uma realidade preocupante: as abstenções. Em diversas mesas onde se esperava 1000 eleitores inscritos nem sequer 100 votantes chegavam. Em Matia, poucos minutos antes do encerramento das mesas, não havia 200 pessoas, num universo de 1779 inscritos, que tenha exercido o seu dever. Na Escola Primária 3 de Fevereiro e Mutxora, a diferença entre o total de inscritos e os que votaram é grosseira. Em casos em que se aguardava mais de 900 eleitores, haviam votado apenas menos e 100.

Os resultados provisórios de Cuamba revelam uma vantagem de Vicente Lourenço em relação a Maria Moreno na contagem dos votos. Em quase todas as mesas nos postos de votação localizados sobretudo no centro da cidade Vicente esteve sempre a frente da candidata do MDM que concorria pela terceira vez.





Eleições | 07 Dezembro

@Verdade **ESPECIAL INTERCALARES PEMBA**

Ausência de nomes nos cadernos marcou eleição em Pemba

Na cidade de Pemba, um dos municípios que acolheram as eleições intercalares, as assembleias de voto abriram às sete, conforme o previsto.



Antes verificou-se que alguns quites que continham o material estavam incompletos, situação prontamente resolvida pelo STAE da cidade. Dos materiais que estavam em falta destaca-se os cadernos, almofadas e tinta.

Os eleitores chegaram um pouco antes aos 12 locais onde funcionaram as assembleias, mas à medida que a votação decorria muitos abandonaram os locais porque os seus nomes não constavam dos cadernos ou porque estes não apareciam nas réplicas.

Quando quiseram saber dos membros das mesas de voto sobre o que estava a passar, estes apenas diziam que receberam os cadernos do Secretariado Técnico da Administração Eleitoral da Cidade (de Pemba), e que aqueles cujos nomes não constavam das listas não iriam votar, o que os deixou os indignados.

Outra situação que se verificou nas mesas de votação foi o facto de as listas terem sido coladas nas paredes, cabendo ao eleitor consultar o seu nome, o que acabou contribuindo para a morosidade do processo nalgumas mesas. Na mesa 0028, que funcionou na Escola Primária Completa de Cariacô, houve (mais de 20) eleitores que preferiram voltar sem votar porque não identificaram os seus nomes nas listas coladas nas paredes, e outros porque não sabiam ler. Mais: as listas não estavam organizadas em ordem alfabética, o que tornava mais difícil a consulta.

"Cheguei às 4, a minha mesa de voto é esta mas o meu nome não consta e ninguém está aqui para nos orientar. Há pessoas que não sabem ler. Nas eleições anteriores havia pessoas que estavam que orientavam os eleitores, não sabemos o que fazer. O que nos resta é voltar para casa", disse uma eleitora que se encontrava na escola Secundária AMA2 para votar. Neste posto, a mesa mais problemática foi a nº 0015, onde até às 11 só tinham votado apenas 20 eleitores, embora na fila estivessem mais 50 pessoas.

Para além destes incidentes, que se verificaram nas primeiras horas, o processo foi manchado pelo baixo nível de participação dos eleitores, abaixo de 50%. Por exemplo, na mesa nº1136 da Escola Primária de Natite havia 1000 eleitores inscritos, dos quais apenas 53 foram votar. Até às 15, as mesas já estavam, aguardando apenas pela hora de encerramento.

Em todas as assembleias, a contagem e o apuramento terminaram antes da meia noite, sendo que, tendo em conta os resultados constantes dos editais afixados no exterior das assembleias, o candidato da Frelimo, Tagir Ássimo Carimo conseguiu suplantear os seus adversários, nomeadamente, Assamo Tique, do MDM, e Emiliano Moçambique, do Pahumo, ao ganhar as eleições com mais de 50 por cento dos votos válidos, o que lhe permite ocupar o cargo de edil de Pemba, deixado vago por Sadique Yaqub.

Texto: Vítor Bulande • Foto: Vítor Bulande



continuação → A explosão da prostituição

“Escondidinhos” cresce à semelhança de cogumelos

À reboque do crescente mercado da prostituição, o negócio de arrendamento temporário de quartos, vulgarmente conhecidos por “escondidinhos”, prospera na capital do norte. Em cada bairro, sobretudo periféricos, da cidade de Nampula há pelo menos dois prostíbulos e vão emergindo outros um pouco por toda a cidade. Os espaços não só se tornaram apenas num meros sítios para a prática de prostituição mas também de adultério.

Os locais são cada vez mais procurados para o gáudio dos proprietários que investe na construção de mais cómodos para responder à demanda. Diga-se, por outro lado, os espaços são postos de trabalho de dezenas de milhares de moçambicanos. Paralelamente ao negócio de quartos, desenvolve-se o negócio de bebidas alcoólicas.

No bairro da Muhala-Belenenses, o que parece um simples bar esconde uma actividade lucrativa que cresce à margem da formalidade. Uma dezena de quartos enumerados sobressaem aos olhos de quem lá vai parar. A tabela de preços já vem colada na entrada. Numa espécie de bilheteira, um homem de estatura alta, ostentando uma bata azul, com uma caixa cheia de preservativo no balcão, cobra a estadia. Os preços variam de acordo com os quartos. Há os que custam 50 meticais e outros 100 durante uma hora. Para quem pretende passar uma noite inteira, terá de desembolsar pelo menos 150 meticais e desocupar o espaço antes das 9h00 do dia seguinte.

O homem que aparenta pouco mais de 35 anos de idade não é proprietário dos quartos. Trabalha há dois anos naquele local e aufera dois mil meticais por mês. “Antes trabalhava como guarda-nocturno e fiquei sem emprego durante três anos. E, graças a um amigo, consegui este trabalho”, conta. Ele não só cobra o arrendamento temporário, como também faz trabalho de vigilante. No interior do cubículo de cerca de 2,5 por 3 metros, uma pedra – que mais se assemelha a uma campa – com um pequeno colchão por cima serve de cama. Uma almofada encardida e uma manta empoeirada sobressaem por cima cama improvisada.

O proprietário de um bar no bairro de Mutauanha construiu dois quartos há seis meses no fundo do seu quintal. Por dia, em média, factura 800 meticais e nos finais de semana chega a amealhar 1500. Presentemente, animado pela crescente procura, está a construir mais dois cubículos para o mesmo fim e já prevê a duplicação da sua receita. “Nem todos que arrendam os quartos estão a prostituir-se, a grande parte é constituída por pessoas casadas que vem se encontrar com as suas amantes”, diz.

No bar é possível ver casais sentados a aguardarem que os quartos sejam desocupados. No seu interior, um colchão estendido no chão, uma ventoinha e cabides improvisados de madeiras são os únicos bens que se podem encontrar.

Diga-se, nos últimos dias, em alguns bairros periféricos de Nampula, o vaivém de pessoas e veículos de locomoção nas proximidades de bares e barracas ficou mais intenso, revelando um negócio em constante crescimento. Os preços praticados são idênticos, variando consoante a comodidade do espaço que, muitas vezes, não passam de locais imundos onde é possível encontrar preservativos usados espalhados pelo chão.



esteja em cima de todos os acontecimentos seguindo-nos em twitter.com/verdademz

SAÚDE&BEM-ESTAR

COMENTE POR SMS 821115

Moçambique vai enfrentar “consequências gravíssimas” na luta contra o HIV/ SIDA, caso o Governo não consiga cobrir o défice de 40 por cento do orçamento para a compra de antiretrovirais, alertaram ONG moçambicanas.

A culpa de ser seropositiva

Contava o ano de 2009 quando Ernesto Muteto abandonou a sua esposa Celina Zitha e dois filhos, fruto da sua relação “amorosa”. O motivo que o fez desertar da sua família, presume-se que tenha sido o facto de, naquele ano, a sua parceira ter contraído a tuberculose e o HIV/SIDA.

Texto: **Hermínio José** • Foto: **Miguel Manguze**

São 15 horas, quinta-feira 13, o sol escaldante vai raiando fortemente, Celina Feliciano Zitha por baixo de uma árvore vai preparando a refeição que servirá de jantar, enquanto vai inalando o fumo da combustão lenhosa, os seus dois filhos, Neto e José, movidos pela infantilidade e inocência vão correndo de um lado para o outro, a espera que a comida esteja pronta.

Há sensivelmente quatro anos que Celina goza de uma saúde debilitada, mas foi em 2009 que ela decidiu ir ao hospital para saber do seu real estado clínico.

No Centro de Saúde de Ndlhavela foi-lhe diagnosticada a tuberculose, mas porque um mal sempre se faz acompanhar do outro, Celina fez, volvidos perto de quatro meses, o teste de HIV/SIDA, e o resultado não foi uma surpresa, aliás quase que não surpreendeu a ninguém era seropositiva.

Quando ela foi fazer o teste, o seu marido Ernesto estava na vizinhança a fazer alguns biscates (entenda-se trabalho informal), aliás ele era um desempregado, sendo que a sua vida laboral se resumia a pequenos trabalhos aqui ou acolá. Celina não quis pautar pelo silêncio, fazendo jus ao apelo com o qual somos sempre bombardeados “é preciso quebrar o silêncio”, informou ao seu marido com quem decidira fazer a vida, o resultado que trouxe do hospital, e sem papas na língua, debilitada e cansada de sofrer, disse: “o resultado do exame de HIV/SIDA que fiz hoje, foi positivo”.

“O quê?”, perguntou Ernesto. “Estou a dizer que tenho SIDA”, conta para depois acrescentar que o marido quase que a espancava até a morte. Proferiu uma série de palavrões e insultos, e ainda desferiu pontapés sobre as suas nádegas esfarrapadas pela ira das duas doenças de que padecia.

Na verdade Celina diz estar bastante arrependida por ter quebrado o silêncio e dizer o seu estado serológico ao marido e igualmente pai dos seus dois filhos de seis e oito anos de idade. A troca da sua honestidade foi alvo de sevícias.

“Talvez se eu não lhe tivesse dito nada, não seria violentada fisicamente e nem seríamos abandonados. Contra tudo o que eu esperava, após ter-lhe informado da minha situação clínica, só se seguiu uma série de violência. Aqui em casa só vivíamos de barulho. No lugar de ele consolar-me, aconselhar-me e traçarmos a nossa vida futura com os nossos filhos, aumentava as dores, ralhando para mim”, conta ajuntando que o marido gostava muito de proferir impropérios contra ela.

Ernesto Muteto com pouco menos de 40 anos de idade foi alguém que na sua vida conjugal podia ouvir tudo menos que a sua esposa é seropositiva. Mas porque sempre foi fácil saber que fulano ou sicrano está infectado pelo vírus que causa a SIDA e difícil saber da origem ou proveniência da doença, Celina fez a sua parte e também incentivou ao seu marido para que seguisse o seu exemplo, isto é, ir fazer o teste numa unidade sanitária que dista escassos quilómetros

de casa, mas de balde. “Ele dizia que não podia fazer o teste de HIV porque estava aparentemente bem de saúde. Dizia com toda a certeza que eu sabia onde teria apanhado o vírus, dando a entender que eu tinha trazido a doença para casa”, lamenta para depois acrescentar que o seu marido não era alérgico às saias, “ele tinha muitas amantes e até fazia questão de trazê-las aqui para casa, numa clara atitude de que eu já não era nada para ele. Quando eu lhe perguntasse a razão desse comportamento, ele dizia que tinha que me calar porque de contrário receberia porrada”, ajunta.

“Eu não tinha brincadeiras, não andava fora e nunca isso me passara pela cabeça. Sempre procurei ser fiel a ele, pois era a pessoa com quem eu tinha decidido fazer a vida. Não tenho dúvidas de que o meu marido foi quem me contaminou com o vírus do HIV/SIDA. Talvez fosse por isso mesmo que ele não aceitava ir fazer o teste comigo”, conta acrescentando que os médicos por saberem que ela era casada e vivia com o seu marido, pediram-na para convidar o seu parceiro a fazer o teste, no entanto, a arrogância, a violência e a ignorância revelaram-se maiores que os apelos nesse sentido, ou seja, Ernesto podia fazer tudo menos o teste de HIV/SIDA, e os reais motivos para a recusa só ele sabe.

Pai que abandona esposa e filhos não registados

Desde que o Muteto decidiu abandonar a sua esposa e dois filhos nomeadamente, Neto e Jose, de 6 e 8 anos de idade, respectivamente, até hoje estas duas crianças não vão à escola, mesmo com idade para ingressar no sistema de ensino no país, e, pior ainda, não foram registados. “Quando ele saiu de casa, pegou na sua maleta de roupas e disse que o seu destino era a África do Sul. Ele foi peremptório em afirmar que nunca mais voltaria, nem para ver os filhos”, comenta com as rugas precoces rasgando o seu rosto.

Efectivamente já passam dois anos sem que o Ernesto Muteto tenha alguma vez aparecido, pelo menos para se inteirar das condições de vida dos seus dois rebentos, estes que inocentemente vão, dia após dia, cavando um calvário sem fim à vista. À Celina só cabe assegurar o fardo que lhe fora confiado pelo ex-marido, este que enquanto vai, na terra do rand, desfrutando pelos worses e pão integral, os seus filhos menores juntamente com a mãe vão vivendo ao Deus dará. É normal passar uma semana sem que a panela pouse no fogo por não haver nada para cozinhar. “Porque os vizinhos já tomaram conhecimento da minha triste situação, uns e outros dão-me qualquer coisa para comer. A comida que resta não deitam fora e trazem para mim”, conta numa clara alusão ao ditado que diz, ‘na falta do melhor o pior serve’ e como se ela fosse o receptáculo de comida cuja podridão está iminente.

“Enquanto eu estava na Manhica, ele fazia das suas aqui em casa com...”

Em 2008 porque Muteto via as condi-



ções de vida a definharem, e porque fazia parte da extensa fileira dos desempregados aqui em Moçambique, decidiu enviar a sua esposa à Manhica, sua zona de origem. Nessa altura, a saúde da Celina era débil. Mesmo assim, ela não fez ouvidos de mercador, pegou nas suas xidjumbas (montão de roupas) e na companhia dele foram até à terminal dos transportes rodoviários interprovinciais, vulgo Junta, e de lá tomou a viagem rumo à terra natal do seu marido. “Fui ficar na casa que ele construiu na Manhica, só que em menos de 2 meses, os problemas de saúde agravaram-se e pedi-lhe para que eu voltasse a Maputo. Felizmente aceitou”, conta para depois acrescentar que a casa que antes deixara com o marido ficou diferente, havia roupa e chinelos de outras mulheres espalhadas por entre as quatro paredes do quarto. Quando eu lhe perguntasse a quem pertenciam aquelas peças de vestuário, ele friamente dizia que era das mulheres com quem ele achava que podia viver”, recorda com as lágrimas percorrendo o seu rosto.

Muteto porque alegadamente já sabia da doença que assolava a sua mulher, fez tudo que pudesse para dela se separar. A ideia de mandá-la para ficar na Manhica fracassou, o que fê-lo traçar outra estratégia, que era sair de casa e deixar a sua pacata família engolida pela miséria.

Viver em apuros

António Feliciano Zitha, com pouco mais de 34 anos de idade, e irmão da Celina, reconhece e sem rodeios que a relação da sua irmã com o seu ex-marido Ernesto, nunca foi boa, “eles sempre viviam em problemas, de tal maneira que nós os familiares e vizinhos já nem nos metíamos nas intrigas dele. Não passava uma semana sem discutirem”, conta para depois acrescentar que a situação ficou azeda quando a Celina começou a adoecer.

No entanto, antes eles viviam sem problemas, com os seus dois filhos. Foi naqueles tempos em que parecia existir amor, e eles viam o mundo como se de um mar de rosas se tratasse, mas o tempo mostrou o avesso da realidade por que a humanidade passa.

Este jovem conta ainda que quando o seu cunhado enviou a esposa à Manhica alegadamente por não ter condições, ele era o dono da terra, “fazia e desfazia a seu bel-prazer, trocava de mulher quando e como quisesse. No lugar de se preocupar em cuidar da sua esposa que não gozava de boa saúde, fazia passeatas noite adentro, saindo de casa num dia e voltando no dia seguinte ou dias depois. Isso não

era problema”, lamenta visivelmente agastado pela triste situação por que passa(va) a sua irmã.

Tomar anti-retrovirais sem comer nada

Celina tem que, por um lado, tomar a doze de comprimidos relacionados com a tuberculose e, por outro, os anti-retrovirais. Estes medicamentos são administrados diariamente. Porém, a falta de alimentação tem sido um grande problema. “Às vezes não tomo os medicamentos, e isso acontece quando não tenho o que comer. Aqueles medicamentos são muito fortes, a tal ponto que me provocam tonturas”, conta para depois acrescentar que os vizinhos não fazem vista grossa à sua situação, e dão alguma coisa para ela comer. Mas porque os dias não são os mesmos, “há vezes que os vizinhos não me dão nada, e eu e os meus dois filhos dormimos sem comer nada”. Esta seropositiva não se conforma quando fica sem tomar os medicamentos, principalmente os anti-retrovirais. Ela procura a todo custo respeitar a dosagem dos fármacos, sob o risco de ver a sua situação clínica a definhar-se cada vez mais.

Caminhar grandes distâncias a pé e débil

Actualmente Celina reside no bairro Khongolote, algures no município da Matola. O hospital no qual ela faz o controlo dista sensivelmente 15 quilómetros da sua casa, e por falta de dinheiro ela faz este percurso caminhando a pé. Dado o seu estado de saúde definhado, para fazer esta distância leva pouco mais de três horas, e aos passos de camaleão ela chega ao seu destino. “Porque a minha mãe vive perto do hospital, quando vou ao controlo, não volto à minha casa no mesmo dia, durmo em casa dela”, conta para depois acrescentar que os seus irmãos pediram para que ela e os dois filhos fossem viver com eles mas não aceitou porque segundo conta, quer estar por entre as quatro paredes do seu minúsculo cubículo, sofrendo como não. Uma casa que quando o marido se foi estava ainda em construção e não estava coberta, os vizinhos é que se prontificaram a conceder algumas chapas de zinco, ainda que já usadas para improvisar um tecto. Até à “fuga” do seu marido, eles dormiam numa casa de construção precária, esta que pouco tempo depois desabou. Para não ficar sem lugar para dormir, pegou nos seus dois rebentos para a obra, na qual inicialmente não tinha cobertura e, quando chovesse, pedia abrigo numa casa vizinha.

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Circuncisão...fazer ou não? Eis a questão!!!

Olá meus queridos leitores! Eu estou bem e espero que vocês também estejam bem de uma forma geral, afinal de contas o final de semana está a começar. Queridos leitores, será que nas conversas com os nossos amigos, irmãos, primos temos falado da importância de fazer a circuncisão? A Circuncisão é um procedimento cirúrgico no qual se remove o prepúcio, a pele que recobre a glândula (cabeça do pénis). Sei que em muitas culturas ela é aceite mas em outras não. No mundo actual e no contexto em que nós vivemos pessoal, temos que parar um pouco e analisar quais as coisas que nos ajudam a proteger a nossa saúde para que possamos levar uma vida sexual sadia e prazerosa. Isto para dizer que, segundo vários estudos feitos por pessoas especializadas mostram que, meninos circuncidados estão de 10 a 39 vezes menos susceptíveis a contrair infecções urinárias durante a infância do que meninos não circuncidados. Além disso, a circuncisão reduz a probabilidade de: contrair infecções urinárias, infecções do pénis, cancro peniano e cancro do colo do útero nas mulheres (parceiras dos homens não circuncidados) e reduz a probabilidade de contrair uma ITS incluindo o HIV. Atenção pessoal, só o preservativo usado correctamente e consistentemente é que protege contra as ITS/HIV. Fica ao critério de cada um saber se deve fazer ou não a circuncisão, porque afinal de contas, cada um é responsável pelas atitudes que toma com vista a cuidar de si e do seu próximo.

Se quiseres perceber melhor acerca deste ou de outros temas que passam por aqui, envia as tuas questões.

Envie-me uma mensagem

através de um sms para

821115 ou **8415152**E-mail: **averdade@verdademz@gmail.com**

Olá Tina, eu tenho este problema, e preciso muito de fazer a circuncisão. Mas como? Porque eu quando estou a transar com a minha mulher, sempre que eu me mexer muito, ela diz que está a sentir dores e eu tenho que fazer pouco a pouco. E também no meu pénis sempre aparecem coisas brancas, e bolinhas brancas, o que eu faço para acabar com tudo isso? Ajuda-me por favor. Américo.

Olá Américo. Realmente a tua mulher tem razão quando ela diz que sente dores durante o acto sexual, porque o prepúcio (pele que cobre a cabeça do pénis) dificulta a penetração do pénis no interior da vagina, provocando até pequenas feridas principalmente quando a mulher não se encontra suficientemente lubrificada. Quanto às bolinhas brancas, dizer que, é algo que debes levar em consideração e procurar um médico o quanto antes para que ele possa observar-te e fazer um diagnóstico correcto. A circuncisão para além de deixar o pénis com uma aparência mais agradável, facilita a sua higienização. Para fazeres a circuncisão sem custos, podes dirigir-te para alguns locais como: Posto de Saúde de Laulane situado no Bairro policial (3 de Fevereiro) Maputo; Base Aérea Beira; Hospital Militar Nampula. Bom final de semana e boa sorte!

Eu estou preocupada cm uma amiga minha. Ela diz que estão a acontecer umas coisas estranhas: sente comichão na vagina, e sai um líquido branco. Será que pode estar com HIV?

Olá. A primeira pergunta que debes fazer a tua amiga é se ela usa correctamente e consistentemente o preservativo masculino ou o feminino durante as relações sexuais. Se ela responder que não, então ela deve preocupar-se em procurar um médico o mais rápido possível. Segundo, pelos sinais e sintomas que descreves, ela pode estar com alguma Infecção Transmissível Sexualmente, incluindo o HIV. As ITS, devem ser tratadas logo no início para evitar que causem danos maiores ao nosso organismo. Existem algumas coisas que podemos fazer para reduzir o risco de contrair uma ITS, tais como: Usar sempre o preservativo durante as relações sexuais; reduzir o número de parceiros; observar se o seu parceiro não tem sinais de alguma ITS ex: feridas nos órgãos genitais, borbulhas, inchaço ou líquidos anormais; lavar os órgãos genitais com água e sabão e urinar logo após a relação sexual. Ela não se deve automedicar. Deves aconselhá-la a dirigir-se à unidade sanitária mais próxima para que possa ser observada por um médico. Vai com ela, e assim aproveitais esclarecer dúvidas acerca da saúde sexual reprodutiva.

Na 17ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP17) que decorre desde 28 de Novembro em Durban, África do Sul, começam a desenhar-se vários cenários sobre aquilo que poderá marcar o final desta reunião, de entre os quais a entrada em vigor de um segundo período de compromisso do Protocolo de Quioto.

AMBIENTE
COMENTE POR SMS 821115

Turismo Catástrofe

Desastres naturais protagonizam espectáculos que fazem viajantes gastar milhares de dólares e passar por sacrifícios físicos.

Texto: revista Istoé • Foto: Istockphoto



Quanto mais longe, melhor. Essa é a distância que muitos adoptam quando se sabe que na vizinhança há um gigante cuspidor de lava com temperatura superior a 800°C e a 400 m de altura. Por outro lado, há gente disposta a suportar até quatro horas de caminhada pela selva para chegar perto de um espectáculo proporcionado por um desastre natural.

Até paga – e caro – por isso. O exemplo mais recente desse fenómeno aconteceu na República Democrática do Congo.

Desde o mês passado, a precária indústria turística local criou pacotes para levar viajantes aventureiros às cercanias do vulcão Nyamulagira,

que está activo desde o dia 6 deste mês.

Em geral, agentes e operadores de turismo tradicional têm calafrios ao ouvir falar de catástrofes naturais.

Pudera: quando passou pela Austrália em Fevereiro, o ciclone Yasi provocou estragos em 86% dos estabelecimentos associados ao turismo no Estado de Queensland, o mais afectado. Apesar de exemplos como esse, cresce o número de empresários que vêem oportunidades onde a maioria só vê devastação.

É o caso dos ingleses da Disaster Tourism. Desde 2009, a empresa leva os seus clientes para ver de perto torna-

dos, tsunamis, degelos, vulcões e outras atracções do género.

Como cada pacote é planeado individualmente, só esse processo de criação sai pelo equivalente a USD\$ 200. Os preços dos passeios, com a duração máxima de duas semanas, chegam a USD\$ 45 mil.

Além de dinheiro e espírito de aventura, a agência exige dos seus clientes respeito com as pessoas atingidas pelo desastre: “Não queremos explorar a dor e as perdas geradas pelos eventos”, avisam no seu site.

Criada em 1997, a agência americana Storm Chasing Adventure Tours coloca

turistas quase no olho do furacão. Por US\$ 2.400, o viajante participa de uma perseguição a um dos tornados que varrem o Meio-Oeste dos Estados Unidos.

A empresa possui radares e equipamentos de detecção próprios. São tão bons que acabam oferecendo ao turista um benefício extra: a possibilidade de estar ao lado dos maiores especialistas americanos no assunto, que apanham boleia nas actividades da Storm Chasing. Cada grupo chega a juntar 20 turistas.

Oportunidade rara se se quer entender o que atrai tanta gente para situações que afastam a maioria da humanidade.

Ex-RDA, santuário para espécies ameaçadas

As terras agrícolas do leste da Alemanha, deixadas ao abandono depois da reunificação, abrigam agora numerosas espécies de aves.

Texto: Jornal The Independent • Foto: Istockphoto

Com uma envergadura de quase três metros, a águia-rabalva plana majestosamente sobre florestas e campos desertos. A presença desta impressionante ave de rapina sobre terras que pertenceram outrora a uma cooperativa gerida pelo Estado é a prova mais visível de uma bela história ornitológica, que começou no leste da Alemanha após a queda do comunismo, há mais de 20 anos.

Dos cerca de 18 milhões de pessoas que habitavam a antiga RDA, quase dois milhões partiram para o Ocidente na esperança de encontrarem melhores empregos. Como a natureza tem horror a espaços vazios, as aves ocuparam o seu lugar.

De acordo com os resultados de um estudo publicado para o atlas oficial alemão das aves nidificantes, a antiga Alemanha comunista atrai anualmente duas vezes mais aves nidificantes do que a parte ocidental.

Entre as espécies que marcam presença assídua no leste da

Alemanha contam-se algumas extintas ou ameaçadas de extinção no Ocidente, como os grous, as cegonhas-pretas, as felosas-muscais, as abetardas-comuns e as águias-pomarinhas.

No leste, o número de casais de águias-rabalvas passou de 185 em 1990 para 575 nos dias de hoje, e o aumento da taxa de natalidade desde 1993 permitiu que estas aves fossem retiradas da lista das espécies ameaçadas.

Estas regiões tornaram-se santuários para as aves quando as cooperativas de produção agrícola foram abandonadas,

depois da reunificação.

Um quinto das terras agrícolas passou a estar em pousio. Os campos abandonados transformaram-se rapidamente em verdadeiras reservas naturais uma espécie de oásis onde as flores selvagens, as gramíneas e as ervas daninhas crescem em total liberdade. Voltaram os insectos, em seguida os pequenos mamíferos e fenómeno sem dúvida mais impressionante as aves.

O leste da Alemanha tem também a sorte de possuir regiões selvagens quase desabitadas

que já serviam como refúgio para os pássaros muito antes da queda do comunismo. O delta do rio Oder, na fronteira com a Polónia, é um dos maiores. Estende-se por mais de 10 000 ha e atrai todos os anos mais de dois terços da população mundial de gansos-campestres, por altura da sua migração. As zonas húmidas em torno do rio tornaram-se oficialmente uma das maiores reservas naturais da Europa em 1995, e são agora uma zona de reprodução para as espécies raras.

Refúgio da águia

Os organismos alemães de protecção da natureza compram regularmente terras desocupadas que pertenceram ao Estado para as transformarem em novas reservas. Algumas, como Griever Holz, 200 ha de florestas e prados em Mecklenburg, abrigam algumas das espécies de aves mais raras da Alemanha, entre as quais a águia-pomarina.

Há mais de dois séculos, marcavam presença em toda a Ale-



manha e também noutras regiões da Europa ocidental. No entanto, devido a terem sido sistematicamente caçadas, quase desapareceram no Ocidente a partir do século XIX.

Hoje, a maior parte encontra-se na Europa oriental. Chegam na primavera para se reproduzirem, depois de percorrerem 10 000 km vindas do leste e do sul de África, onde passam o inverno.

A águia-pomarina necessita de um meio natural diversificado

e tão preservado quanto possível.

É nas zonas húmidas rodeadas de floresta e prados que se encontra o seu alimento, composto essencialmente por ratos silvestres e outros roedores, rãs e pequenos pássaros, o que a coloca no topo da cadeia alimentar nesta região.

Segundo Ulf Bäker, naturalista da NABU, associação alemã de protecção da natureza, “quando as aves conseguem reproduzir-se, significa que estamos no bom caminho”.



CARTOON



DESPORTO

COMENTE POR SMS 821115

Eis os apurados para os oitavos Liga dos Campeões Europeus em futebol: Bayern Munique, Nápoles, Inter de Milão, CSKA Moscovo, Benfica, Basileia, Real Madrid, Lyon, Chelsea, Bayer Leverkusen, Arsenal, Marselha, APOEL, Zenit, Barcelona e AC Milan.

O lockout acabou. É fazer a festa, lançar os foguetes e apanhar os prejuízos de alguns

O lockout terminou. Por todo o mundo, os fãs do basquetebol juntam-se à festa feita pelos jogadores e celebram o regresso à actividade da NBA. Mas nem tudo são rosas e esta paragem prolongada vai trazer alguns amargos de boca, principalmente aos jogadores. O problema principal está resolvido, mas as consequências ainda se vão fazer sentir.

Texto: lonline • Foto: ISTOCKPHOTO



O bom filho a casa torna? O lockout levou muitos jogadores a emigrar, para não ficarem parados. Real Madrid, CSKA Moscovo, Virtus Bologna... A lista de clubes internacionais que acolheram jogadores da NBA parece interminável. Mas agora que a liga norte-americana recomeça a maioria vai querer regressar. A questão é: será que os clubes deixam? Para alguns não há problema. Jogadores como Deron Williams, a jogar actualmente no Besiktas, ou Tony Parker, no ASVEL (França), resolveram a situação. Assinaram uma cláusula a que chamam "opt-out" e podem facilmente sair dos clubes em que estão. Já Wilson Chandler, a jogar no Zhejiang Guangsha, não pode dizer o mesmo. Nenhum contrato feito com clubes chineses tem a "opt-out"; estes jogadores não vão poder estar presentes na NBA este ano e os seus clubes não podem contar com eles (os Denver Nuggets têm três jogadores na China, por exemplo).

Quando a Amnistia é má. Já que falamos em cláusulas, a da amnistia pode ser uma dor de cabeça para alguns jogadores. Esta cláusula deixa que cada equipa dispense um jogador sem ter de lhe pagar o que falta do seu contrato. Más notícias para quem recebe muito mas produz pouco. É o caso de Gilbert Arenas, dos Orlando Magic. Com o quinto maior salário da NBA (mais de 19 milhões) e com resultados em nada comparáveis com os dos seus tempos mais jovens, Arenas pode ser dispensado. Brandon Roy, dos Portland Trail Blazers, é outra opção, tendo tido resultados muito infe-

riores ao habitual na época passada, apesar de várias lesões. Mas os rumores sobre o mercado já falam na possibilidade de uma transferência para outro clube. Outra opção bastante provável no que toca às amnistias é Baron Davis, dos Cavaliers: está no top 25 dos salários e a equipa tem outros jogadores para o seu lugar, como o rookie Kyrie Irving. Há sempre a hipótese da transferência e diz-se por aí que os Lakers estão interessados. O mercado dos free agents, ou seja, dos jogadores livres para novo contrato, abre a 9 de Dezembro. A lista de rumores sobre os Lakers é a maior, mas muitos outros circulam. Se os Warriors amnistiarem Charlie Bell ou Andris Biedrins, por exemplo, Tyson Chandler ou Marc Gasol são boas hipóteses para se juntarem à equipa. É esperar para ver se o mercado de transferências vai estar tão quente como se prevê.

Sem tempo para respirar o atraso provocado no início da época por este lockout vai fazer com que agora se tente recuperar o tempo perdido. Isso implicará a época mais concentrada de sempre. Ao contrário do que se passou em 1998/1999, quando o lockout se arrastou até Janeiro e a época ficou reduzida a 50 jogos, desta vez a decisão foi outra. Haverá 66 encontros, em vez dos habituais 82, e começam dia de Natal. Mas para se fazerem tantos jogos em tão pouco tempo, cada equipa terá de jogar três dias consecutivos pelo menos uma vez – algumas poderão chegar a fazê-lo três vezes. Equipas mais velhas, como os San Antonio Spurs, os Dallas Mavericks

ou os Boston Celtics ver-se-ão em trabalhos (a média de idades nas suas equipas situa-se entre os 28 e os 29 anos). Já os Oklahoma City Thunder, com uma equipa cheia de jovens de 22 e 23 anos, deverão acompanhar bem o ritmo. Os Chicago Bulls também se devem sair bem, tendo em conta que no seu cinco inicial só têm dois jogadores mais velhos (e ainda contam com o fresquíssimo Derrick Rose, de

Comandada pela sua antiga glória Antonio Conte, a "Juve" já leva 13 jogos (oito vitórias e cinco empates) sem perder, sendo que apenas disputou jogos oficiais na Série A — não participa nas competições europeias e ainda não jogou na Taça de Itália. Só a partir deste fim-de-semana é que a Juventus passou a ser a única equipa da Europa sem derrotas, depois de o Benfica ter sido eliminado pelo Marítimo da Taça de

A vecchia signora ainda está longe do Steaua de Ceausescu e do Mimosas de Abidjan

A Juventus é um clube de recordes. Em Itália, não há quem tenha mais títulos (27), na Europa foi o primeiro clube a conquistar as três competições (agora só há duas) da UEFA (feito só repetido por Bayern e Ajax). Mas a vecchia signora andou desapaçada do topo desde o Calciopoli que a obrigou a uma temporada na Série B. Depois de quatro anos a ganhar embalagem, a formação de Turim está a recuperar o seu lugar no topo da hierarquia do futebol italiano. Lidera a Série A italiana e ainda não sofreu qualquer derrota esta época em jogos oficiais, caso único na Europa.

Texto: lonline • Foto: ISTOCKPHOTO

delas que ultrapassam a centena de jogos e que se estendem a várias temporadas. Em Portugal, o FC Porto já não perde para o campeonato desde Fevereiro de 2010, numa série que já chegou à meia centena de encontros, mas o recorde continua a pertencer ao Benfica, 56 jogos sem derrotas para o campeonato entre Outubro de 1976 e Agosto de 1978.

ASEC Abidjan 108 jogos entre 1989 e 1994

O Académie Sportive des Employés de Commerce (ASEC) Mimosas de Abidjan é um dos mais famosos clubes do continente africano, responsável pela formação de vários talentos que brilharam e brilham no futebol europeu, como os irmãos Yaya e Kolo Touré (Manchester City), Salomon Kalou (Chelsea), Gervinho (Arsenal) ou Romaric (Espanyol). Na Costa do Marfim, é, de longe, o clube com mais sucesso, tendo conquistado 24 títulos de campeão e 16 Taças da Costa do Marfim, para além de ter sido uma vez campeão africano de clubes.

O clube costa-marfinense detém o recorde mundial de invencibilidade no futebol: 108 jogos sem perder nas competições nacionais, entre 1989 e 1994. O goleador dessa equipa era Abdoulaye Traoré, avançado que teve uma breve passagem pelo futebol português em 1986-87, ao serviço do Sporting de Braga. A série invencível acabou com uma derrota a 19 de Junho de 1994 por 2-1, mas o Mimosas recuperou bem no jogo seguinte: venceu por 11-0 e Traoré marcou oito golos.

Steaua de Bucareste 104 jogos entre 1986 e 1989

Como tantas equipas do bloco comunista, o Steaua de Bucareste estava ligado ao Exército, mas tinha de dividir a ribalta do futebol romeno com a equipa dos serviços secretos, o Dínamo. O Steaua, tinha, no entanto, um aliado de peso,

Valentin, o filho adoptivo do ditador Nicolae Ceausescu. Durante os anos 80, com a influência de Valentin, o Steaua conquistou cinco títulos consecutivos e alcançou um recorde europeu de invencibilidade, 104 jogos entre 1986 e 1989.

Foi neste período que o Steaua, onde pontificavam jogadores como o antigo treinador do Sporting Laszlo Bölöni, Victor Piturca ou Marius Lacatus, conquistou o seu único título de campeão europeu de clubes, em 1986, numa final contra o Barcelona, em que o guarda-redes Helmuth Duckadam defendeu quatro penáltis. Até hoje, os jogadores dessa equipa defendem Valenti, que também era físico nuclear, argumentando que ele era um visionário e que o sucesso do Steaua não era apenas uma questão de influência política. "É verdade que ele era filho de um ditador, mas ele nunca usou o seu poder", considera Duckadam.

Arsenal 49 jogos entre 2003 e 2004

Há duas equipas na história do futebol inglês que conseguiram ser campeões sem sofrer qualquer derrota. O pioneiro foi o Preston North End na longínqua época de 1888-89, a primeira temporada em que houve campeonato inglês. A época durava apenas 22 jornadas (a Premier League tem actualmente 38 rondas) e a equipa que está actualmente na terceira divisão conseguiu 18 vitórias e quatro empates.

Mais de um século depois, o Arsenal repetiu o feito em 2003-04, campeão com 26 vitórias e 12 derrotas, numa equipa que combinava na perfeição os talentos de Thierry Henry, Patrick Vieira, Dennis Bergkamp e Robert Pires. Mas a série invencível começara na época anterior e só terminaria no ano seguinte, às mãos do Manchester United. Depois dessa época de sonho, os gunners nunca mais foram campeões.



Publicidade

Pick n Pay
ENORME VARIEDADE
A PREÇOS BAIXOS

59mt
Cada
Óleo de Cozinha PnP
750ml

Preços Válidos até 11 de Dezembro de 2011
AVENIDA DE ANGOLA 1745. TEL: 21 46 8600
Quantidades Limitadas ao Stock Existente
Interditos a venda a retalhistas. E&OE.

A água é um bem precioso, utilize-a sabiamente. Recicla o nosso planeta. Recicla

22 anos). Os Miami Heat podem não ser a equipa mais jovem (com uma média de idades de 27 anos), mas contam com trunfos impressionantes. LeBron James e Dwyane Wade são pesos-pesados que aguentarão esta época sem problemas de maior e regressam com o orgulho ferido da final perdida para Dallas. Mas vejamos o lado positivo do calendário: para os fãs, a época será um petisco. Com uma competição tão intensa, cada adepto terá de esperar menos tempo entre jogos consecutivos para ver a sua equipa favorita.

A título de curiosidade: se o lockout tivesse continuado, a NBA já previa uma perda de 2 mil milhões de dólares em merchandising. Por lá há quem respire de alívio. Por cá, os fãs também.

A **Toyota anunciou** que vai manter a produção em ritmo reduzido em fábricas na Tailândia, Indonésia, Malásia e África do Sul por causa da escassez de peças fabricadas por fornecedores na Tailândia, país atingido por graves enchentes. A maior montadora de veículos do Japão informou que perdeu uma produção de 190 mil veículos globalmente entre 10 de Outubro e 19 de Novembro.

MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

Peugeot cria conceito de três rodas



A Peugeot, marca francesa conhecida por fabricar veículos de quatro rodas, também possui uma longa linha de scooters na Europa. Inovando na sua gama de produtos, a empresa acaba de apresentar um conceito de três rodas: o Metropolis Project.

O seu conjunto possui todas as características de um scooter tradicional, com câmbio automático, espaço interno para levar bagagens e posicionamento do assento.

O Metropolis recebeu uma roda a mais na dianteira para trazer maior segurança para

o usuário, unindo a agilidade de uma moto com a estabilidade de um carro, do mesmo modo que ocorre com o Piaggio MP3. Na dianteira, possui pára-brisas que tem regulação de altura eléctrica.

O seu motor é um 400 cm³ com injeção electrónica e, segundo a marca, alcança potência máxima de 35 cv, o que possibilita o Metropolis alcançar velocidade máxima de 150 km/h. Apesar de ainda ser um conceito, a Peugeot afirma que o produto está praticamente pronto para entrar em produção em massa. /Por redacção/agências

Tata apresenta nova versão do Nano, o carro 'mais barato' do mundo

A Tata fez melhorias no seu modelo Nano, modelo conhecido como o carro mais barato do mundo. O supercompacto, segundo a fabricante, passa a contar com um motor de 38 cavalos de potência, 3 a mais do que o modelo anterior.

O consumo de combustível passou para 25,4 km/l, comparado com os 23,6 km/l da versão anterior.

O Nano também teve mudanças no interior, que ficou mais "luxuoso", de acordo com a Tata, e com menos ruído. Ele também terá mais opções de cores, como as cítricas. As novidades foram baseadas em pesquisas com os consumidores do modelo indiano.

Desde o seu lançamento, em 2009, a fabricante ainda luta para fazer o supercompacto vingar no mercado. A Tata esperava vender 25 mil unidades por mês, mas, em Outubro passado, chegou a 3.868, o que, no entanto, representou uma alta de 26% sobre o mesmo período do ano passado.

Saiba mais

O Nano actualmente custa a partir de 140,880 rupias (cerca de US\$ 2.770), segundo a France Presse. Para os analistas ouvidos pela agência, as vendas são prejudicadas por causa de uma série de defeitos, incluindo motores que pegaram fogo, além da acirrada competição no segmento de compactos no agitado mercado da Índia.



Para outros, a Tata errou no marketing, ao vender o carro apenas como "barato", e não como um produto para classes em ascensão. /Por redacção/agências

Recorte e guarde o novo código de estrada

Entrou em vigor, no passado dia 24 de Setembro, o novo Código de Condução nas estradas de Moçambique. @Verdade publica, nesta edição, o segundo fascículo, de um total de 19, do Boletim da República aprovado a 23 de Março do corrente ano, pelo Conselho de Ministros, para que os automobilistas possam ter conhecimento da natureza do novo dispositivo.

73 DE MARÇO DE 2011	175
9. A contravenção do disposto nos n.ºs 6 e 7 é punida com a multa de 10 000,00MT.	7. É proibido o trânsito de veículos que não disponham dos sistemas, componentes ou acessórios com que foram aprovados ou que utilizem sistemas, componentes ou acessórios não aprovados nos termos do n.º 3 deste preceito.
Artigo 114 Veículos únicos e conjuntos de veículos	8. A contravenção do disposto no n.º 7 é punida com a multa de 500,00MT.
1. Consideram-se veículos únicos:	Artigo 118 Transformação de veículos
a) O automóvel pesado composto por dois segmentos rígidos permanentemente ligados por uma secção articulada que permite a comunicação entre ambos;	1. Considera-se transformação de veículo qualquer alteração das suas características construtivas ou funcionais.
b) O comboio turístico constituído por um tractor e um ou mais reboques destinados ao transporte de passageiros em pequenos percursos e com fins turísticos ou de diversão.	2. A transformação de veículos a motor e seus reboques é autorizada nos termos fixados em regulamento.
2. Conjunto de veículos é o grupo constituído por um veículo tractor e seus reboques ou semi-reboques.	3. A contravenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 1000,00MT.
3. Para efeitos de circulação, o conjunto de veículos é equiparado a veículo único.	CAPÍTULO II Inspecções e matrículas
Artigo 115 Velocípedes	Artigo 119 Inspecções
1. Velocípede é o veículo com duas ou mais rodas, accionado pelo esforço do próprio condutor por meio de pedais ou dispositivos análogos.	1. Os veículos a motor e os seus reboques devem ser sujeitos, nos termos fixados em regulamento, à inspecção para:
2. Velocípede com motor é o velocípede equipado com motor auxiliar eléctrico com potência máxima contínua de 0,25 kW, cuja alimentação é reduzida progressivamente com o aumento da velocidade e interrompida se atingir a velocidade de 25 km/h, ou antes, se o ciclista deixar de pedalar.	a) Aprovação do respectivo modelo ou marca;
3. Para efeitos do presente Código, os velocípedes com motor são equiparados a velocípedes.	b) Atribuição de matrícula;
Artigo 116 Reboque de veículos de duas rodas e carro lateral	c) Aprovação de alteração de características construtivas ou funcionais;
1. Os motociclos, ciclomoteres e velocípedes podem atrelar, à retaguarda, um reboque de um eixo destinado ao transporte de carga.	d) Verificação periódica das suas características e condições de segurança.
2. Os motociclos de cilindrada superior a 125cm ³ podem acoplar carro lateral destinado ao transporte de um passageiro.	2. Pode, ainda, determinar-se a sujeição dos veículos referidos no número anterior a inspecção, quando, em consequência de alteração das características construtivas ou funcionais do veículo, de acidente ou de outras causas, haja fundadas suspeitas sobre as suas condições de segurança ou dúvidas sobre a sua identificação.
Artigo 117 Características dos veículos	3. A contravenção do disposto neste artigo é punida com a multa de 2000,00MT.
1. As características dos veículos e dos respectivos sistemas, componentes e acessórios são fixadas em regulamento.	4. Ressalvadas as situações de utilização abusiva, a realização das inspecções depende do prévio cumprimento das sanções pecuniárias aplicadas por contravenções praticadas com utilização desse veículo.
2. Todos os sistemas, componentes e acessórios de um veículo são considerados suas partes integrantes e, salvo avarias ocasionais e imprevisíveis devidamente justificadas, o seu não funcionamento é equiparado à sua falta.	Artigo 120 Obrigatoriedade de matrícula
3. Os modelos de automóveis, motociclos, ciclomoteres, tractores agrícolas, tractocarro, reboques e semi-reboques, bem como os respectivos sistemas, componentes e acessórios, estão sujeitos a aprovação de acordo com as regras fixadas em regulamento.	1. Os veículos a motor e os seus reboques só são admitidos em circulação desde que sujeitos a matrícula de onde constem as características que permitam identificá-los.
4. O fabricante ou vendedor que coloque no mercado veículos, sistemas, componentes ou acessórios sem a aprovação, do referido no número anterior ou infringindo as normas que disciplinam o seu fabrico e comercialização, é punido com multa de 5000,00MT se for pessoa singular ou de 10 000,00MT se for pessoa colectiva e com perda dos objectos, os quais devem ser apreendidos no momento da verificação da contravenção.	2. Exceptuam-se do disposto no número anterior os veículos que se desloquem sobre carris e os reboques cujo peso bruto não exceda 300 kg.
5. A contravenção do disposto no n.º 3 é punida com a multa de 500,00MT.	3. Os casos em que as máquinas agrícolas e industriais, os motocultivadores e os tractocarro estão sujeitos a matrícula são fixados em regulamento.
6. É proibida a importação de veículos com volante à esquerda para fins comerciais.	4. A matrícula do veículo deve ser requerida à autoridade competente pela pessoa, singular ou colectiva, que proceder à sua admissão, importação ou introdução no território nacional.

176	1.ª SÉRIE — NÚMERO 12
7. Quem puser em circulação veículo não matriculado nos termos dos números anteriores é punido com multa de 5000,00MT, salvo quando se tratar de ciclomotor, tractocarro, tractor ou reboque agrícola ou florestal, em que a multa é de 2500,00MT.	Artigo 123 Cancelamento da matrícula
Artigo 121 Matrícula temporária	1. O proprietário deve requerer o cancelamento da matrícula, no prazo de 30 dias, quando o veículo fique inutilizado ou haja desaparecido, sem prejuízo de cancelamento oficioso nos mesmos casos.
1. Os veículos automóveis construídos em Moçambique e destinados à exportação definitiva, devem também ser objecto de matrícula provisória por tempo não superior a cento e oitenta dias.	2. Considera-se inutilizado o veículo que tenha sofrido danos que impossibilitem definitivamente a sua circulação ou afectem gravemente as suas condições de segurança.
2. Os Ministros que superintendem as áreas dos Transportes e das Finanças fixarão os procedimentos e características das matrículas referidas neste artigo.	3. Considera-se desaparecido o veículo cuja localização é desconhecida há mais de 3 anos.
Artigo 122 Identificação do veículo	4. O proprietário que pretender deixar de utilizar o veículo na via pública pode requerer o cancelamento da matrícula desde que sobre o mesmo não recaiam quaisquer ónus ou encargos não cancelados ou caducados, a verificar officiosamente.
1. Por cada veículo matriculado deve ser emitido um documento destinado a certificar a respectiva matrícula.	5. Se o proprietário não for titular do documento de identificação do veículo, o cancelamento deve ser requerido, conjuntamente, pelo proprietário e pelo titular daquele documento.
2. O modelo e as características do documento a que se refere o n.º 1, bem como a entidade responsável pela sua emissão, são definidos em regulamento próprio.	6. Sempre que tenham qualquer intervenção em acto decorrente da inutilização ou desaparecimento de um veículo, as companhias de seguros são obrigadas a comunicar tal facto e a remeter o documento de identificação do veículo e o título de registo de propriedade às autoridades competentes.
3. É titular do documento de identificação do veículo a pessoa, singular ou colectiva, que seja proprietária, adquirente com reserva de propriedade, usufrutuária, locatária em regime de locação financeira, locatária por prazo superior a um ano ou que, em virtude de facto sujeito a registo, tenha a posse do veículo, sendo responsável pela sua circulação.	7. Sem prejuízo do disposto no n.º 1, os tribunais, as entidades fiscalizadoras do trânsito ou outras entidades públicas devem comunicar às autoridades competentes os casos de inutilização de veículos de que tenham conhecimento no exercício das suas funções.
4. O adquirente ou a pessoa a favor de quem seja constituído direito que confira a titularidade do documento de identificação do veículo deve, no prazo de 30 dias, a contar da aquisição ou constituição do direito, comunicar tal facto à autoridade competente para a matrícula.	8. A entidade competente pode autorizar que sejam repostas matrículas canceladas ou, em casos excepcionais fixados em regulamento, que sejam atribuídas novas matrículas a veículos já anteriormente matriculados em território nacional.
5. O vendedor ou a pessoa que, a qualquer título jurídico, transfira para outrem a titularidade de direito sobre o veículo, deve comunicar tal facto à autoridade competente para a matrícula, nos termos e no prazo referidos no número anterior, identificando o adquirente ou a pessoa a favor de quem seja constituído o direito.	9. A contravenção do disposto no n.º 1 é punida com multa de 500,00MT, se a sanção mais grave não for aplicável por força de outra disposição legal.
6. No caso de mudança de residência ou sede, deve o titular do documento de identificação do veículo comunicar essa alteração no prazo de 30 dias à autoridade competente, requerendo o respectivo averbamento.	Artigo 124 Regime especial
7. Quando o documento de identificação do veículo se extraviar ou se encontrar em estado de conservação que torne ininteligível qualquer indicação ou averbamento, o respectivo titular deve requerer, consoante os casos, o seu duplicado ou a sua substituição.	O disposto no presente título não é aplicável aos veículos pertencentes ao equipamento das forças militares ou de segurança.
8. Só a autoridade competente para a emissão do documento de identificação do veículo pode nele efectuar qualquer averbamento ou apor carimbo.	TÍTULO V Habilitação Legal Para Conduzir
9. Cada veículo matriculado deve estar provido de chapas com o respectivo número de matrícula, nos termos fixados em regulamento.	Artigo 125 Princípios gerais
10. Quem infringir o disposto nos n.ºs 3 a 5, 7 e 8 e quem colocar em circulação veículo, cujas características não confirmem as mencionadas no documento que o identifica é sancionado com multa de 750,00MT, se a sanção mais grave não for aplicável por força de outra disposição legal.	1. Só pode conduzir um veículo a motor na via pública quem estiver legalmente habilitado para o efeito.

TECNOLOGIAS

COMENTE POR SMS 821115

Cientistas anunciaram a descoberta do planeta mais parecido com a Terra que já foi visto, orbitando uma estrela a 600 anos-luz daqui. O Kepler-22b entra para uma lista de mais de 500 planetas orbitando estrelas que não o Sol.

As 25 piores palavras-passe do ano

A empresa *SplashData*, especialista em aplicações para smartphones incluindo gestão de palavras-passe, divulgou a lista das 25 piores passwords de 2011. Ou seja, aquelas que mais facilmente são descobertas por hackers.

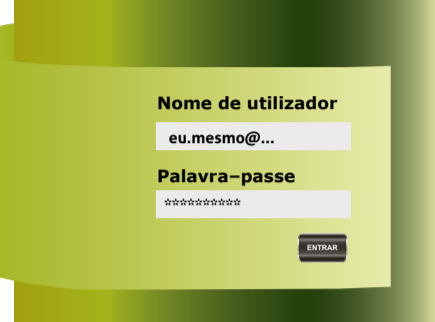
Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **ISTOCKPHOTO**

Esta lista da *SplashData* baseia-se no estudo de milhões de palavras-passe "roubadas" durante este ano e que foram posteriormente divulgadas online por hackers.

Muitos dos utilizadores usam sequências numéricas e alfabéticas carregando em teclas contíguas do teclado como "123456" ou "qwerty" ou então a própria palavra "password".

De acordo com o director-executivo da *SplashData*, Morgan Slain citado pelo site especializado em tecnologia Mashable "mesmo que as pessoas sejam encorajadas a escolher palavras-passe seguras e fortes, muitas continuam a escolhê-las fracas, fáceis de adivinhar, colocando-se em risco de fraude e de roubo de identidade".

A hesitação dos utilizadores na escolha de uma password difícil poderá prender-se com o facto de, actualmente, cada pessoa ter de decorar várias pa-



lavras-passe para os diferentes serviços que consulta online.

Um estudo de 2007, levado a cabo pela Microsoft, concluiu que, em média, cada pessoa utiliza 25 palavras-passe diferentes e que, diariamente, usa oito delas. Desde 2007 que este número terá certamente aumentado.

O roubo de palavras-passe é um problema que afecta muitas pessoas em todo o mundo. Em 2010 a Comissão Federal de Comércio dos EUA recebeu 1,3 milhões de queixas por fraude ou roubo de identidade.

Como pode, então, tornar a sua password mais segura? Usando uma variedade não sequencial de letras, números e símbolos e mudando a palavra-passe a cada seis meses. Outras dicas importantes: não use sempre a mesma

password e evite usar palavras verdadeiras.

Finalmente, não use nenhuma destas 25 piores palavras-passe do ano elencadas pela *SlashData*:

1. password
2. 123456
3. 12345678
4. qwerty
5. abc123
6. monkey
7. 1234567
8. letmein
9. trustno1
10. dragon
11. baseball
12. 111111
13. iloveyou
14. master
15. sunshine
16. ashley
17. bailey
18. passw0rd
19. shadow
20. 123123
21. 654321
22. superman
23. qazwsx
24. michael
25. football

O laboratório secreto da Google

A multinacional está a criar robôs e carros sem condutor em gabinetes de localização incerta, que os próprios funcionários desconhecem.

Texto: **Revista Sábado** • Foto: **ISTOCKPHOTO**

Oficialmente ninguém confirma nem desmente, mas um engenheiro da Google disse ao *The New York Times* que a empresa esconde um laboratório experimental de projectos futuristas. Chama-se Google X e das 100 ideias revolucionárias que tem em carteira algumas poderão ser reveladas ainda este ano.

"É tão secreto quanto a CIA", disse o funcionário. Tanto, que a maioria dos 20 mil colaboradores da Google não sabe da sua existência. O engenheiro da empresa garante haver dois escritórios: um na sede, em Mountain View, Califórnia, Estados Unidos, mas que não aparece descrito nos planos do edifício; e outro, dedicado à robótica, que ninguém sabe ao certo onde fica.

O secretismo da multinacional que gere o maior portal de pesquisa de Internet do mundo é justificado com o trabalho que se desenvolve no Google X. São ideias que hoje parecem impossíveis, mas que podem tornar-se realidade mais cedo do que imaginamos. É o caso dos automóveis sem condutor. No ano passado, uma frota de viaturas percorreu cerca de 225 mil quilómetros nas cidades dos Estados Uni-

dos sem ninguém ao volante.

A experiência, que serviu para captar fotografias para o Google StreetView (uma aplicação que fornece fotos panorâmicas das ruas), foi um êxito: registou-se apenas um acidente quando um automóvel dirigido por um condutor embateu na traseira do carro da Google. Os analistas apostam que em breve a Google irá vender tecnologias de navegação para estas viaturas e, talvez, anúncios publicitários que surtem consoante a localização dos condutores.

Mas há mais: elevadores espaciais. O sonho de viajar ao espaço através de um elevador ancorado num cabo é antigo. Surgiu em 1895 na Rússia, mas é uma das ideias preferidas de Sergey Brin, um dos co-fundadores da empresa. "Eu passo o tempo em projectos de pesquisa avançada, que espero possam evoluir em negócios no futuro", disse à saída de uma conferência em Maio.

Robôs

Entre os projectos seguidos por Sergey Brin está um com robôs. Em Maio de 2010, o multimilionário de origem russa deu uma

Publicidade

Pick n Pay
PRODUTOS DE QUALIDADE
A PREÇOS BAIXOS

329mt
Arroz Tia Rosa
10Kg

Preços Válidos até 11 de Dezembro de 2011
AVENIDA DE ANGOLA 1745. TEL: 21 46 8600
Quantidades limitadas ao Stock Existente
Interdito a venda a retalhistas. E&OE.

A água é um bem precioso, utilize-a sabiamente. Ajude o nosso planeta, Recicle.

palestra através de um robô que controlava à distância. Os analistas especulam que no Google X possam estar a criar máquinas que substituam os humanos nas tarefas domésticas.

Mais realista é o projecto chamado Rede de Coisas. A ideia é ligar os electrodomésticos e outros objectos à Internet. Fala-se de um canteiro com água de rega controlada, uma máquina de café e uma lâmpada que se ligam e desligam através da Internet. A empresa anunciou que planeava apresentar ainda este ano uma lâmpada com comunicação ao sistema operativo Android.

Estas ideias estão a ser trabalhadas por cientistas que vieram da

Microsoft e da Nokia. Sebastian Thrun, o responsável pelos carros sem condutor, é apontado como o chefe do laboratório. Especialista em robótica e inteligência artificial, lidera uma equipa que inclui Andrew Ng, especialista em neurociências, e Johnny Chung Lee, especialista em interacção entre humanos e computadores.

Apesar do êxito de alguns projectos, as ideias do Google X fazem tremer os accionistas da multinacional. Para os tranquilizar, o co-fundador Larry Page, que nunca confirmou a existência dos laboratórios, garantiu: "Há poucos e pequenos projectos experimentais de cada vez e nós somos muito cuidadosos. Não estamos a apostar a empresa nisto."

Mais perto do skate voador

Cientistas israelitas e franceses criaram um protótipo que pode transformar a ficção científica em realidade.

Texto: **Revista Istoé** • Foto: **ISTOCKPHOTO**



A clássica cena do filme " regresso ao Futuro II" em que Marty McFly foge dos vilões sobre um skate voador era a imagem perfeita do futuro em 1989. Mais de 20 anos depois, protótipos que podem levar a essa tecnologia começam a surgir.

Na Universidade de Telavive (Israel) pesquisadores usaram supercondutores e nitrogénio líquido para desenvolver o que chamam de levitação quântica. Com isso, conseguiram fazer um disco pairar sobre um trilho magnético. Como não há contacto físico, não há desperdício de energia. Cientistas da Universidade Paris Diderot, na França, adaptaram a tecnologia para desenvolver uma prancha capaz de flutuar sob o peso de uma pessoa.

O protótipo ainda perderia de longe numa corrida com Marty McFly e só se pode movimentar sobre um trilho. Mesmo assim, tem um futuro

promissor. "Acreditamos que, à medida que avançarmos, novas aplicações surgirão" diz o israelita Boaz Almog, um dos cabeças do projecto. Ele afirma inclusive que as pesquisas nesse campo podem levar ao desenvolvimento de outra ferramenta usada nos filmes de ficção científica.

Conhecida arma dos episódios de "Star Trek", o "raio-trator" era capaz de arrastar naves inteiras sem nenhum tipo de contacto (leia quadro). Com o avanço das pesquisas, diz Almog, seria possível criar algo semelhante para manipular objectos à distância.

E não para por aí. Também inspirada por "Regresso ao Futuro" a cientista americana Blake Bevin desenvolveu um par de sapatilhas que se ajusta automaticamente aos pés, semelhante ao que Marty usa em 2015. "Depois de montar o primeiro protótipo, percebi que essa tecnologia poderia ser muito útil para deficientes e pessoas com dificuldade para amarrar os próprios sapatos", afirma. O produto deve estar à venda pela internet no fim do ano que vem. O preço ainda é segredo.

É certo que o mundo real de 2015 será bem diferente do vivido pelo actor Michael J. Fox, mas o nosso desejo por tecnologia é tão grande quanto o do filme. Pelo menos, fica a esperança de que o nosso guarda-roupa não será igual ao imaginado em 1989. Ainda bem.

A ciência imita a ficção
Outros inventos inspirados nas telas do cinema

FICÇÃO		REALIDADE
Raio-trator		Levitação quântica
Tênis autoamarrantes		Sapatos elétricos
Capa da invisibilidade		Nanotubos de carbono

Idosos abusam de raparigas em nome de ritos e deuses. A decisão do início da actividade sexual é tomada pelos pais na província do Niassa. Os ritos de iniciação não são outra coisa senão ensinar as meninas a ser submissas. Em Cabo Delgado, os pais entregam as suas filhas menores em troca de avultadas somas em dinheiro. Já em Manica, as meninas são obrigadas a se juntar aos líderes religiosos com idade dos seus avós sob pretexto de que, foram revelados nesse sentido por deuses.



6 Segundos com Aida Malate “Sempre gostei de ser modista”

Texto e fotos: **Hermínio José**

Aida sempre quis ser modista, mas a mãe nunca lhe deixava chegar perto de uma máquina de costura. Foi preciso largar os estudos para ter acesso à uma máquina. Foi convidada por uma tia que sabia que ela estava sem fazer nada. Hoje, gaba-se de ter feito o seu próprio vestido de noiva. Pelo meio teve de escolher entre a costura e o lar: Aida escolheu as duas coisas e é feliz até hoje...

@Verdade - Vou começar esta pequena entrevista com uma pergunta que dizem que nenhuma mulher gosta de ouvir: qual é a sua idade?

- Tenho 38 anos de idade e chamo-me Aida Justino Honwana Malate.

@V - É casada? Tem filhos?

(AJHM) - Sou casada e tenho cinco filhos.

@V - Onde é que nasceu e como foi a sua infância?

(AJHM) -Nasci no bairro de T-3, na Matola, mas por motivos familiares cresci no bairro de Chamanculo C. Os meus pais separaram-se e uns ficaram com a minha mãe. Eu e o meu irmão mais novo preferimos viver com o nosso pai na capital do país.

@V - Como era viver no Chamanculo?

(AJHM) - A mudança de residência trouxe dificuldades para a minha vida escolar. Eu saía do Chamanculo para a Escola Primária do 2º Grau do Infule, vulgarmente conhecida por Malate, fazia o percurso a pé e entrava de noite durante dois anos, mas isso era motivado pela falta de transporte que se verificava na altura. A distância e a falta de transportes fizeram com que não concluísse a sétima classe.

@V -Em que ano interrompeu os estudos e o que fez depois?

(AJHM) -Em 1989. No primeiro ano não fiz nada, mas depois dediquei-me à costura. Sempre gostei de ser modista. A minha mãe é modista e mesmo sabendo que eu gostaria de abraçar esta área profissional ela nunca me deixou aprender de si a cozer. Nos dias em que ela não estivesse em casa eu pegava nas máquinas de costura e simulava cozer qualquer coisa, mas quando ela descobrisse batia-me ou ralhava.

@V - E como aprendeu?

(AJHM) - Tinha uma tia que também era modista e quando soube que eu larguei os estudos chamou-me para trabalhar com ela. A minha tia ensinou-me a cozer, depois de ter aprendido passei para a ajudante, e, pouco depois, a ser funcionária no negócio dela. Fiquei com ela cinco anos.

Cruel dilema

@V - O seu esposo aceitou a sua profissão?

(AJHM) - Não foi fácil. No princípio obrigaram-me a escolher entre marido e o trabalho. Mas como eu queria aprender não desisti. Hoje sou modista porque não abdiquei do meu sonho e também tenho o meu marido.

@V - Como conseguiu as duas coisas?

(AJHM) - Deixei de trabalhar com a minha tia e passei a exercer a actividade em casa. Isso em 1996. Eu não tinha sequer uma máquina para trabalhar pois todas as máquinas de costura eram da minha tia. Ela teve que me emprestar uma para eu trabalhar em casa. No final do ano consegui comprar a minha própria máquina. Algum tempo depois, o meu sogro que outrora trabalhou como alfaiate ofereceu-me uma máquina.

@V - Haviam condições para trabalhar em casa?

(AJHM) - Dava para trabalhar, mas com todos os transtornos que um espaço pequeno acarreta.

@V - Tinha muitos clientes?

(AJHM) Tinha poucos. Na maioria vizinhos.

@V - ...E actualmente?

(AJHM) - Agora tenho, mas o aumento deu-se em 2005. Foi por isso que arranjei uma ajudante.

(@V) - Faz todo o tipo de roupas?

(AJHM) - Não. Faço roupas para mulheres apenas. Mas concerto ou reparo qualquer tipo de vestuário.

(@V) - Para além de costura faz outra coisa?

(AJHM) - Sim. Graças ao fruto do negócio há poucos meses abri um salão de cabeleireiro.

(@V) - Fez o seu vestido de casamento. Como foi que pensou em fazê-lo?

(AJHM) - Eu não contava que alguma vez pudesse fazer um vestido de casamento. O primeiro vestido que fiz foi para mim mesma. Levou três meses até ficar pronto. Este foi o momento mais marcante da minha vida.

(@V) - Três meses não é muito tempo?

(AJHM) - Eu fazia o vestido depois do trabalho normal. Levava a máquina para o meu quarto e durante a noite tomava conta

Por que ninguém protege as sauditas que se casam na infância?

Guardian Atgaa, 10 anos, e a sua irmã Reemya, 8, estão prestes a casar-se com homens na casa dos 60 anos. Atgaa será a quarta esposa do seu marido. As suas festas de casamento estão marcadas e terão lugar na cidade de Fayaadah Abban, em Qasim, na Arábia Saudita. As meninas vão casar-se porque o pai delas passa por dificuldades financeiras e precisa do dinheiro dos seus dotes. Meninas dessa idade podem render até US\$40 mil cada.

Texto: jornal "GUARDIAN" • Foto: Istockphoto

Muitos leitores talvez fiquem chocados com a notícia. Como é possível que isso seja permitido por lei? A resposta é que na Arábia Saudita não há idade mínima para o casamento. A lei permite que se case até uma criança que acaba de nascer.

Três ministérios sauditas compartilham a culpa por permitir e facilitar os casamentos de

saudita tem um longo histórico de casamentos dos seus integrantes com meninas muito jovens. Sarah, que hoje é uma médica saudita brilhante, disse-me que mal completara 12 anos quando o falecido príncipe Sultan a pediu em casamento, depois de vê-la caminhar na base militar onde ela vivia com seu pai.

Por sorte,o seu pai teve a presença de espírito de dizer que ela era uma doente crónica, levando o pedido a ser rapidamente revogado. Os festivais de camelos, promovidos nesta época do ano na Arábia Saudita, assistem à prática conhecida como "akhe-th" ("tomada"), em que meninas de 14 a 16 anos são "dadas de presente" aos membros da monarquia, geralmente idosos, por alguns dias ou semanas. Esta prática, que lembra o infame "droit du seigneur" na Europa medieval, é conservada até hoje, sob a protecção da monarquia. A Arábia Saudita provavelmente tem o maior número de casamentos infantis entre todos os países do Oriente Médio; no entanto, a prática não tem suscitado quase nenhum ultraje ou objecção internacional.

Eu, pessoalmente, já enviei duas cartas a Ann Veneman, directora do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), sobre a prática saudita e pedi a ela que divulgasse os seus pontos de vista sobre a questão, como ela fez no caso do Iêmen. Ao invés disso, a Unicef louvou os esforços sauditas para proteger os direitos das crianças e chegou a homenagear o príncipe Naif, cujo Ministério do Interior é um dos órgãos que promove os casamentos infantis.

Portanto, não surpreende que a família real saudita sinta confiança na continuidade da prática.

O governo americano vem sendo igualmente indiferen-

te ao sofrimento das meninas na Arábia Saudita obrigadas a casar-se. Em Abril de 2009 eu escrevi a William Burns, o subsecretário de Estado, sobre o caso de Sharooq, de 8 anos, também de Qasim.

Nunca tive uma resposta dele. Numa conferência pública, perguntei ao ex-senador Chuck Hagel (sentado ao lado do príncipe Turki al-Faisal, ex-chefe da inteligência saudita), se ele pessoalmente ou os Estados Unidos aceitariam a amizade ou ser aliados de uma família que permite o casamento infantil.

A resposta foi chocante: "Não podemos decidir por outros países o que é ou não apropriado", disse Hagel.

Até agora nenhum organismo da ONU, como a Unicef ou o conselho de direitos humanos, divulgou um único comunicado sequer condenando os casamentos de crianças na Arábia Saudita.

Na realidade, nenhum país deu uma declaração sobre o assunto para o conselho de direitos humanos, e nenhum governo ocidental pediu à monarquia saudita que acabe com a prática.

Desse modo, a tradição repulsiva do casamento de crianças continua com a ajuda da monarquia saudita e dos seus apologistas no Ocidente.

Se algum governo, especialmente no Ocidente, estiver seriamente preocupado com esta prática bárbara e medieval, deveria proibir a entrada, no seu país, dos ministros sauditas da Justiça, do Interior e da Saúde.

Se essa acção fosse tomada contra líderes governamentais que facilitam crimes contra crianças, veríamos esse problema ser resolvido em pouco tempo. É preciso pressionar a Arábia Saudita para que defina uma idade mínima para o casamento e salve crianças como Atgaa e Reemya.



do desafio a que eu própria me propus.

(@V) - Recebeu incentivos por parte do seu esposo?

(AJHM) - Muito pelo contrário. Ele não acreditava. Sempre dizia que eu não iria conseguir fazer o vestido pessoalmente porque nunca tinha tido uma experiência nesse sentido. Não raras vezes afirmava que a minha obra dos sonhos não passaria de uma miragem. Mas a realidade mostrou o contrário. Aliás, as pessoas nem acreditavam que o mesmo era produto das minhas mãos. Foi assim que as pessoas passaram a encomendar vestidos de casamento.

(@V) - Quanto custa um vestido?

(AJHM) - Entre os quatro e os sete mil meticais. Este valor é apenas referente à mão-de-obra. Os tecidos e os artefactos para o embelezamento a cliente é que os compra.

crianças. O Ministério da Saúde é encarregado de fazer exames genéticos nos casais que pretendem casar-se. A lei saudita requer que os noivos e noivas potenciais forneçam certificados de exames genéticos, antes que o casamento possa ser realizado legalmente.

O Ministério da Justiça regula o processo nupcial e emite as licenças de casamento. E o Ministério do Interior cadastra famílias e documenta os relacionamentos entre familiares.

Ele é também o mais poderoso órgão do governo; a sua autoridade estende-se sobre todos os outros Ministérios, cujas actividades pode comandar.

Como é o caso de muitas práticas nocivas, o casamento infantil não existiria sem o apoio e a aprovação tácitos da liderança do país. Longe de condenar os casamentos com crianças, a própria monarquia

Manuel Armando Matsinhe, perdeu a vida por volta das 10 horas de sábado, 3 de Dezembro corrente, vítima de paragem cardíaca, segundo soube-se junto de Gilberto Mendes, director da Companhia de Teatro Gungu.



Pandza



Hélder Faife
helder.faife@yahoo.com.br

A faca e o queijo

Não era um bairro distante do centro urbano daquela província, mas era muito longe pelas dificuldades de acesso. Tão difícil era o acesso que até o sol demorava a lá chegar e a chuva se distraía de chover por ali. A luz eléctrica era da lua e a água era canalizada do rio, em latas sobre a cabeça. É perto dali, dizem, que o vento faz a curva quando vai descansar.

Com o rosto pincelado de ranho, a pele cor da poeira, o miúdo quase sem idade brincava de solidão, no areal que atapetava aquele chão. Olhou para o horizonte, chamado pelos instintos ainda crus, e estranhou uma nuvem de poeira que subia por entre os flocos verdes da vegetação, manchando o céu. Não fosse a pouca idade facilmente descodificaria aqueles sinais: eram viaturas, muitas pela dimensão da nuvem, que percorriam a quase estrada que dava acesso ao bairro.

Entre árvores e paisagem, a estrada parecia um risco sinuoso e o comboio de viaturas aproximava-se, aos olhos do miúdo, como uma serpente. Na entrada do bairro, parou para prepararem uma entrada triunfal. Começaram a gritar e cantar slogans eleitorais. O lugar era de tão difícil acesso quão importante para votos por amealhar.

As viaturas, raras àquele lugar, chegaram com a mesma raridade que chegavam as naus dos tempos das descobertas. Ondulando no esburacado da via, como embarcações balançando a música das ondas, hasteavam bandeiras de campanha eleitoral que se enchiam de vento parecendo longos mastros com velas imponentes. O candidato, empoleirou-se na bagageira do carro da frente, autêntico Vasco da Gama da situação, e armou-se de camisetas e panfletos, como se armavam, os descobridores, de missangas e panos para as trocas desiguais.

O ronco monstruoso dos motores fazia fundo às vozes e assustava o miúdo. Não conhecia aquelas máquinas. Ainda não tinha nascido quando máquinas idênticas, objectos não voadores identificados, passaram por ali nas eleições anteriores.

Acharam estranho, os visitantes, que por mais que gritassem e espalhassem panfletos, o que era suposto atrair gente como mosca, ninguém aparecia. Parecia ter-se decretado um domingo profundo naquele bairro e os casebres, inclinados ao peso da miséria, pareciam adormecidos numa babalaza colectiva. Os seus gritos pareciam incomodar o sono daquele silêncio, por isso o candidato deu ordens para se calarem.

– Hey, miúdo, onde estão as pessoas? Onde está a mamã? – perguntaram na língua local.

Sobressaltou-se, com os olhos a luzirem mais do que o ranho, levantou o braço magro sobre o balão da barriga cheio de vazio, e apontou para o fundo da rua, na direcção do rio.

Perto do rio, à sombra duma árvore que pelo diâmetro do tronco parecia ter passado por todas as idades, estavam as pessoas, aglomeradas num quase comício. Outro candidato? Haveria uma colisão de rotas eleitorais? Não parecia.

– O que se passa aqui? – perguntaram.

– Halakavuma! Viemos ver halakavuma – respondeu baixinho um dos presentes, não fosse interromper o sono sagrado do animal, enrolado de forma sinistra nas suas camas.

Halakavuma é pangolim, como se designa na língua importada, e que os espíritos não entendem, explicou. É um animal muito raro. Quando aparece trás recados de ancestrais, muitas vezes relacionados com azares como a falta ou excesso de chuva. Um grande ritual deve ser realizado, para que se possa desvendar as suas mensagens.

Um homem que pela idade e protagonismo parecia saber a língua dos espíritos, falava com o bicho:

– Que azar nos trazes?

O animal desenrolou-se, olhou para o velho, tacteou o ar com a língua viscosa, virou-se lentamente, e desapareceu mato adentro. O rosto do velho ficou pesado, escuro como um céu muito nublado. As pessoas dispersaram-se. O velho, tremelizando mais as pernas que a bengala, sentou-se entre o tronco e a enorme raiz da árvore secular, pensativo. Retirou um canivete do bolso e pôs-se a aparar o pau que lhe servia de bengala, como se descascasse o nervosismo.

O candidato aproveitou e aproximou-se com diplomacia, agachou-se, em sinal de respeito. Pousou num dos braços da raiz uma camiseta, um boné e um panfleto com imagem do candidato e logotipos partidários. O velho continuava com o olhar distante. Olhando para o futuro, no céu.

– Então são vocês, o azar que o halakavuma vinha anunciar – perguntou sem olhar, o velho.

– Não madala, nós trazemos sorte, futuro para este bairro. Com a sua influência ajude-me a conquistar os votos e melhorar a vida deste povo.

– Vida? Que sabem vocês jovens da vida. Não existe vida antes da morte – as raspas do pau da bengala espalhavam-se pelo chão.

– Empréstimo-me a sua faca – pediu o candidato.

O velho olhou de esguelha, desconfiado. Estendeu o braço trémulo e a faca sentiu a diferença entre as mãos calejadas do velho e a palma de pele macia do candidato. Este tirou de um saco, embrulhado num guardanapo de pano, um pedaço de queijo. A lâmina deslizou pelo alimento delicado, ofereceu a fatia ao velhote, numa metáfora óbvia.

– Vês, madala, tu tens a faca e eu tenho o queijo, podes ter muito mais queijo se me ajudares. Entendes?

Trémulo, o madala levantou-se e, na lentidão de movimentos seculares foi-se embora, depois de lhe responder:

– Sabe, nem sempre é a barriga que tem fome. Olha à tua volta. Antes da faca e do queijo, é preciso haver pão, entendes?

Quando

Maria José Sacur Dança(r) Para Ti!



Mais uma vez, a inquestionável bailarina moçambicana, Maria José Sacur, decidiu rechaçar algumas paranóias e visões distorcidas que se alimentam sobre a dança. Para o efeito, apresenta-se na noite de hoje, no Cine Teatro África, em Maputo. Na sua gramática sobre o baile–ainda não se operou nenhum acordo ortográfico, no entanto–há novos vocábulos que podem ser vistos em palco, até amanhã.

Texto: **Inocêncio Albino** • Foto: **Miguel Manguze**

Que fazer quando, depois de quase um ano de preparação, faltando menos de 500 horas para o fim, uma mulher (das artes) junta o seu elenco e, decide dançar para ti?

Vinte anos depois de parir a Academia Dança Para Ti, Maria José Sacur, brindou os moçambicanos e o mundo de inúmeros e memoráveis concertos de dança. Dentre tantos, o Dança para ti que perfaz o nome da sua escola impôs-se como uma tradição. Nos dias actuais–para os nostálgicos da cultura tradicional–seria uma heresia não colocá-lo em haste, em montra, em exibição para contemplação.

Por este contexto–o da sua celebridade, importância, valor...–que Sacur ocupa no “País da Marrabenta”, @Verdade ganhou fôlego para travar uma conversa amena, divertida, mas carregada de muitos anseios, receios, sonhos, memórias, angústias, nostalgias, futurismo, e, porque não, de desabafos também. A seguir, salienta os pontos sublimais.

“Eu já tenho um percurso na área da dança bastante extenso e, quando criei a Academia Dança Para Ti, em 1991, havia no país apenas a Escola Nacional de Dança. Esta forma-

va, unicamente, profissionais para a área de dança”, começa por dizer, sem nenhuma novidade.

De tal realidade, decorria que muitas crianças que iam à Escola Nacional de Dança para fazer o teste de admissão, uma vez não admitidas, por não reunirem condições exigidas para se ser um profissional competente–em dança–para poder competir no mercado, regressavam às residências constrangidas.

Naturalmente, na altura, Maria José Sacur, uma amante da dança, ficou mexida, com pena, em relação a tais pessoas a quem se recusava um desejo, uma vontade, um sonho, dançar, pura e simplesmente porque não reuniam condições para serem (bons) profissionais. Mesmo quando se sabe que “nem todas as pessoas que gostam de dançar querem ser profissionais”, diz.

Essas circunstâncias impeliram, nos anos 90, a nossa interlocutora a fundar a Academia Dança Para Ti, que é uma instituição de ensino de dança que, diferente do que acontece na Escola Nacional, “as pessoas não são avaliadas para ingressar. Aqui, vinga a (valorização) da boa vontade das pessoas em praticar a dança”.

Ninguém quer dançar profissionalmente

Não tardou muito para Maria José Sacur levar a sua opinião ao extremo. Conta que–na realidade do país–seria “mentira quando nós dizemos que estamos a formar profissionais numa situação em que temos cargas horárias muito reduzidas, apenas duas horas em dois dias de trabalho durante a semana”.

Recordo-me que quando fiz a minha formação passava oito horas semanais na escola. Fazíamos tanto trabalho prático, muita teoria, muitas disciplinas, como por exemplo, a história política, porque na qualidade de profissionais que seríamos, devíamos saber tudo.

Em outras palavras, isto equivale a dizer que “formar bailarinos é uma responsabilidade muito grande, de tal sorte que, nessa altura achei–como continuo pensando–que, em Moçambique, ainda não temos gente que quer fazer dança profissionalmente”. Logo, à partida, “seria um fracasso fundar mais uma escola profissional de dança. Por estas e outras razões, a minha escola continua a ser destinada a quem quer/gosta de praticar o bailado”, realça.

continua Pag. 29 ➔



Arte vale-se quando evita esteticídio!

A exposição colectiva de arte contemporânea patente no Espaço Cultural Kulungwane, em Maputo, não somente se vale pela diversidade de técnicas aplicadas, mas pela multiplicidade temática e, acima de tudo, pelas suas proporções (provocadoras) que incitam alguma reflexão sobre a condição ser humano!

Texto: **Inocêncio Albino** • Foto: **Miguel Manguze**

continua Pag. 28 ➔

O Jardim Municipal da Cidade da Matola, também conhecido por Jardim dos Poetas, acolhe desde a noite da última sexta-feira 2, até ao próximo dia 30 de Dezembro, o festival “Cidade da Música”, evento organizado pela produtora ZEP sob o lema “É nosso, é o melhor”.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

Cultura Jaz(z) no Ka Mpfumo!

Era uma vez, em Dezembro do ano 2011. Um senhor – Nuno Quadros – quis realizar um evento cultural em Maputo. Então, convidou (bons) artistas oriundos de Moçambique, África do Sul, Angola e Portugal. Esqueceu-se que – mesmo na capital do país – o povo não tem muito dinheiro. Resultado? Produziu uma bela festa, de balde, ninguém foi.

Texto: **Redacção** • Foto: **Miguel Manguze**

Talvez o termo – ostracização – seja demasiado. Mas certas ostracizações, porque passamos na vida, advêm da pura existência e/da acção humanas. Outras ainda, por exemplo, os desastres e calamidades naturais, brotam da mãe natureza e, por qualquer razão, nos açoitam.

Se quisermos assumir que as incidências dos dias dois e três de Dezembro, em relação ao Primeiro Festival Ka Mpfumo se enquadram neste campo de “condenação”, então os protagonistas foram a apatia do povo – que sentindo-se repellido pelos

elevados encargos financeiros que pressupunha o estar no Ka Mpfumo – preferiu permanecer em casa. Curtir o show na tela mágica da Tv.

De qualquer modo, ao que tudo indica tal indiferença, não foi obra do acaso. Outros factores podem ser invocados para explicá-lo. A coincidência de espectáculos musicais, todos de boa qualidade – que naquele princípio do fim do ano tomou de assalto a cidade de Maputo; a mudança brusca do estado de tempo (ameaças de precipitação), mas acima de tudo, o alto custo dos ingres-

sos para aceder ao local concorreram para o fracasso do festival.

Nas semanas anteriores à sua efectivação, muita expectativa, havia sido criada. E, ao que tudo indicava o sucesso quase era uma certeza.

“Tecnologia industrial no sistema sonoro, um terreno extenso, por inaugurar; perto de 20 restaurantes para garantir bons manjares da gastronomia moçambicana e, não só. Uma estratificação social em regiões VIP e não, o que se verificou sobretudo, ao nível dos preços do

ingresso, 500 e 1500 Meticais, respectivamente para o povo e elite; a inclusão de todos os estilos e géneros musicais, foram apontados como principais atracções.

No entanto, incompreensivelmente parece que estes factores – todos – em contra-censo contribuíram para que, no primeiro dia, quando @Verdade chegou ao quintal anexo à Estação dos Caminhos de Ferro de Maputo, onde ganhou espaço o evento em alusão, defrontasse com um cenário quase similar ao do período da realização do festim.



Era como se se excluísse alguns elementos do local – como por exemplo, as construções edificadas, o palco, os sanitários, os restaurantes, a tenda VIP, algumas pessoas, sobretudo os organizadores e artistas, etc., – não restassem dúvidas de que se estava no deserto de Ka Mpfumo.

Eram 21.00H e, Dilon Djindje (e banda) moviam-se pelo palco. Cantava os seus temas lendários, que enriquecem a canção moçambicana. Cantou, dançou, mas (quase) não encantou a ninguém. Até porque as possibilidades de tal acontecer eram diminutas. Ninguém estava lá.

Cahora Bassa Project

Não tardou muito para que a orquestra juvenil “Cahora Bassa Project” (dinamizada por jovens artistas como Xixel, Cheny Wa Gune, Zoco Dimande, entre outros) galgasse o palco. A primeira mensagem, por estes, musicalmente transmitida foi a necessidade de combater o abuso sexual de menores na sociedade.

Aliás, esta foi a única música inédita apresentada, sobretudo para quem acompanha a carreira de Cheny Wa Gune Quartet. O que mais adiante se apresentou foram melodias habituais da Timbila (do “Jindji-jindji” que é o primeiro trabalho discográfico de Cheny) associadas às guitarradas de Zoco Dimande. Dois tocadores exímios, com suas peculiaridades.

Diga-se foi lindo! A Timbila tem mistérios, segredos por descobrir e explorar. A Cahora Bassa Project salpicou-nos com alguns.

Mas enquanto o minúsculo público, que se encontrava no local, ganhava alento para candidatar-se a uma viagem sem precedentes pelo reino da Timbila, eis que a mãe natureza zangou-se e, choveu! Imediatamente, as pessoas abrigaram-se nas tendas. E o quintal solitário! Quase que ninguém desafiava a chuva, apesar de, miúda. E aqui se inclui (também) os guardas, os homens da lei e ordem, cuja missão era garantir a segurança dos demais.

Aliás, imediatamente interpretou-se a chuva como uma bênção.

Tenda VIP

Naquela noite, @Verdade percorreu a Tenda VIP do Festival Ka Mpfumo. A ideia era descobrir quem – no caso particular – eram os “very important person” da capital. Não encontrou nenhuma figura conhecida. Não necessariamente por ignorância, como é óbvio. Mas porque também não havia muita gente, de tal sorte

que só vimos alguns cidadãos estrangeiros mesclados à alguns artistas.

Jimmy Dlundu

Se por razões técnicas, ou porque o plano foi elaborado neste sentido não nos foi possível apurar, o facto é que nos interstícios do abandono do palco pela Cahora Bassa Project para dar lugar a Jimmy Dlundu (que muito recentemente brindou aos amantes do jazz com Tonota, o seu disco) passaram 30 minutos. Foi uma seca. Sobre tudo porque o DJ se esquecera de colocar um hit/beat qualquer para barulhar.

“Daqui a pouco Jimmy Dlundu. Acredito que há muita gente que veio para ver esse grande ídolo”, dizia Fred Jossias, secundando por Saquina Cassamo que – aparentemente por orientação da produção para movimentar a feira gastronómica – tentou instigar os presentes para aderirem aos stands dos “comes e bebes”.

Uma outra feira, da mesma natureza, ganhava corpo e simpatizantes fora de Ka Mpfumo. “Recordem-se que há um total de 18 restaurantes no espaço, onde podem comer do bom e do melhor”, Saquina dava o seu show de marketing amador.

De qualquer modo, quando Jimmy e seu elenco safaram-se dos problemas técnicos, tudo – o palco, as pessoas, os espaços – se transformou numa cultura Jazz. Foi o ápice da festa. Ninguém obrigou as pessoas para a aproximarem-se do palco, como Xixel o fizera.

“Sincronizadas e eletrizadas” – mesmo que isso não seja temático – mas naturalmente as pessoas aproximaram-se umas das outras. Até porque nessa altura as condições estavam (melhor) restabelecidas. Durante cerca de uma hora tocou a guitarra e, em jeito de metáfora, tocou em cada um dos presentes com as suas composições mágicas.

Ao invocar o subúrbio de Maputo – com destaque para o bairro de Chamanculo – revelou que valoriza as origens, apesar de viver no exterior, mas acima de tudo, não se esqueceu da sua identidade.

Mais importante ainda, evitou com o seu estilo Jazz o jazer da cultura musical – naquele espaço – derivada da fraca afluência. Abriu espaço para outros agrupamentos. Era meia noite e, @Verdade abandonava o espaço. Às 20 horas do dia seguinte, fez uma revisita. Constatou que o cenário era o mesmo, senão pior. Organizava-se o palco para, a banda angolana, Kossundolola actuar.

Com o meu Banco vou daqui para qualquer lugar.

Use o seu cartão VISA e VISA Electron do BCI e concorra a um Fiat 500 e duas motorizadas.

De 01 de Novembro 2011 a 30 de Abril 2012, por cada pagamento efectuado em POS no valor igual ou superior a MZN 300,00 com qualquer cartão VISA e VISA Electron do BCI, habilita-se ao sorteio de uma viatura Fiat 500 e duas motorizadas. Quanto mais vezes usar mais hipóteses tem de ganhar.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação → Arte vale-se quando evita esteticídio!

Contrariamente ao que habitualmente tem acontecido, desta vez, o Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC) decidiu romper com a rotina e, instigou os professores de arte a – no lugar dos estudantes – expor o seu trabalho artístico.

É uma forma de “realizar esteticamente a vida”, comenta Filimone Meigos, o director da instituição recordando-se que “há quem diga que isso não se ensina (refiro-me a arte de viver e o de vidar da arte)”, o que para si, ainda que tenha algum fundo de verdade, verdade também é que “os saberes são transmitidos de geração em geração, de professores para estudantes, e, porque não, de estudantes para professores”.

Na verdade, a mostra associa sete criadores. Gemunce, Marcos Muthewuye, Raimundo Bila, Victor Sala, Ulisses, Maimuna Adam e Hélder Maquico. Cada um dos autores conta histórias complexas, algumas das quais objectivas, outras ainda simplesmente oníricas. Impressionámo-nos com o “entrelançar”, um vídeo com a duração de cinco minutos da autoria de Maimuna Adam.

Em tal obra, a artista parte de um acto muitas vezes considerado corriqueiro, trivial – talvez por ser habitual e quotidiano – que é o trançar a carapinha e, introduz uma complexidade de questões e provocações: até que ponto se pode, por exemplo, falar de identidade nacional, numa nação, com miscigenação de gente?



Quem produz tal identidade? E, qual é nossa cumplicidade na mesma?

Tem-se na tela, que na verdade é um ecrã, uma figura feminina que desencadeia o acto físico de fazer a trança. Tal acto é apenas um meiotermo. Tem-se na obra uma metáfora que nos convida a olhar nos vários processos sociais que nos entrelaçam uns aos outros.

“No meu caso particular, segui o exemplo da história da minha avó indiana que casara aos 14 anos e, cuja família veio a Moçambique. Este trabalho segue esta ideia da viagem, do deslocamento, do como é que criamos uma identidade? Como nós, de alguma forma, criamos raízes nessa identidade?”, comenta.

Muita manipulação à mistura

Esta ideia de seguir uma história específica – o da sua avó. A união que se estabelece no encontro entre pessoas diferentes, que podem prefigurar ser povos diferentes, as idiosincrasias que se operam nesse processo – que pode ser pacífico como não – recorda-nos os encontros entre os habitantes da região da costa oriental africana, que actualmente se conhece pelo nome de Moçambique, com gentes vindas da Ásia, os árabes, bem como os portugueses e, agora, num âmbito global e globalizante, com o mundo.

Tudo isto é transparecido pelo encontro pelas ambiguidades da imagem que, por um lado, mostra-nos uma mulher – o símbolo isolado mas em que se integram muitos elementos, a água, o cuidado que ela possui com as raízes capilares, etc.

A criadora do Entrelançar não se concentrou unicamente na figura feminina. Na sua busca permanente – talvez – pelos melhores padrões de beleza. Mas agregou igualmente no seu trabalho eventos históricos. “As ligações que a história de Moçambique tem com o mundo. O facto de termos muitas histórias que se vão misturando, a forma como esta realidade afecta a nossa identidade na actualidade”.

Consequências da miscigenação

Maimuna diz que, para si, o importante é antever que a questão da identidade e identidade nacional são um processo muito complexo. Afinal, sempre há algo adicional no

cialmente com vídeo para produzir arte. O seu ofício é assaz solitário. Ocorre num espaço privado, começando com manipulação de material, pinturas, desenhos. No entanto, a sua intervenção em tais objectos muitas vezes é efémera.

“Por causa desta natureza bastante efémera, transitória do meu trabalho – porque há vezes que a minha intervenção no material dura alguns segundos – então, nesse sentido, o vídeo acaba por ser a maneira de registar, de alguma forma, as acções que tenho feito”, congratulando-se pela diferença que marca entre os artistas.

Ora o uso da video-arte no contexto das artes contemporâneas moçambicanas ainda é inédito. Ainda que na realidade o cinema tenha sido inventado nos anos 60

do século passado. E nos dias actuais dá-nos muita possibilidade de criação artística, mas também de comunicação.

Uma metáfora da Vida

Todos os dias, as pessoas deslocam-se para diversos pontos. Para a escola, o trabalho, o cinema, o hospital, o mercado, enfim, seguem uma infinidade de caminhos. Naturalmente, interpretam os movimentos dos objectos, pessoas, com que se defrontam nos seus trilhos, sob pena de tropeçar ou mesmo fazer-se colidir. No entanto, um facto curioso é que, poucas vezes se dêem conta da importância do caminho.

É sobre esta metáfora da vida que Ulisses Gomes, este artista e professor de origem cubana a residir

em Moçambique há mais de 20 anos, fala-nos em seu “A caminho”. A obra cuja mensagem só pode ser vislumbrada pela mente. Afinal, é muito onírica, ainda que apresente alguns elementos físicos. Muito óleo e acrílico sobre a tela foram empregadas para a sua produção.

“A vida é um caminho para o futuro. Cada pessoa tem um futuro, o que importa é definir perfeitamente o caminho para o efeito. O caminho tem um leque de significados de que, muitas vezes, a gente não se dá conta”, afirma o docente.

Ensinar arte

Comentando a pertinência do ser artista e professor, Maimuna Adam afirma que o ensino, em si, é uma arte. “Sou um artista por isso ensino. Se eu não fizesse um trabalho

prático, não teria algo a ensinar. Não teria experiências – que são problemas porque passamos e as suas soluções – por transmitir”.

Por sua vez, o director do ISArC, Filimone Meigos, faz do “ensinar fazendo”, um valor peculiar dos professores da sua instituição.

“Isso é uma mais-valia para a nossa instituição. Mas, o mais interessante é a maneira como eles abordam – de ponto de vista de filosofia – as novas estéticas e formas. Para uma instituição nova, como o ISArC, isso é bom porque evita o esteticídio, ou seja matar outras estéticas”. Por esta razão, penso que é isso “que nos cabe fazer. Porque estamos diante de uma instituição nova que deve assumir uma função e papel novos. E, porque não, uma filosofia também nova”.

Publicidade

www.tvcabo.co.mz

tvcabo
Tem tudo a ver!

VAIS TER MÃOS PARA TANTA NET?



TV + NET

Tráfego gratuito entre as 24h e as 7h e, agora, aumento dos limites de consumo em todos os tarifários!

A partir de Dezembro vais poder navegar mais por menos em horário normal, com o teu pacote Internet.

LIGA 21 480 550 OU VAI A UMA LOJA TVCABO.

Condições válidas para todos os tarifários.

Paixão pela video-arte

Maimuna Adam que lecciona Desenho e Design trabalha essen-

Stewart Sukuma e a sua banda Nkuvu, lançam este sábado, no Centro Cultural Franco Moçambicano (CCFM) o single “karanguejo”. O lançamento do novo single de Stewart Sukuma vai acontecer no decurso do concerto musical intitulado “Uma mão lava a outra”.

continuação →

Quando Maria José Sacur Dança(r) Para Ti!

Destruir os esteriótipos sobre a dança

Em 2011, o Dança Para Ti—que já tem tradição no cardápio dos eventos culturais dos últimos 20 anos em Maputo—será dividido em duas partes. Muita música africana e, sobretudo moçambicana fará os corpos rebolarem.

A primeira inclui crianças com idades a partir dos três anos, adolescentes, alunas gordas, outras muito magras. Em tais alunas poder-se-á ver, muita dança, mas acima de tudo a vontade de praticar esta disciplina cultural. Por isso, “estou feliz pelo facto de poder ser útil para estas pessoas que praticam o baile por amor”.

Na segunda etapa—a mais importante—Maria José Sacur irá evoluir, revelando novas formas de dizer mensagens com a linguagem do corpo, dos movimentos, muitos dos quais se espera que sejam inéditos. Tudo de forma profissional. Será um momento de muito rigor técnico. Até porque “ninguém gosta de estar—permanente—a fazer a mesma coisa pelo resto da vida, ainda que isso nos dê algum gozo”.

O contacto com @Verdade criou oportunidade para Sacur clarificar que apesar de o Dança Para Ti não ser uma escola profissional, “nós procuramos ensinar as pessoas os passos correctos para a prática da dança. No primeiro semestre, Fevereiro a Junho, dá-se aulas técnicas sobre dança moderna, finalizando com uma aula (prática) pública”. Nos meses subsequentes a Julho, inicia-se a preparação do concerto “Dança Para Ti”, a ser hoje e amanhã no Cine Teatro África, em Maputo.

Repudiou algumas ideias adversas à dança, dizendo que as pessoas têm uma noção distorcida sobre a dança. Pensam que praticar dança é só colocar uma música e mexer o rabinho, ficando-se por aí. Ora, não é nada disso! “Nós levamos todo o ano a preparar este espectáculo e, ainda assim, precisávamos de mais tempo para fazer algo melhor, com mais excelência e qualidade”.

Não valorizam o trabalho

Segundo Sacur, os investimentos destinados à arte são sempre minúsculos. E a consequência imediata é o receio—por parte dos artistas—em conceber projectos cada vez mais ambiciosos e profissionais.

No concreto, sobre o exposto, Sacur realça: a produção de um espectáculo profissional de dança é muito onerosa. Por isso, mesmo o “Dança Para Ti”, por exemplo, que não tem muito de profissional, custa cerca de 700 Mil Meticais. Ora, nunca conseguimos dinheiro suficiente para produzir um espectáculo da maneira como gostaríamos que fosse”.

O que safa os artistas moçambicanos—sobretudo os mais conceituados—é a existência de gente com boa fé “que nos tem apoiado”. Maria José Sacur—com uma experiência curiosa faz parte deste grupo. As pessoas apoiam-me porque valorizam a mim, como pessoa, e não o trabalho que faço. Isso está errado. Porque—o trabalho e a minha pessoa—são duas coisas diferentes”.

Não obstante, a artista congratula-se com o seu ofício. Para si, mais-valia é poder contribuir para a formação da personalidade dos seus formandos. Afinal, além de pressupor a realização de exercícios de manutenção física, a dança desenvolve muitas qualidades na pessoa.

Muita nostalgia

O factor tradição de que o Dança Para Ti goza, fá-lo especial. Aliás, caminha à idade 20, o que acontecerá em 2012. Por isso, sempre tem um espaço cativo para acontecer em cada final do ano, apesar de tal tender a desaparecer. Já não se fazem longas temporadas do evento em Maputo.

Mas isso não nos impede de referir que ao longo dos anos o Dança Para Ti produziu muitas bailarinas. Algumas alunas actuais são filhas de pessoas que se iniciaram naquela academia há 20 anos. Se se tratasse de uma relação de parentesco, diríamos que se trata de netas da Maria José Sacur.

No crepúsculo de cada ano, as pessoas muito ansiosas, aguardam/vam mais um Dança Para Ti. Quando demora/va acontecer, elas questionam as razões do facto.

“Recordo-me que nos primeiros anos apresentávamo-nos no Teatro Avenida com o apoio da Manuela Soeiro—em sentido

moral e material—porque nessa altura era muito complicado trabalhar na arte”, afirma reiterando que na altura “eu percebia muito pouco o porquê daquele aconselhamento técnico, prático e, até de motivação pessoal—que a Manuela tinha para comigo—porque ela sempre confiou em mim. Mesmo quando eu duvidava que fosse capaz. Por isso, eu tenho uma dívida muito grande com a Manuela”.

Em contra-censo, a realidade moderna, marcada por pouco fervor na demanda pela arte, pode não angustiar (necessariamente) a quem viveu os tempos idos. Mas enriquece o passado de muita glória. É assim que se nos apresenta Maria José Sacur.

“Na altura nós fazíamos uma temporada—de Dança Para Ti—durante um mês, acontecendo três dias por semana. Às sextas-feiras, aos sábados e domingos. E sempre tínhamos a casa superlotada. Fazíamos confusão porque colocávamos cadeiras nos corredores. Não imagina! Era uma coisa diferente”.

Quando aparecemos—mesmo para a Escola Nacional de Dança—tudo era diferente. O ambiente e o estilo de trabalho eram outros. Introduzimos, pela primeira vez, um espectáculo globalizado, porque a Escola de Dança só fazia balet, técnica moderna e dança moçambicana.

Penso que fui a pessoa que começou a inovar, a agregar novos elementos, novos estilos de dança, de tal forma que o “Dança Para Ti” de 1992 foi um verdadeiro estouro. Tal experiência foi singular de tal sorte que—como eu às vezes me rio quando—as pessoas reiteraram a mania de que “o que é bom não é nosso”.

Para dizer que a qualidade do espectáculo se devia ao facto de “a directora ser uma chinesa”. Divertíamos-nos muito com isso.

Mais adiante apareceram as demais escolas. E, penso que, de certa forma, elas deram a continuidade a linha de trabalho que eu havia começado. É por isso que—desde o ano passado—estou a dar uma reviravolta em relação a esta maneira tradicional de trabalho. Os resultados serão vistos em palco.

É assim que Maria José Sacur conta a epopeia da dança em Moçambique.

Tantos sonhos secretos

Passados tantos anos, a carreira foi se consolidando a custa de experiências acumuladas, muita disciplina e exigência. Mas também, outras esferas de representação e acção cultural foram sacrificadas e proteladas.

Por isso, “no próximo ano tenho sonhos—que espero torná-los realidade—de fazer um trabalho fora da escola. Uma coreografia rica em qualidade, inovação, uma revelação de sonhos.—Que sonhos?—Não posso falar.—Não faça isso!—Não posso falar, mas a verdade é que tenho sonhos grandiloquos”.

A academia e o Dança Para Ti acontecerão, continuamente. “Mas quero sentir o prazer de conseguir realizar aquilo que tenho estado a pensar e que, por falta de patrocínio, tem ficado na gaveta”.

Esta pretensa necessidade de auto superação não vem do acaso. Tanta vida, tanto trabalho, tanta imaginação em palco podem ter sido deixadas para trás. Afinal, “a escola permite-me trabalhar até certo limite, porque as alunas não são profissionais. Há vezes que eu exijo que façam mais do que podem. Esqueço-me de que se trata de crianças. As minhas alunas mais velhas têm 15 anos. Mas eu, às vezes, trato-as como se fossem senhoras, rogando-as muita responsabilidade!”, diz.

Todos sabem fazer tudo

Solicitada a comentar o uso que se faz da dança—a sua esfera de influência no país—Maria José Sacur mostra-se-nos reticente.

Diz-nos simplesmente que “não gosto de abordar este tipo de assunto—o estágio actual da dança no país. Sinto que, em Moçambique, estamos a viver uma época em que toda a gente sabe fazer tudo. Todos cantam, dançam, sabem fazer teatro, alguns até foram encontrados—no hospital—a fazer cirurgias. A mim, já perguntaram, inclusive, se queria gravar um disco. Curiosamente, nunca me tinha visto cantar! Para dizer que estamos numa fase em que todos sabem fazer tudo”.

Para si, uma dualidade de sentidos maniqueístas basta para ad-

jectivar o nosso caos. Ou seja, “estamos numa fase boa e má”. Boa, porque temos mais gente a praticar alguma actividade. Má, porque “as pessoas que pensam que sabem alguma coisa, passam a maior parte do tempo a transmitir ensinamentos errados”.

A televisão moçambicana é apontada como que estando a despir-se do seu papel na educação da sociedade. Neste prisma, Sacur endossa um apelo àquela instituição social para que encontre um meio termo na forma como selecciona e difunde os seus produtos culturais, tendo em conta o seu valor didáctico.

“A facilidade com que as pessoas acedem-na é preocupante.” Mas o mais preocupante é que não “existe uma triagem nos programas difundidos. Falta um cuidado de avaliar a qualidade dos produtos, o seu impacto sob o ponto de vista de ensinamento na sociedade”.

Por exemplo, “tenho visto na televisão programas que falam de dança. Na maioria das vezes, noto que as pessoas que compõem o painel não sabem nada sobre o assunto. Dizem disparates de vários tamanhos, coisas arrepiantes. Mas é como lhe digo—não gosto de criticar as pessoas—acho que cada um tem o seu espaço.

Costuma-se dizer que os gostos, de facto, são relativos. Por isso, penso que as pessoas procuram associar-se onde se sentem melhor. Eu continuo com a impressão de que se trata de uma fase efémera e passageira. Há-de chegar o dia em que as pessoas que não dominam as áreas em que estão a tentar trabalhar, serão postas de lado.

O outro aspecto que se tornou objecto de lamentações“sacurianas” são as empresas moçambicanas. Quando realizam festas, as empresas “não têm sido criteriosas nas suas escolhas de produtos artísticos e de entretenimento. Contentam-se com tão pouquinho. Fazem todos a mesma coisa. Não há procura de originalidade, de trabalhos diferentes. Estamos a precisar de mais qualidade, de mais exigência, mas sobretudo de mais cuidado quando estamos a promover qualquer trabalho”.

Resolvi dançar para não falar!

Durante uma hora de conversa, Maria José Sacur absteve-se o tempo inteiro de formular uma crítica devidamente. Até porque certas denúncias por si feitas, aconteceram por lapso. Diz não gostar de criticar ninguém. Eis que @Verdade questionou o porquê de tal procedimento, sobretudo porque a crítica é construtiva, e ela—no campo da dança—tem um saber enciclopédico.

Ao que, em jeito de desabafo, nos disse “não posso fazer a crítica quando há muita promoção de mediocridade. Temos grupos com boa qualidade e, temos ainda um monte de outros que a gente não sabe de onde é que saem.

Se alguém vier ter comigo, e dizer que não sabe determinado trabalho e eu questionar o que sabe é diferente de eu promover um trabalho medíocre—de alguém que diz saber—quando na realidade não sabe.

Eu penso que isso é complicado. Teria que se fazer um debate muito calmo, sem exaltações, porque se a gente começar a exigir, muita gente ficará de lado. Mas eu também não penso que seja a pessoa mais indicada para tecer alguma crítica.”

Desviámos, então, a atenção para uma outra dualidade, que tem a ver com a experiência e responsabilidade envolvida em—Maria José Sacur—apresentar-se no espaço nacional e no estrangeiro.

Em princípio, Sacur pensa que “apresentar-me em casa exige maior responsabilidade, do que no exterior. Porque, por exemplo, se eu apresentar qualquer dança tradicional moçambicana no exterior—todo o mundo vai aplaudir. A nossa dança tem muita força. Opostamente a isso, se eu apresentar o mesmo espectáculo em Maputo e ser bem aplaudida será porque, de facto, mereci. Porque as pessoas conhecem”.

Afinal, apesar de ter a mania de pensar que dançar bem é apenas mexer o rabo, as pessoas—em Moçambique—já exigem muito mais que isso. Não sei bem, mas penso que a minha vida profissional é mais séria, no país do que no exterior”.

Em meio tempo, quando se recorda que actuar no exterior significa representar Moçambique, um país, Sacur ganha consciência do embaraço que pode estar a cometer.

Logo, reconstruiu o pensamento. “Não sei como explicar melhor. Mas também escolhi dançar para não ter que falar. Falar é muito complicado”.

De uma ou de outra forma, olhando a questão sob outro prisma, talvez sejam responsabilidades diferentes. Talvez eu esteja errada, porque apresentar-me no exterior significa representar o país. Então, a responsabilidade não é menor. É igual, então a balança deve ser equilibrada!



A primeira cobertura eleitoral 2.0

Fazendo uso dos recursos tecnológicos disponíveis no Moçambique real o jornal @Verdade realizou uma cobertura inédita, na história da democracia nacional. Com jornalistas, em cada um dos três municípios onde realizaram-se as eleições municipais intercalares, a reportagem através da rede social TWITTER foi possível acompanhar a par e passo, em tempo quase real, todos os momentos marcantes da votação do dia 7 de Dezembro através de texto e imagens.

Confira em seguida alguns desses tuits, que começaram com o raiar do sol do dia da votação:

• RuiLamarques #eleicoesmoz casa do presidente da Liga Ju-

venil do MDM cercada pela polícia em #Quelimane. O jovem é presidente de uma mesa

• RuiLamarques #eleicoesmoz na madrugada desta quarta-feira em #Quelimane material de propaganda foi jogado nas ruas e bairros

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz está a chover em #Pemba

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz eleitores começam a chegar as assembleias de voto #Pemba, apesar da chuva

• RuiLamarques #eleicoesmoz O centro da cidade de #Quelimane está literalmente vazio em claro contraste com o movimento dos bairros

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz As mesas da Escola Secundária de #Pemba estão prontas

• RuiLamarques #eleicoesmoz Na EPC de #Quelimane as pessoas aguardam o momento para votar

• shirangano #Eleicoesmoz Candidato da Frelimo vota às 7h na Escola Secundária de #Cuamba e do #MDM às 7:30

• shirangano #Eleicoesmoz Vicente Lourenço chega ao Posto de Votação Escola Secundária de #Cuamba

• shirangano #Eleicoesmoz. Maria Moreno vai votar na Escola Primária Samora Machel no bairro de Adine-2, #Cuamba

• shirangano #Eleicoesmoz Vicente acompanhado da sua esposa prepara-se para votar na mesa 838 yfrog.com/nuhuzwvj

• shirangano #Eleicoesmoz Acaba de ser selada a urna na mesa onde vai votar Vicente Lourenço yfrog.com/kfcyqrvj

• RuiLamarques #eleicoesmoz começou a votação na EPC de #Quelimane. Abubacar Bico ainda não votou, embora esteja no recinto

• shirangano #Eleicoesmoz. Começou a votação em #Cuamba

• shirangano #Eleicoesmoz Vicente Lourenço confiante na vitória e diz que o eleitorado vai votar no melhor programa

• RuiLamarques #eleicoesmoz Pio Matos, ex-edil, vai exercer o seu direito de voto sem nenhum aparato. Como um cidadão qualquer

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz ha morosidade no atendimento a eleitores em #Pemba. Ha mesas em que os eleitores voltam pk os nomes não constam

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz em #Pemba, os MMV's não dominam as operações básicas de votação

• shirangano #eleicoesMoz Maria Moreno acaba de votar mesa 320 e diz que afluência dos eleitores é boa em #Cuamba

• RuiLamarques #eleicoesmoz Há indicações de pessoas a regressarem na EUP em #Quelimane porque o nome não consta da lista

• RuiLamarques #eleicoesmoz Manuel de Araújo dirige-se ao comando provincial. Líder juvenil do MDM detido em circunstâncias obscuras

• RuiLamarques #eleicoesmoz em #Quelimane Abubacar Bico exhibe o dedo depois de votar yfrog.com/g0xy5yyj

• shirangano #eleicoesMoz Confusão na mesa de votação 838 em #Cuamba. A polícia foi chamada a intervir para acalmar os ânimos dos eleitores

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz "Colaram listas nas paredes, os que não sabem ler, como vão fazer? Ninguém nos orienta", dizem os eleitores

• shirangano #eleicoesMoz Dezenas de eleitores chegaram às 5h no Posto de Votação d Maganga #Cuamba yfrog.com/hwahbkyj

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz na AMA2, #Pemba ha kits de votação incompletos, alguns sem cadernos. Os MMV's ainda não receberam subsídio

• shirangano #eleicoesMoz Mucupa-centro em #Cuamba eleitor impedido de votar pk cartão ã tem carimbo yfrog.com/ny5dxdhj

• RuiLamarques #eleicoesmoz Em #Quelimane a PRM não está a respeitar a distância que deve manter das mesas de voto

• RuiLamarques #eleicoesmoz Administrador de Namacurra instalou-se ao pé da EPC de Namubo. Andou 70 Km para sentar numa sombra em #Que-

limane

• RuiLamarques #eleicoesmoz Sem razão aparente a FIR está na EPC de Janeiro yfrog.com/h3f52avej

• shirangano #eleicoesMoz Esta tarde Postos de Votação estão desertos. O cenário é: nenhum eleitor, apenas membros das mesas a conversarem

• shirangano #eleicoesMoz No posto de votação da Administração em #Cuamba eleitores desistem de votar devido à morosidade dos membros de mesa

• shirangano #eleicoesMoz Em Matia, em #Cuamba num total de 1779 eleitores inscritos, até este momento apenas menos de 200 pessoas votaram

• shirangano #eleicoesMoz Ainda há uma multidão de eleitores que espera para votar na mesa 838 na Administração, em #Cuamba

• RuiLamarques #eleicoesmoz Na EPC de Janeiro a FIR está a dispersar cidadãos que querem proteger o seu voto

• shirangano #eleicoesMoz Mesa 702 no Posto de Votação Adine 3, em #Cuamba dos 999 eleitores, votaram apenas 60 (38 vicente, 22 Moreno)

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz #Pemba o nível de participação foi muito fraco. Ha mesas nas quais votaram apenas 200, num universo de 900 a 100

• RuiLamarques #eleicoesmoz numa das mesas Araújo ficou com 81% dos votos contados

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz #Pemba eleitores afluíram as urnas mas os nomes não constavam das listas. Eh uma das razões deste nível abstenção

• Vítor Bulande #Eleicoesmoz #Pemba em Chuiba ja se faz o apuramento. O nível de participação foi baixo

• RuiLamarques #eleicoesmoz o povo festeja a vitória de Manuel de Araújo em #Quelimane yfrog.com/khzmhfvj

• Erik Charas Jovem de quelimane quando soube que Araújo venceu, ajoelhou-se, disse "fui libertado":-) #eleicoesmoz yfrog.com/ntsi2auj

• Erik Charas 3 da manha e o pessoal da Mesa, ainda a fazer entrega dos kit c votos etc #eleicoesmoz yfrog.com/kgntucoj

Agradecimento da KPMG em Moçambique



Após o lançamento da Décima Terceira Edição da pesquisa sobre **"As 100 Maiores Empresas de Moçambique"**, a **KPMG em Moçambique**, vem pelo presente agradecer a todas as empresas, entidades e particulares que participaram no evento no passado dia 08 de Dezembro no Centro de Conferências Joaquim Chissano.

As palavras de encorajamento proferidas por **Sua. Excia. o Primeiro-ministro Aires Bonifácio Ali** ajudam-nos a mantermo-nos fiéis ao **objectivo que temos com esta pesquisa** que passa por promover a transparência, dar credibilidade e aumentar o nível de competitividade no seio da comunidade empresarial, assim como fornecer uma ferramenta de análise à sociedade.



Queremos também parabenizar todas as empresas que se destacaram nesta edição da pesquisa recebendo os prémios atribuídos nas habituais categorias de análise:

- a maior empresa do ranking geral de acordo com o volume de negócios;
- a maior empresa com capitais privados moçambicanos;
- a maior empresa por ordem de rentabilidade de capitais próprios;
- a maior subida no ranking em relação ao ano passado,
- a maior entrada no ranking das 100 Maiores, e
- a melhor empresa do ano;

Os nossos agradecimentos estendem-se a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o sucesso deste lançamento e reiteramos o convite para a participação na **edição do próximo ano**.

Um bem-haja a todos!



O artista angolano Bonga actua na actua sexta-feira 9 em Maputo, numa gala que juntará o entretenimento e a caridade no Jardim dos Namorados. O embaixador da música angolana actuará acompanhado pelo saxofonista Timoty e pela Banda Likuti.

LAZER
COMENTE POR SMS 821115

HORÓSCOPO - Previsão de 09.11 a 15.11



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; Algumas dificuldades que possam surgir serão ultrapassadas. A partir de quinta-feira a situação tende a melhorar. No entanto, tendo em conta o período que se atravessa, seja prudente em tudo que se relacione com dinheiro.

Sentimental; Caso não tenha encontrado ainda a sua alma gémea, poderá ter esta semana a oportunidade porque tanto esperava e ambiciona. Não permita que a sua habitual franqueza lhe crie problemas desnecessários. Tente ser coerente consigo próprio, mantenha um diálogo de aproximação e os resultados serão bem agradáveis.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Não se deverão verificar grandes alterações a nível financeiro. No entanto, algumas despesas inesperadas aconselham a que vá tomando as medidas adequadas no sentido de que tudo se resolva sem dificuldades de maior.

Sentimental; Poderá durante estes dias sentir alguma confusão na melhor forma de se relacionar com o seu par. Não coloque o seu relacionamento sentimental num plano secundário. Mantenha um diálogo atento e não se deixe afastar do que é essencial numa relação amorosa.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; Este período requer no aspeto financeiro, atenções redobradas. Algumas dificuldades momentâneas não serão suficientes para o fazer desanimar. A sua determinação é grande e rapidamente ultrapassará esta fase menos boa.

Sentimental; Toda a atenção é pouca neste aspeto. O seu coração encontra-se dividido e com alguma dificuldade em aceitar alguns factos que o entristecem. Talvez tenha chegado o momento de se assumir, a indecisão poderá transformar a sua vida pela negativa. Poderá ser bom para si proceder a uma retrospectiva de ordem sentimental.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; Algumas dificuldades, não deverão ser motivo para grande preocupação. Tente ser frio na forma como analisa este aspeto e encontrará meio ideal de o ultrapassar. Recomendável prudência nas despesas. Trata-se de um período caracterizado por dificuldades que atingem, ou poderão atingir, todos os nativos deste signo que tenham um suporte financeiro mais frágil.

Sentimental; A compreensão do seu par será uma grande ajuda no sentido de o auxiliar a resolver alguns problemas do foro íntimo. Os que não têm par encontram durante este período as condições favorecidas para verem a situação alterar-se.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; A área financeira não conhecerá durante este período o melhor momento. Tome algumas precauções e evite despesas desnecessárias. É aconselhável que seja moderado em tudo o que esteja relacionado com dinheiro.

Sentimental; Semana muito positiva com os seus níveis de entendimento amoroso a atingir um momento alto. Aproveite este período para esclarecer algumas dúvidas passadas. Para os nativos deste signo que não têm compromissos sentimentais, esta é uma boa fase para iniciar uma relação.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; No aspeto financeiro poderá surgir um contratempo inesperado. Seja objetivo na forma como soluciona as questões que envolvam dinheiro. Poderá iniciar-se uma fase delicada que convém desde já ficar atento. Sentirá alguma dificuldade em fazer frente aos seus compromissos.

Sentimental; Período um pouco conturbado em que a palavra-chave será a tolerância. O diálogo e a entrega poderão ser a terapia certa para este aspeto, desde que não exagere no seu desejo de saber mais do que é necessário e aconselhável.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; A sua situação económica pode-se considerar um problema que terá alguma dificuldade em ultrapassar. Depende de si, das suas capacidades e da sua força interior ultrapassar pela positiva esta fase. No entanto, tenha presente que este aspeto requer muita atenção.

Sentimental; Neste aspeto, não espere muito deste período. As suas relações sentimentais deverão ser bem avaliadas e não tome atitudes precipitadas. Por outro lado, tenha presente que não é isolando-se que os problemas se resolverão. Um diálogo esclarecido e lúcido poderá ajudar a superar este aspeto.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; Algumas dificuldades poderão perturbar o seu equilíbrio emocional. Despesas já esperadas serão motivo de alguma preocupação. Esteja muito atento a tudo que se encontre relacionado com dinheiro. Não sendo uma solução, é aconselhável que seja moderado com as despesas pessoais.

Sentimental; A sua sexualidade está em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance. Acarinhe e aproxime-se mais do seu par. Para os que estão só, este é um momento muito favorecido para iniciarem uma relação.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; Alguma estabilidade no aspeto financeiro não significa que gaste em excesso. Vai iniciar um período em que terá de efetuar algumas despesas e se não gerir bem as questões de ordem financeira poderá ter alguns problemas. Como este aspeto não se apresenta a nível geral com grandes perspectivas convém que esteja atento a tudo que se encontre relacionado com dinheiro.

Sentimental; Caso tenha par este é um período bastante agradável. Esta semana é propícia a uma conversa que poderá ter uma grande influência num futuro próximo. Tente ser um pouco mais carinhoso.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; Poderá verificar-se uma pequena dificuldade financeira que em nada alterará este aspeto. Não gaste mais do que o aconselhável. Está a atravessar um período que exige cautelas dobradas. As dificuldades são mais motivadas por problemas comuns a toda a sociedade e não se trata de culpa pessoal.

Sentimental; A sua grande capacidades de amar, a sua necessidade de entrega poderão tornar esta semana bastante agradável e positiva. Para os que não têm uma relação amorosa é o momento certo para conhecerem alguém que poderá ter uma grande importância no seu futuro imediato.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; Cuidado com alguns excessos em matéria de despesas. Embora a semana se preveja positiva, não se exceda em gastos, especialmente se não se justificarem. De qualquer forma, seja cauteloso na área financeira. Alguns compromissos poderão criar-lhe dificuldades temporárias.

Sentimental; O seu par deverá merecer mais atenção da sua parte. Um pouco mais de intimidade contribuirá de uma forma muito positiva no equilíbrio deste aspeto. O diálogo será talvez o melhor caminho para que a relação não seja excessivamente atingida.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças; Dias a revelar uma fase marcada por algumas dificuldades. É aconselhável que tome as suas precauções. No entanto, não dramatize a situação. A objetividade e a lucidez poderão ser uma grande ajuda durante todos estes períodos.

Sentimental; Aspeto um pouco conturbado com algumas interferências de terceiros na sua vida sentimental. Seja forte, não se deixe conduzir por tentativas externas de lhe complicarem a vida no que ela tem de mais íntimo. Uma coisa é certa, o isolamento e o silêncio não ajudam em nada a resolver e minorar as relações.

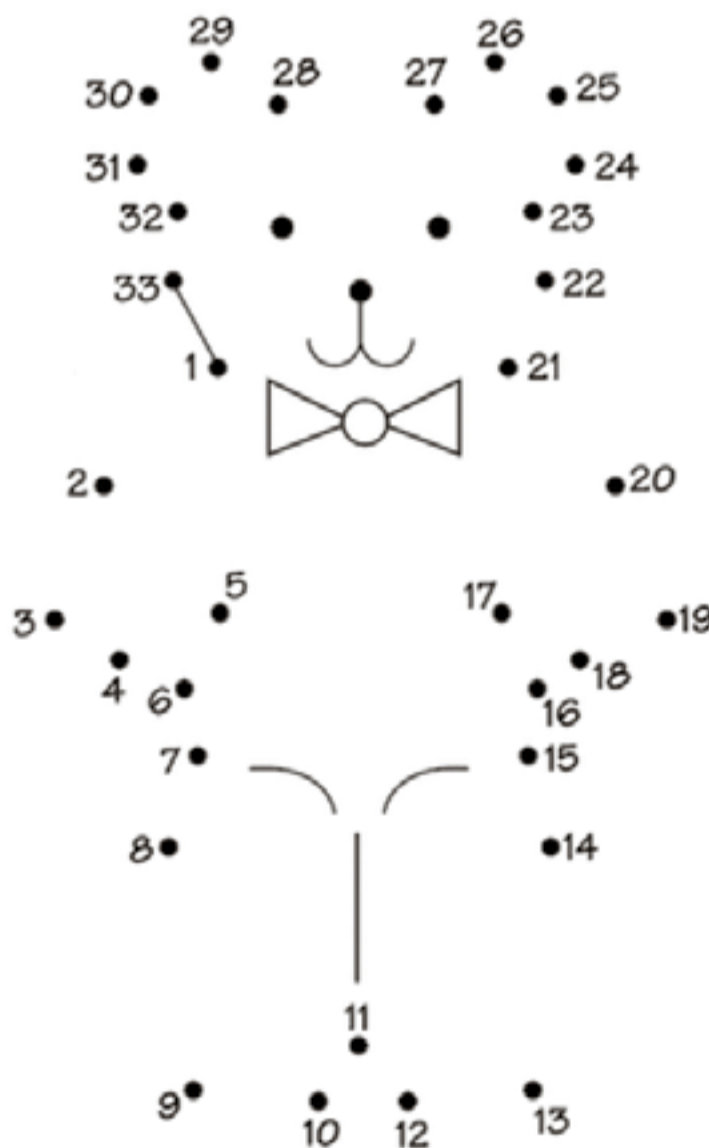
PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1. Anteparo para resguardar os olhos da claridade molesta. Latir dolorosamente. 2. Escudeiro. Tocar buzina. 3. De cera. Manifestação do apetite sexual, nos animais, nas épocas próprias da reprodução. 4. Dispositivo para converter pressão em velocidade. Prepara (alimentos) ao fogo. 5. Doçura (fig.). Lugar de muita areia. 6. Memória de computador. Entes puramente espirituais. 7. Não continuar. Um dos quatro naipes das cartas de jogar. 8. Outra coisa (ant.). Folha fina cortante. Contração de "em" com "a". 9. Membrana externa de alguns frutos, sementes ou tubérculos. Estar dorido. 10. Organização das Nações Unidas (sigla). Calçado que se prende ao pé com tiras de couro. 11. Santificar. Rio suíço.

Verticais: 1. Mancebo nobre que acompanhava um príncipe ou um fidalgo na guerra. Palácio real ou episcopal. 2. Suspiro. Fúnebre. Nosso Senhor (abrev.). 3. Que tem lóculos separados por septos (Bot.). Haste terminada em bico. 4. Tens a natureza de. Sem brilho. 5. Pão de milho. Triturar. 6. Hostilidade. Linda. 7. Oportunidade. Vinho, como excipiente medicinal. Presidente da

República (abrev.). 8. Nome da letra grega correspondente a n. Bebida refrigerante preparada com sumo de caju, açúcar e água (Bras.). 9. Sem cor. Interjeição que designa dúvida ou menos-prezo. 10. Órgão das plantas vasculares de fixação e absorção, normalmente subterrâneo. Sono curto (fam.). 11. Cortar e triturar com os dentes. Curar.

LIGA OS PONTOS



SUDOKU

1			2		7			5
				3		8		
	8		6					
5			9	2	3	1		4
	6		8		4		2	
4		2	7		6			3
					2		9	
		6		9				
3			4		5			8

7				2			1	
8	2				6			
			3		4			5
	3		8					
		9				1		
					5		9	
5			7		9			
			5				8	7
	8			1				4



BDF ●●●●●
Beiersdorf

NIVEA
FOR MEN

DESODORIZANTE QUE PROTEGE POR 48H E O MANTÉM SECO

- Fórmula única com minerais activos
- 48h de confiança e proteção anti-transpirante
- Mantém as axilas perfeitamente secas

www.NIVEAFORMEN.com

WHAT MEN WANT

